# A CIDADE DOS CONDENADOS

*Avelino Gomes Moreira Neto*



MaanaiM

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# A CIDADE DOS CONDENADOS

## De Avelino Gomes Moreira Neto

**Copyright © 2005 by Avelino Gomes Moreira Neto**

**Todos os direitos reservados ao autor**

**Às minhas netinhas Juju e Bebela, bem como aos amigos, pelo ânimo que dão à minha vida.**

# SUMÁRIO


ORELHAS
CONTRA-CAPA
Prefácio
Explicação necessária
O Domingo
A Ideia dos técnicos
O Encontro
Ainda os presos
O andamento do projeto
A Resistência
A Preparação
A Transferência
A Cidade
O Primeiro comparecimento da Comissão
Novamente a Cidade
A Paixão
A Religião
A Segunda visita da Comissão
Outra vez a Cidade
De volta à Professor
Terceira visita da Comissão
De volta à Cidade
O Dinheiro
Surge um problema
A Cidade continua a se desenvolver
As Vidas íntimas
A Fuga

**A Última visita da Comissão**
**Ainda sobre os últimos acontecimentos**
**A Organização política**
**A Exposição**
**A Cidade de Iolanda**
**A Tentativa de fuga**
**A Chegada das mulheres**
**O Papel-moeda**
**A Visita solicitada por Iolanda**
**A Televisão**
**Cinco anos depois**

# ORELHAS

A leitura de A Cidade dos Condenados instiga, inevitavelmente, a reflexão sobre a pena privativa de liberdade -a prisão- e, também, sobre a tirania nas relações de poder.

Com uma linguagem ágil e envolvente, despertando sempre a curiosidade do leitor, Avelino cria uma encantadora novela.

Quinhentos condenados, de vários pontos do país, são selecionados para uma experiência ímpar: habitar uma cidade especial, onde será cumprida a pena, possibilitada a companhia da família. Essa Cidade dos Condenados situa-se num local de natureza privilegiada, com matas, rios, cachoeiras. Mas é toda cercada por grandes muralhas, cujos guardiões permanecem do outro lado a fuga era impossível. E sua localização é ignorada pelos presos e pela sociedade, para ali transportados sigilosamente, sem conhecimento do seu destino.

A organização da Cidade é de responsabilidade integral dos presos. E passam a desenvolver-se as disputas, os conflitos, as contradições, os desejos. Surge a liderança do Professor, que estabelece um sistema punitivo. E a liderança de Iolanda, personagem admirável.

À lembrança vem O Alienista, de Machado de Assis: o médico alienista Simão Bacamarte cria a Casa Verde, local de pesquisa científica e tratamento da loucura, para onde são recolhidos quase todos os habitantes da cidade. O médico cientista ensina: “Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes”.

Simão Bacamarte, porém, morreu solitário na Casa Verde, cuidando de si mesmo, último e único Paciente.

O Movimento da Luta Antimanicomial tem conseguido transformar o modelo das políticas públicas de saúde mental, deixando para trás o modelo asilar da segregação hospitalar, reconhecendo-se a pessoa portadora de sofrimento psíquico como cidadão e como sujeito: a Lei 10.216, de 06/04/2001, dispõe sobre esse redirecionamento na assistência em saúde mental.

Em relação ao crime, dá-se o inverso: quer-se mais prisões, mais rigor nas penas, mais segregação.

Quem sabe, a leitura de A Cidade dos Condenados não poderá contribuir para a mobilização de uma luta antiprisional?  Uma luta pela liberdade, pelo

reconhecimento da cidadania para todos.
*Sérgio Verani*

# CONTRA CAPA

Num modo de dizer às vezes de veludo, quase ciciante, macio; às vezes cru, impiedoso, duro; com frequência ou sempre? Generoso e compreensivo desmonta-se o maniqueísmo amigo da inércia mental.

Cuidando de presos e prisões, de crimes e criminosos, de bandidos heróis e heróis bandidos, o romance se espraia num mar de inquietações doridas.

Com uma certeza a orientá-lo: ninguém é inteiramente bom, ninguém é completamente mal. São todos, todos somos humanos. Com falhas e virtudes.

De outra parte, o livro permite compreender por que as terras novas, das Américas, da Oceania, populacionadas pelos delinquentes desterrados da Europa, viram nelas forjarem-se países, nações de verdade, algumas donas de grande magnitude nestes novos tempos.

Instigante, mas translúcido, prende da primeira à última palavra.

*Augusto Thompson*

# PREFÁCIO

“Do rio que tudo arrasta, se diz violento: mas ninguém
diz violentas as margens que o comprimem”.

“Rebelião em cadeia acaba com chacina entre presos”.
O Globo, 1º junho de 2004, Rio de Janeiro.

“Inquisição do tráfico mata 30 presos.
Integrantes da facção criminosa julgaram, decapitaram,
mutilaram e queimaram adversários na Casa de Custódia.”

JB, 2 de junho de 2004, Rio de Janeiro.

Da primeira cadeia, ninguém esquece... quem conheceu cadeia, em qualquer condição, dela não consegue libertar-se, em qualquer sentido, e quase sempre volta.

Aqui e acolá, em rodas de conversa, em quaisquer ambientes, quem viveu cadeia é requisitado para transmitir sua opinião.

No Brasil, em matéria de “soluções” para a problemática da fracassada pena de prisão, em cada mesa de conferências ou de botequim, pululam geniais “penitenciaristas”.

Ora, a única função da cadeia é manter a disciplina e evitar fugas, sabendo todos que não há casos de diretores, secretários, governadores ou ministros responsabilizados pela reincidência do preso, pois deste ninguém quer saber a cadeia somente vira manchete quando ocorrem motins ou fugas, ocasiões em que “tudo será rigorosamente apurado, doa a quem doer”.

A confirmar a primeira assertiva deste prólogo, o veterano *candeeiro* Avelino Gomes Moreira Neto, em sua novela inaugural, licenciando-se da aposentadoria, imagina a “sua” cadeia, partindo de uma rebelião da qual emerge a liderança de Professor.

Após um arreglo (ou arrego, por que não?) do Estado, aceito pela massa enclausurada, o autor funda as bases da que chamou “cidade dos condenados”, uma espécie nativa de degredo ou exílio local com as mesmíssimas mazelas das cadeias já conhecidas.

Tangenciando os lindes do chamado realismo fantástico tão em voga, o novelista

enredará o leitor na trama e este tornar-se-á refém da narrativa coloquial e simples que exprime, de alguma forma sutil, sua convicção de que cadeia não tem saída sem trocadilhos, na realidade e na ficção.

Encurtando estas linhas que já vão longas, previna-se o leitor de que será levado a meditar sobre o assunto, pois toda ficção tem base na realidade.

*Mário Tobias Figueira de Melo Filho*

# A CIDADE DOS CONDENADOS

Caminhante não há caminho. O caminho se faz ao caminhar.
*(pensamento espanhol)*

General, o homem é muito útil.
Sabe voar, sabe matar.
Tem, porém, um defeito:
Ele sabe pensar.
*(Bertold Brecht, Antologia poética, p.46)*

# EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

A transgressão às normas de convivência social sempre foi um fenômeno visível. Em alguns países transformou-se mesmo em preceito. De tal modo que as pessoas sentem-se frustradas quando não levam vantagem ou enganam seus semelhantes. Tais atitudes de tão comuns, tornaram-se regras para uma elite social. As cadeias existem para punir as transgressões. Porém, em decorrência da estrutura social vigente, apenas uma determinada classe, salvante as pequenas exceções, é penalmente punida com a prisão: os pobres.

No entanto, mesmo com a clientela assim selecionada e, portanto, reduzida, as cadeias estão superlotadas e surgem vários problemas relacionados com a convivência em tais ambientes. A situação acaba por envolver presos, guardas e funcionários, assim como os visitantes dos sentenciados. Incapaz de gerir as questões penitenciárias do dia a dia sem alocação adequada de verbas e faltando interesse para isso, o poder público fecha os olhos e faz de conta que não vê. A situação atual apresenta-se pior que à época da colonização, quando era aplicada a pena de desterro e os condenados saíam de sua terra para povoar outras inteiramente desconhecidas. Naquele tempo o desterro representava verdadeira liberdade, e a responsabilidade direta do Estado deixava de existir. Entretanto, a experiência teve uma interrupção abrupta e não foi possível o seu prosseguimento até o ponto imaginado neste livro.

Nele, tudo acontece quando a administração pública percebe a impossibilidade de gerir as cadeias nos moldes existentes e uma nova concepção é engendrada. A partir da visão de um grupo, o país mobiliza-se a favor de um projeto de mudança e sua implicação se dá segundo o modelo que se verá aqui.

Parece que o momento é também adequado para destacar a figura do preso alcunhado Professor. Abandonado na maternidade no terceiro dia de nascimento, viveu em um orfanato durante um ano. Foi então adotado por um casal de professores que, de bom deixou-lhe instrução e conhecimentos para sempre guardados, além da alcunha carregada ao longo da vida. No entanto o casal não o tratava como a um filho e logo, sob a influência das amizades e de sua própria inteligência, comete delitos que acabam por levá-lo à cadeia.

A mudança para a Cidade dos Condenados que os leitores vão conhecer ao longo da história faz com que Professor descubra um novo mundo, o que o estimula, inclusive, a adotar uma atitude que já não fazia parte de seus planos.

Aliás, Iolanda que seria digna de estudo mais aprofundado, não cumpria pena, não obstante ter ido parar em uma cadeia. Possuía razoável instrução e, além de

tudo, era muito bonita. Ao longo da história, o leitor cai na tentação de admirá-la.

Os demais personagens compõem o quadro indispensável ao contexto da narrativa. Sentem a realidade das prisões e as dificuldades de adaptação ao que constitui uma nova maneira de viver.

Com tais explicações podemos começar.

# O DOMINGO

Domingo, 13 horas. A penitenciária estadual estava repleta de visitas. O excesso de presos fazia com que estas se espalhassem pelos pátios, já que a administração havia decidido abandonar os parlatórios, visando, por um lado, uma maior integração entre os reclusos e seus familiares e, por outro, suprir a falta de funcionários para o cumprimento das tarefas triviais.

Enquanto as crianças se reuniam e brincavam nos espaços vazios, os adultos namoravam nos bancos e recebiam o afago de parentes e amigos, além de conversar sobre os mais diversos assuntos, inclusive as fugas, caso a conversa não comprometesse algum plano.

Como de costume, os guardas penitenciários acompanhavam todos os movimentos à distância. Confiavam na eficiência de seus presos alcoviteiros, assim como na ordem imposta pela liderança daquela turba. Sob esse aspecto, havia certa compreensão de ambas as partes.

Os reclusos já não utilizavam uniformes como outrora. Observando-se o pátio, ficava difícil distinguir quem era preso. Este fato, além de enfraquecer a segurança, causava má impressão e intranquilidade.

À saída das visitas, o controle era feito através de crachás distribuídos na entrada em troca do cartão de identificação, que nessa ocasião era devolvido. Ainda que fosse um meio razoavelmente seguro, vez por outra um preso saía utilizando o crachá de sua visita e só restava à administração conduzi-lo à delegacia de polícia para que fosse autuado em flagrante por crime de menor gravidade.

Em geral os dias e horários eram os mesmos para todas as cadeias do estado, sendo privilegiados os feriados, inclusive sábados e domingos.

O excesso de presos e a consequente insuficiência de vagas faziam com que o estado abandonasse a ideia de fornecer uniformes e de prover ele próprio trabalho para a população carcerária; aos poucos, abdicava da disciplina e da própria segurança das penitenciárias, comprometendo, desse modo, a paz da população. Esta, obedecidos seus matizes, provia a si própria a melhor maneira de viver.

Além das fugas eventuais, já se tornara comum a ocorrência de pequenos motins, alguns coroados de êxito, outros abortados pela ação da polícia e dos guardas penitenciários. Ante a falta de uniformes, estes últimos acabavam por confundir-se com os próprios prisioneiros.

A questão penitenciária, aparentemente insolúvel, provocou o abandono do sistema por parte dos governos, que o mantinham apenas pela sua

inevitabilidade. Aos poucos, os funcionários mais bem preparados foram substituídos pelos próprios guardas, os salários foram se reduzindo, as concepções mais arrojadas foram cambiadas pela prática da corrupção e da violência.

Os pátios, nos dias de visitas, retratavam essa conjuntura. A um primeiro exame, era impossível distinguir os personagens. Um desavisado não saberia se estava numa penitenciária ou numa casa de loucos.

Tal situação, que não se restringia aos dias de visita, liberava os presos para pensar e agir segundo suas próprias concepções e possibilidades. Era comum a reunião de grupos planejando venda de tóxico no interior da cadeia, com a surda anuência de guardas remunerados para a consecução desse objetivo. Era também trivial a existência de reclusos planejando fugas e motins.

Formava-se, àquela altura, um grande grupo com finalidade bem mais sofisticada. Tinha ele a pretensão de impor sua vontade às autoridades do estado, de modo a poder realizar seus projetos e administrar seus negócios livremente. A prisão já não representava a interrupção das ações. Havia ramificações com criminosos em liberdade e formava-se assim um verdadeiro exército. O grupo espalhava-se por várias outras penitenciárias do estado. Tudo, segundo se dizia e a imprensa divulgava, a partir de uma célula externa que cuidava das operações, inclusive gerenciando os objetivos dos prisioneiros.

O dia de visitação continuava. No entanto, às 16h30, os guardas mais próximos do pátio onde se encontravam os visitantes foram dominados por presidiários com o rosto encoberto por capuz e munidos de armas de fogo. Os visitantes foram dominados por outro grupo, cujos integrantes também usavam máscaras. Os amotinados informaram que, estando a situação sob controle, todos seriam libertados.

Apesar da promessa, o pânico inicial foi inevitável. Afinal, não se sabia quem eram aqueles homens mascarados e, portanto, se deviam ou não ser obedecidos. No entanto, acalmadas pelos presos aos quais visitavam, as pessoas deixaram-se dominar.

Logo, alguns dos guardas foram conduzidos à presença da liderança, rendidos por prisioneiros encapuzados. Em seguida, um dos líderes determinou a retirada dos reféns. Nove ao todo, devidamente acompanhados, para um dos cômodos da penitenciária.

Pouco depois a polícia cercava a área e agentes com treinamento especial se esgueiravam por locais vizinhos ao pátio. Outros cercavam o prédio e esperavam ordens indicativas do próximo movimento. Já alguns repórteres começavam a

chegar e populares se aglomeravam nas proximidades, ávidos por testemunhar os fatos. Parentes e amigos dos presos, informados dos acontecimentos pelo rádio, também acorriam ao local, demonstrando preocupação com o desfecho da situação.

Emissoras de rádio e tevê noticiavam o que classificavam como uma rebelião. Por outro lado, reclusos e policiais, assim como os jornalistas, já tinham conhecimento de ações semelhantes desfechadas em outras unidades penitenciárias naquele mesmo dia e hora. As notícias davam conta de que, em tais instituições, os guardas haviam sido dominados e as visitas continuavam detidas, tudo como ocorrera na capital.

Eram cerca de oito horas da noite quando o diretor do sistema penitenciário, que se encontrava no estabelecimento central, foi chamado ao telefone. Uma voz grave, notoriamente disfarçada, anunciou que falava em nome do grupo que se autodenominava Comando Único. Informou que nove unidades no estado estavam controladas por reclusos e em todas havia funcionários tomados como reféns. Como prova de boa vontade, seriam libertados 80% dos visitantes detidos. Depois dessa providência, o grupo voltaria a falar com as autoridades. O diretor não teve tempo de articular uma palavra sequer. O telefone foi desligado. Minutos após, as visitas começavam a sair.

Já haviam se passado cerca de seis horas e vários reféns continuavam em poder dos presos. A liberação inicial dos visitantes não alterara a situação, pois alguns ainda estavam retidos e, mais importante, havia funcionários em poder dos insurretos. Os comandantes das guarnições, os diretores das cadeias e, no caso do estabelecimento principal, o diretor-geral do sistema penitenciário estavam reunidos na sala de comunicação. Deliberavam sobre o momento de agir e procuravam identificar, através das escalas de plantão e informações dos funcionários, quais os que haviam sido transformados em reféns.

Entre as autoridades surgira uma discussão acerca do significado da detenção inicial das visitas, todas, afinal, pessoas ligadas aos próprios presos. Prevaleceu a ideia de que os grupos precisavam, inicialmente, confundir o poder público e, em última análise, acomodar seus reféns em locais seguros, com o objetivo de evitar represálias.

Outra constatação dizia respeito ao uso de aparelhos telefônicos celulares. Isso explicava a sincronia dos movimentos revoltosos, considerando-se o número de estabelecimentos atingidos. Tal circunstância sugeria a existência de uma central instalada em algum lugar, encarregada de transmitir as ordens. Entretanto, a prioridade era libertar os reféns e identificar os articuladores do movimento. Com todos os visitantes fora da cadeia, o passo seguinte seria planejado de

forma a evitar, tanto quanto possível, colocar em risco a vida dos reféns.

Àquela altura, já o governador do estado estava em contato permanente com as demais autoridades e alguns de seus principais auxiliares haviam chegado à penitenciária central, a fim de acompanhar o desenvolvimento do movimento e sua repressão.

As autoridades decidiram atender aos telefonemas dos presos até conhecer seus objetivos. Incomodadas com a demora da libertação dos visitantes, determinaram que policiais se aproximassem do local, de modo a serem vistos pelos insurretos. Dariam, assim, uma demonstração de temeridade e da disposição que as animava.

Ainda não se estabelecera um diálogo com os amotinados quando o telefone tocou. Alguém se apresentou como representante do movimento. As autoridades atenderam dentro da concepção que já haviam adotado. Era necessário tomar conhecimento das pretensões.

Após rápidas palavras, foram feitas as exigências e sugerido o comparecimento de duas autoridades ao corredor da terceira galeria para tomar ciência da situação dos reféns. Enquanto os designados se dirigiam ao local, as exigências foram examinadas. Os presos queriam carros para fuga de 15 sentenciados na penitenciária central e cinco em cada um dos demais estabelecimentos; transferência de 50 detentos para instituições a serem indicadas pelos mesmos; exame, dentro de trinta dias, dos processos de livramento condicional e indulto parcial para todos os reclusos, assim como perdão para as faltas disciplinares cometidas no último ano e acomodação dos restantes em locais com número de vagas compatível.

As autoridades concluíram que, naquela situação, mesmo que as reivindicações fossem justas - e algumas não eram-, não seria caso de atendimento, o que tiraria da administração o poder de decidir. Tudo o mais seria pensado depois, sem a participação dos presos. Além disso, em razão do tempo já transcorrido, os policiais começavam a ficar nervosos. Era preciso agir.

Até aquele momento, toda a iniciativa tinha ficado a cargo dos presos em razão dos reféns, visitantes e guardas que estavam sob seu domínio. No entanto, isso não impediria a ação a ser adotada, pois do contrário haveria uma flagrante quebra de autoridade. Fossem quais fossem as consequências, o controle seria devolvido ao estado, seu legítimo detentor. Teve início, portanto, o exame das hipóteses de intervenção.

Mal as autoridades haviam começado tal exame, os emissários regressaram do pavilhão 3. Trouxeram a notícia de que as visitas seriam libertadas em seguida e

que nove guardas, feitos reféns na penitenciária central, estavam recolhidos em local da conveniência dos presos e só seriam libertados, assim como os das demais cadeias, depois do cumprimento das exigências. Para que tal ocorresse sem percalços, os reclusos exigiam a presença do juiz da Vara de Execuções Criminais.

A liberação dos visitantes em todas as instituições sublevadas deu-se logo a seguir. Os lideres do movimento estavam preocupados com a quantidade de pessoas a serem vigiadas, pois não tinham como saber quem apoiava verdadeiramente o levante. Certificaram-se de que em todos os estabelecimentos os reféns estavam em local seguro e só então as autorizaram a partir.

Tão logo se viu apenas com os guardas sob seu domínio, o líder do motim, conhecido da população carcerária como Pulga, reuniu sua *entourage* na sala ao lado da qual estavam os detidos e disse-lhes, mais uma vez, que não tinha certeza do êxito do levante mas, àquela altura, já uma vitória que poderia ser contabilizada: nunca na história do sistema penitenciário do Brasil, um movimento articulado atingira tantas cadeias no mesmo dia, à mesma hora, com as mesmas reivindicações e uma única liderança. Fosse qual fosse o resultado, a ideia já havia sido lançada. Pulga estava consciente de que as autoridades não aceitariam todas as exigências. Naquele momento, era preciso coragem e disposição de todos os participantes.

Concluída a rápida reunião, Pulga voltou ao local onde se encontravam os reféns, assim como seus sentinelas. O semblante dos aprisionados era de pavor. Estavam todos amarrados com cordas feitas de lençóis e alguns já exibiam hematomas provocados pelas agressões dos prisioneiros mais nervosos. Pulga disse-lhes que tudo correria bem caso se comportassem segundo suas recomendações e as autoridades atendessem as reivindicações dos revoltosos. No entanto, qualquer deslize seria punido com a morte. Os reféns não disseram uma palavra. No entanto seus rostos exprimiam incerteza e insegurança.

Enquanto isso, o comando reunia seus assessores e estabelecia os termos da reação. Em primeiro lugar, seria dado um pequeno prazo para que os reféns fossem libertados. Caso tal exigência não fosse atendida, a galeria seria invadida por policiais. A mesma ordem seria transmitida aos demais estabelecimentos.

Um funcionário foi encarregado de informar aos amotinados a recusa das autoridades em aceitar as condições, assim como a concessão do prazo de 15 minutos para a libertação dos reféns na penitenciária central e nas demais unidades. Transcorrido o tempo estipulado, a reação se daria sem aviso prévio.

Instruídos por meio de um megafone a entrada da terceira galeria, os revoltosos

mantiveram-se, inicialmente, em silêncio. Pouco depois, o mesmo Pulga, ainda ao telefone, comunicou estarem os amotinados preparados para responder a qualquer tentativa de resgate dos reféns, acrescentando que estavam dispostos, inclusive a morrer.

Ante tal posição, os policiais próximos ao local foram alertados, já que se aproximava o momento de agirem, tendo em vista o estado das negociações. Na ocasião, foram informados quanto ao número de agentes penitenciários em poder dos presos e sobre o que deveriam fazer para libertá-los tão logo recebessem ordens. As mesmas instruções foram transmitidas aos demais estabelecimentos. Iniciou-se, então, a segunda fase da operação: a ausência de contato. O silêncio haveria de provocar insegurança nos prisioneiros.

A noite ia alta e a falta de alimentação começava a preocupar os amotinados. Os poucos sanduíches de que dispunham já haviam sido consumidos. No entanto, seria preciso alimentar os reféns, pois sem eles não haveria negociação possível. Já era madrugada quando recorreram ao telefone. A voz que os atendeu mostrou-se pouco disposta a ouvir qualquer reivindicação, desfazendo imediatamente o contato.

Estava estabelecido o dilema. Continuar naquela posição não era possível. Os reclusos resolveram, então, sair com os reféns tão logo o dia amanhecesse. Assim, uma eventual perseguição seria debelada com maior facilidade. Restava decidirem quanto à situação dos presos das demais cadeias, tendo em vista a necessidade de um comando único.

Concluíram que nos outros estabelecimentos, para segurança de todos, não haveria fuga. O comando seria muito prejudicado com as pessoas dispersas. A orientação foi imediatamente repassada.

Tais decisões precisavam ser submetidas às autoridades, sobretudo a exigência que a rigor sobrara: queriam quatro carros para a fuga na hora estabelecida. Os demais presos ficariam à espera das providências reivindicadas ao poder público. Só na penitenciária central haveria evasão.

Cuidaram em seguida da seleção dos 15 reclusos que, sob o comando de Pulga, iniciariam o processo. Os restantes recolher-se-iam aos seus cubículos, deixando as máscaras no corredor, e aguardariam as providências das autoridades com relação às reivindicações remanescentes. Só então os fugitivos libertariam os reféns ainda retidos. Nas outras unidades, os guardas detidos seriam trancafiados e, em seguida, os presos abandonariam as suas máscaras e se recolheriam, de modo que fosse impossível identificá-los.

Mesmo com a pretensão reduzida, Pulga, assim como todos os amotinados,

estavam cientes de que o desfecho era imprevisível. Estavam certos, porém, de que alguma coisa deveria ser feita. A vida e a morte eram, para eles, duas faces da mesma moeda.

A comunicação com as autoridades foi restabelecida em face da insistência. Fizeram os insurretos, então, sua principal exigência, esclarecendo que, com vistas ao fechamento do acordo, todos os presos se recolheriam aos seus cubículos, inclusive os dos demais estabelecimentos.

Examinadas as demandas, a chefia das operações concluiu ser a proposta dos presidiários a melhor solução para vencer o problema sem maiores traumas. Os carros seriam fornecidos, mas a saída da cadeia não seria permitida, fossem quais fossem as consequências.

Os amotinados já podiam avistar os veículos estacionados no pátio central. Às 7h40, Pulga informou às autoridades que sairiam com os reféns, e que sofreriam represálias diante de qualquer reação contra o grupo. Os policiais se posicionaram ao longo do percurso e era grande a afluência de jornalistas e do público na parte externa da penitenciária.

Eram exatamente 8 horas quando cinco pessoas saíram pela porta principal do presídio. Não era possível identificá-las. Um lençol as recobria quase que inteiramente. Dirigiam-se a um dos automóveis e quiseram partir de imediato. Entretanto, o comandante da guarnição posicionou-se no sentido de que só seria possível a saída de todos de uma vez.

Não havia alternativa. Depois de breves comunicações, os demais saíram nas mesmas condições e tomaram assento nos outros veículos. A voz de Pulga irrompeu sob um dos lençóis e exigiu a abertura do portão central, tendo em vista que, da parte do grupo, as condições haviam sido cumpridas.

Nesse momento, próximo às viaturas, o comandante informou em alto e bom som que as autoridades consideravam o motim encerrado e, assim, não haveria ordem para abertura dos portões. Os amotinados deveriam sair dos veículos sem os cobertores e jogar suas armas no chão. Quanto aos reféns, deveriam dirigir-se ao portão central da penitenciária, onde eram aguardados por um corpo médico e por policiais. Acrescentou que a frota estava cercada por agentes devidamente protegidos e que o poder público decidira não permitir a fuga, o que quer que viesse a acontecer.

Inicialmente fez-se silêncio. Após alguns instantes, um carro foi ligado, enquanto em outro iniciava-se uma briga atrapalhada pelos lençóis. O barulho da disputa atraiu os ocupantes das demais viaturas e também nelas iniciou-se uma verdadeira assuada. A que estava ligada tentou deixar o local, porém foi

impedida por um tiro, que não se pode determinar de onde partira. Seu motorista, um dos guardas rendidos, morreu instantaneamente e o veículo se chocou contra o muro.

A reação dos policiais que cercavam o local e dos agentes da cadeia que circulavam a esmo foi imediata e independente de comando. Tiros e ordens de rendição se confundiam na confusão formada. Em poucos minutos, havia corpos no interior dos automóveis e espalhados pelo chão sobre poças de sangue. Nenhum deles se mexia. Aparentemente todos -guardas e presos- estavam mortos.

No entanto, com a aproximação dos policiais, foi constatado que dois guardas e um preso ainda viviam. Enquanto os dois primeiros foram levados de ambulância para um pronto-socorro, o prisioneiro foi colocado numa maca e conduzido para o hospital penitenciário, ao lado da prisão, onde chegou morto.

Inicialmente, a circunstância de o preso ter chegado morto ao hospital não despertou qualquer suspeita. Entretanto, o laudo cadavérico foi enfático: a morte ocorrera por asfixia. As lesões causadas no tiroteio não seriam suficientes para subtrair-lhe a vida.

Diante de tamanha evidência, a autoridade policial iniciou suas investigações tentando identificar as pessoas que haviam encaminhado a vítima até o hospital. As descobertas foram surpreendentes. Os enfermeiros haviam sido afastados das macas e o ferido fora conduzido por indivíduos sem uniformes que se diziam guardas penitenciários. No entanto era impossível identificá-los, pois estes eram muitos.

Nada foi apurado, nem com relação a essa morte, nem com relação ao tiroteio anterior, no qual várias pessoas morreram. Sentia-se, não obstante, entre as autoridades, o clima de êxito por terem evitado a fuga, assim como as discussões acerca da exigência dos presos. As mortes eram encaradas como consequência do entrevero.

Durante vários dias os fatos ocuparam os jornais, tanto do que dizia respeito aos comentários sobre os acontecimentos, quanto a entrevistas e noticiários. Mas todos esperavam novas rebeliões nas penitenciárias, pois ficara evidente uma organização dos reclusos que já se espalhava por todo o estado, dentro e fora das prisões. Ficara evidente, também, a incapacidade do estado de investigar. Situações que deveriam ser esclarecidas para demonstração de eficiência da administração, não o eram, e as autoridades se davam por satisfeitas com o simples abortamento de uma ação.

# A IDEIA DOS TÉCNICOS

Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
*Fernando Pessoa*

Aquele acontecimento, assim como outros recorrentes, eram objeto de estudos e reflexão por uma equipe esclarecida de técnicos que trabalhava no sistema penitenciário. Para eles, havia chegado a hora de expor suas ideias ao escalão superior.

Desde muito, debatiam a questão penitenciária e formas de se viver sem medo em sociedade. Havia uma concepção filosófica em torno do assunto, sobretudo a partir de estudos sobre a evolução da pena e da sociedade. A equipe dedicara muito tempo ao estudo do degredo. Sentia-se, assim, em condições de propor soluções para a questão.

Não foi difícil. Os últimos acontecimentos ainda fervilhavam. Já com a ideia exposta aprovada pela chefia do órgão, a equipe marcou entrevista com o dirigente máximo daquela área. Seus integrantes compareceram ao encontro convictos de que trilhavam o caminho certo. Não julgavam correto guardar para o grupo uma solução que interessava a toda a sociedade.

# O ENCONTRO

O caos é uma ordem por decifrar.
*José Saramago*

A conversa da equipe com a referida autoridade foi produtiva. Após o levantamento das preocupações que mobilizavam a todos, sobretudo diante do quadro dos últimos tempos, envolvendo presos, criminalidade e a administração do estado, foram discutidas as preocupações com o sistema penitenciário, bem como com a condição dos cidadãos constantemente ameaçados pelas repetidas rebeliões nas prisões e pela turba de criminosos soltos nas ruas. Todos sabiam que aquele não era um problema apenas penitenciário, mas dadas suas proporções, havia de ser pensado separadamente.

Os integrantes da equipe disseram já ter lido muito a respeito, desde a literatura nacional até os escritos de diversos países. Haviam constatado, em primeiro lugar, entre os principais escritores e a lei, uma terrível incongruência: enquanto esta, dentre as obrigações do estado, previa a recuperação do apenado, aqueles falavam da impossibilidade de se obter esse resultado através da prisão. Segundo exemplificava determinado autor, tal recuperação seria o mesmo que esperar que um atleta, ao preparar-se para uma grande corrida, ficasse deitado por vários dias. A autoridade começava a interessar-se. Pediu-lhes que continuassem a exposição.

Ora, disse um dos técnicos, a relação entre presos e guardas tornou-se promíscua, possibilitando a ocorrência de rebeliões armadas, como a que se deu recentemente, assim como a entrada nas penitenciárias de tóxicos, armas e outros objetos proibidos. Além disso, segundo as estatísticas oficiais, o número de pessoas presas é infinitamente menor do que o de condenados soltos. Isso evidencia a incapacidade oficial de resolver o problema. A intensa onda de crimes cometidos, sobretudo nas grandes cidades, denuncia tal situação.

Em seguida, o orador discorreu sobre a criminalidade. Segundo os relatos bíblicos, Caim matara seu irmão Abel. O móvel desse crime fora o ciúme. Não agira Caim movido por outro sentimento. Ao contrário, nas grandes cidades do país, o crime vinha sendo cometido, por pessoas isoladas ou por grupos, como uma pratica do dia a dia. A situação econômica, que beneficiava apenas uma casta, era sua grande deflagradora. O crime havia se transformado em profissão, virara regra de conduta de parte da população. As crianças nascidas em determinados lugares, sobretudo em favelas, cresciam sem noção de respeito a

certos direitos dos cidadãos. O caminho da criminalidade se lhes apresentava desde muito cedo. A limpeza dos vidros dos carros nos sinais, o malabarismo com bolas de tênis à frente dos mesmos, o lustre em sapatos e outras práticas marcavam seu início. Já havia pivetes assaltando pessoas em automóveis fingindo portar armas. Daí pra frente, a evolução era vertiginosa. Dependendo de sua capacidade de assimilação e de seu espírito de liderança, o indivíduo podia galgar postos importantes na senda do crime.

O técnico acrescentou ainda que a cadeia, tal como existia, era um lugar de encontro entre líderes criminosos. Quando o preso era realmente líder, mantinha tal posição, desde que sua permanência não fosse excessivamente longa. Seus contatos eram facilitados por guardas corruptos e pelas visitas que recebiam. Essa mesma via era utilizada para a droga traficada e usada na prisão e para o porte de aparelhos de telefonia celular, além de outros objetos proibidos , inclusive armas.

O grupo deixou claro ter ainda muito a dizer sobre o tema. No entanto, depois daquela pequena introdução, já podia expor as ideias que o haviam conduzido até ali. A autoridade continuava atenta e fez sinal para que prosseguisse.

- O Brasil é um país grande. Há espaço para a realização de projetos que não afetem qualquer parcela da população, disse o encarregado da exposição. Imaginamos, portanto, a construção de cidades em lugares bastante distantes, para onde os presos poderiam ser enviados. Durante algum tempo, desfrutariam de alimentos fornecidos pelo estado e, depois, eles próprios, se quisessem viver, produziriam a própria alimentação. Não haveria guardas no interior da cidade-prisão. A guarda se posicionaria além dos muros, com o único objetivo de evitar fugas.

Depois de algum tempo, o representante do poder público interrompeu a exposição. Começava a entender a ideia que estava sendo apresentada. Sentia, entretanto que aquela seria uma tarefa muito grande para sua Secretaria, embora inicialmente concordasse com ela. Era preciso, antes de mais nada, convencer o governador e, a partir daí, mobilizar outros estados da federação. Talvez, assim, se pudesse construir algo em comum.

Se poucas palavras haviam sido capazes de interessar a Secretaria, um projeto elaborado dentro do espírito da exposição possivelmente demonstraria com mais nitidez a ideia. A ele seriam acrescentados novos dados e o interesse poderia espraiar-se pelo país afora, manifestaram-se os técnicos.

Disse ainda o expositor que não se podia repetir o já existente. Os estabelecimentos não seriam cadeias, mas cidades com características especiais.

A gestão ficaria inteiramente entregue aos presos, sem qualquer interferência das autoridades.

A conversa seguia seu rumo e a autoridade mostrava-se cada vez mais interessada. Antevia um motivo para uma atuação convincente de sua Pasta. Afinal, o atual modelo penitenciário já se esgotara, sendo necessárias novas diretrizes para o problema. Confessou tais circunstâncias a seus interlocutores e deixou-os de sobreaviso quanto a outra possível reunião, pois precisava refletir sobre o assunto. Não era necessário, naquele instante, que a exposição fosse ampliada.

O governador, embora se mostrasse um tanto desinteressado, estimulou o prosseguimento dos debates, sobretudo com pessoas familiarizadas à questão. Estava convencido de que alguma coisa deveria ser feita no sentido de solucionar o problema. Afinal, este já atingira um ponto que não admitia recuo das autoridades.

O grupo, constituído de técnicos do estado e de professores de diversas universidades, precisou de várias semanas para encontrar um caminho comum. A princípio a ideia proposta soava como brincadeira. Como um recluso poderia ser mandado para um lugar distante? A legislação não facilitava a transferência de presos para outros estados e, desse modo, seria inteiramente abandonada a ideia de recuperação, diziam.

Diante de tais questões, um dos integrantes do grupo, já defensor da ideia, proclamou que, naquele momento, surgia uma nova proposta para um velho problema. Não se podia pensá-la com os argumentos do passado, cuja ineficácia a própria experiência vinha demonstrando. Todos deviam refletir com olhos no futuro. Era verdade que a criminalidade acabava sendo produto das injustiças sociais, mas a alternativa que se apresentava era a maneira de evitar seu prosseguimento, uma forma de os presos se auto administrarem, sem interferência da sociedade e sem que esta fosse, de modo algum, agredida.

O expositor questionava, igualmente, a capacidade do estado de recuperar tais pessoas, considerando-se o pensamento da sociedade a esse respeito. Existia um verdadeiro conflito, tendo em vista, sobretudo, a educação recebida pelas diversas camadas sociais. Melhor mesmo seria deixar que os prisioneiros constituíssem uma sociedade peculiar e encontrassem caminhos próprios.

Enquanto a discussão esquentava, o secretário do sistema penitenciário, já entusiasmado com a ideia, falava com seus colegas de outros estados sugerindo que também constituíssem grupos de trabalho que, a seguir, poderiam reunir-se num só, de âmbito nacional. O novo sistema seria implantado a partir de

convênio entre os estados interessados. Num futuro próximo, a União Federal também participaria do projeto e toda repressão criminal se faria através de um único sistema. Tal unicidade haveria de possibilitar a solução do problema penitenciário, bem como propiciar a implantação de políticas públicas visando evitar que jovens ingressassem na estrada do crime.

Não se sabe se porque a ocasião era propícia, somada ao fato de muitos considerarem que os criminosos já constituíam verdadeiro exército, ou se a ideia, por ser nova, era alvissareira, o fato é que logo todos os estados se interessaram e pouco depois a própria União veio a integrar o grupo. A imprensa divulgava as atitudes e tendências das diversas comissões, cujas diferenças diminuíam a cada dia. As pessoas comuns participavam dando sugestões ou simplesmente aprovando a ideia por meio da imprensa, que abria espaço em seus diversos órgãos.

Passados alguns meses, chegou-se à conclusão de que os pontos principais haviam sido resolvidos e assim seria necessário reunir todo o grupo para os retoques finais. Foram, então, realizados vários encontros e acertados os últimos detalhes.

Com a sucessão das reuniões e a solução das questões pendentes, a ideia tomou ares de realidade. A convicção de que algo de positivo seria feito tomava conta de todos. Alguns já vislumbravam a implantação do novo projeto e apostavam no seu êxito total.

# AINDA OS PRESOS

O negócio é a busca.

Aí que a vida incute.

*Carlos Alberto Afonso*

Depois do sangrento desfecho do último episódio, os presos reiniciaram a reaglutinação. A frustração da tentativa anterior não lhes diminuíra o ânimo, então redobrado diante da ameaça, anunciada pela imprensa, da nova concepção de prisão. Não podiam admitir a transferência para locais distantes e, principalmente, a obrigação de produzir para sobreviver. Afinal, não haviam nascido sob esse signo. As primeiras escaramuças no sentido de ganhar a vida sem maior esforço vinham da época em que ainda eram crianças. Os primeiros furtos, sob orientação de colegas mais experientes, tendo como vítimas, sobretudo, motoristas de automóveis, já representavam certa evolução. Daí para frente, a progressão dependia da capacidade de cada um. Os sequestros e os grandes roubos ficavam reservados às cabeças privilegiadas.

Alguma coisa haveria de ser feita para dar prosseguimento aos projetos já iniciados e obrigar os administradores a voltar atrás. Pensavam em estimular ações isoladas nos diversos estabelecimentos. Para tanto seria preciso restabelecer a comunicação cortada pelas autoridades desde o último episódio. Tinham como certa a participação de alguns guardas, desde que fosse possível remunerá-los como desejavam.

Obtido o consenso entre os colegas, os presos visaram, em primeiro lugar, conseguir dinheiro e aparelhos telefônicos celulares, afim de disporem de um meio fácil de comunicação com os companheiros em liberdade. Já nessa ocasião seria necessária a participação dos referidos guardas.

Era indispensável trabalhar no sentido de manter os presos unidos através do Comando Único, mobilizando-os e montando nova central de controle em local diferente do anterior, sobretudo porque este já poderia ter sido descoberto pelas autoridades.

O planejamento inicial foi executado. Através de contado iniciado por Fernandinho, então líder dos reclusos, os guardas se avistaram com Marcolino Menezes, fugitivo que se achava em liberdade e, por seu intermédio, conseguiram dinheiro, telefones e armas, a serem distribuídos às lideranças já indicadas nas diversas cadeias.

Tudo necessário fora obtido. Restava agora executar os planos cuidadosamente preparados, que visavam fustigar as autoridades e, em seguida, deflagrar ações que impedissem o projeto de transferência.

A primeira ação seria desencadeada na Penitenciária Central, onde, apesar das transferências, ainda se concentrava a maior parte dos membros efetivos do movimento. Segundo o planejado, três presos a critério dos líderes fugiriam pelo portão principal, a troco de alta propina. A falta desses presos no “confere” da manhã haveria de causar pânico às autoridades, que se desdobrariam na apuração do fato. Isso possibilitaria, dois ou três dias após, a eliminação, mediante o uso de estoques, de cinco presos tidos como informantes da administração, em penitenciária das proximidades.

Estando tudo em ordem, as orientações foram passadas e os dias marcados para a execução.

O “confere”, no dia marcado, registrou a falta de três presos, todos considerados de alta periculosidade. Um deles havia ingressado na instituição havia poucos dias, acusado de envolvimento em um caso de sequestro que ocasionara bastante comoção, posto que a vítima gozava de muito prestígio social e fora assassinada por seus sequestradores, ao se convencerem estes da impossibilidade de pagamento do resgate.

As autoridades ficaram atônitas, sobretudo depois das primeiras investigações. Os guardas de plantão no período compreendido entre um e outro “confere” mostravam-se surpresos. Como os presos podiam ter misteriosamente desaparecidos? Por onde haviam saído? O fato preocupou as autoridades, em especial diante da impossibilidade de esclarecimento.

Essa era a situação quando chegou a notícia do assassinato de cinco presos em outra cadeia, todos considerados auxiliares da administração. Embora confinados em cubículos especiais, haviam sido atraídos para uma das galerias comuns, onde foram abatidos.

Tudo aquilo era bastante desconfortável. Além dos fatos ocorridos nos últimos dias, a administração penitenciária estava convencida de que os articuladores de tais ações não parariam por ali.

Mesmo sem considerar as questões sociais e o consequente fomento do crime, era notória a reação dos estados e da União, visando o isolamento dos presos. Segundo as concepções de estudiosos divulgada pela imprensa, era impraticável a recuperação da população carcerária. Era preciso, pois, dar um tratamento aos já marginalizados e outro aos que ainda não tivessem enveredado por tal caminho.

Enquanto isso, Fernandinho e seus companheiros planejavam novas investidas para os dias seguintes. Estavam felizes, pois tudo dera certo.

Em ação conjunta realizada em todas as penitenciárias do estado, as forças de segurança apreenderam celulares e até um computador portátil, impedindo que as ofensivas prosseguissem. Não obstante, continuavam à deriva no que dizia respeito às ações já praticadas.

# O ANDAMENTO DO PROJETO

Caminhante... não há caminho.

O caminho se faz ao caminhar.

*Provérbio espanhol*

Obtida a unanimidade dos participantes, ficou estabelecido que seria construída, a princípio, uma cidade-penitenciária em local designado por uma comissão então nomeada, a qual também ficaria encarregada de sua administração. Cada unidade da federação e a União contribuiriam segundo suas próprias demandas. Ficou também estabelecido que a cidade seria construída em local distante dos centros urbanos; que os familiares dos presos poderiam acompanhá-los se manifestassem interesse; que não haveria guardas no interior da cidade -estes permaneceriam no exterior, com o objetivo de evitar fugas; que o estado só forneceria alimentos no primeiro ano, durante o qual a população deveria providenciar, por suas próprias mãos, alimentação para os dias subsequentes, e que a comissão adotaria as providências necessárias ao bom andamento do projeto.

Realizadas as mudanças legislativas com a rapidez compatível com a convicção da sociedade, a comissão, composta de professores universitários e técnicos penitenciários, pôs mãos à obra. Inicialmente se dedicou a procurar o lugar adequado à construção, tendo decidido que o estabelecimento seria erguido no Centro-Oeste do país, onde o projeto poderia ser implementado sem percalços.

O local por fim escolhido era inteiramente isolado. Não havia estradas e a região estava tomada pela vegetação. Um dos membros da comissão lembrou-se de Brasília: os mapas registravam o local, mas este era visivelmente inóspito. Os materiais e os operários encarregados da construção da capital chegavam inicialmente por via aérea, em pista construída para tal fim.

Foi providencial a lembrança. A estratégia seria basicamente a mesma. A princípio seria construída uma pequena pista de pouso por operários que chegariam ao local de helicóptero, a exemplo da comissão. Em seguida, o pessoal e os materiais seguiriam de avião.

Na ocasião, discutiu-se a possibilidade de ser construída uma estrada até o lugarejo mais próximo. No começo houve pequena dissensão: uns eram a favor da abertura da estrada, que poderia ser utilizada em caráter emergencial. Outros, entretanto, descartavam a hipótese sob o argumento de que o local ficava muito afastado dos centros urbanos e, mesmo que comportasse a passagem de veículos,

a viagem demoraria dias. Fosse qual fosse a motivação do projeto, esta, tendo em vista seus objetivos, ficaria prejudicada.

Depois de alguns debates, prevaleceu a opinião de que não haveria de ser construída a estrada. A cidade penitenciária contaria com aviões e helicópteros, encarregados de transportar o pessoal e o material necessário.

Após a escolha do local, o projeto começou a sair do papel, conhecido somente dos integrantes da comissão e autoridades ligadas à questão. Os operários principiaram a chegar, dando início a construção de abrigos e, logo depois, à própria obra.

Enquanto isso, a comissão voltava suas atenções para o problema dos funcionários da futura cidade-quem seriam e como recrutá-los. Inicialmente todos chegaram à conclusão de que não poderia haver aproveitamento dos já existentes. Apesar da ausência de contato estes e os presos na nova concepção, era preciso o concurso de gente nova, com treinamento específico para tal fim. Concluíram também que os plantões deveriam ser semanais e os guardiões, transportados de avião a partir de aeroporto previamente determinado.

As obras se desenvolviam com rapidez, mercê dos recursos colocados à disposição pelos estados e União, entretanto surpreendentemente pequenos, tendo em vista a associação formada. Já se entreviam as casas que abrigariam os presos e os muros que circundariam a cidade cadeia, compridos a ponto de lembrar -sobretudo a quem não as havia visto de perto- as muralhas da China. Eram muros bem altos e duplicados, com a distância aproximada de 15 metros entre eles. Podia-se perceber, também, a extensão do terreno, pronto a abrigar área para plantio e construção de silos, campos esportivos, cemitérios, hospital, almoxarifado e oficinas diversas, assim como áreas livres, cuja destinação seria determinada pela comunidade.

Com a aproximação do dia da inauguração, tornava-se imperioso ordenar a ocupação. Ao tempo em que os guardiões já passavam por um rígido treinamento a fim de conhecer a nova concepção prisional, a comissão começava a selecionar os presos que povoariam a cidade e a montar a estrutura necessária ao seu funcionamento. A prisão fora planejada para a recepção de 500 reclusos com suas respectivas famílias, os quais seriam informados sobre a nova maneira de viver e sobre suas perspectivas daí para frente.

As informações obtidas pela comissão davam conta do inconformismo dos encarcerados diante da situação. Para os que tinham contato mais estreito com estes, o clima era visível e, a exemplo do restante do país, a revolta se fazia sentir. Notava-se tal circunstância mesmo entre os que, sabidamente, não

integravam o pelotão inicial.

A comissão entendeu de isolar os escolhidos por questões de segurança e para que estes tomassem conhecimento das novas regras. Além disso, precisavam fazer os contatos necessários com os parentes, caso desejassem ser acompanhados, longe de qualquer influência.

Passados alguns meses, as obras estavam prontas e começava a fase de execução. Tudo haveria de ser feito segundo o planejamento anterior, inclusive o transporte dos presos. A sorte estava lançada.

# A RESISTÊNCIA

Coragem é a resistência ao medo, o domínio do medo,

e não a ausência do medo.

*Mark Twain*

Diante da perda dos equipamentos indispensáveis ao prosseguimento da ação, Fernandinho e os demais líderes se sentiram acossados e com dificuldades para armar novos conflitos. No entanto, o prosseguimento se impunha ante a ameaça que pairava sobre todos.

Chegaram à conclusão de que deveriam retardar ou mesmo inviabilizar as transferências para a nova cadeia. Prevaleceu a tese de que seriam feitos novos contatos com os colegas em liberdade e que estes se entenderiam com outros, inclusive no exterior, com os quais já houvesse contato permanente, com o objetivo de sobrevoarem a nova penitenciária, despejando sobre elas as bombas de que dispusessem. Tratava-se de verdadeira operação de guerra, jamais imaginada pelos presos. Mas parecia ser a única alternativa eficiente.

A ideia era boa; restava saber se era exequível. Através de visitas e dos ja mencionados guardas, assim como de alguns policiais conhecidos, foram feitos os primeiros contatos com criminosos em liberdade, aos quais foi exposto o plano, sendo discriminadas as necessidades e feita uma análise da repercussão que a nova modalidade de prisão poderia ter em relação a todos. Os contatados analisaram a questão e concluíram que, se um dia fossem presos e mandados para uma de tais penitenciárias, tudo se lhes tornaria mais difícil. Aquela, portanto, não era uma briga dos encarcerados; era uma briga de toda sociedade.

A exemplo do projeto das autoridades, então em execução, a ideia tomou conta dos criminosos e rapidamente se alastrou. Era preciso dispor de aeronave, explosivos e, sobretudo, saber a exata localização do estabelecimento para que a ação pudesse ser desfechada sem possibilidade de erro.

O avião e os explosivos foram conseguidos. Traficantes nacionais e estrangeiros ofereceram seus préstimos. Estariam à disposição em local próximo à fronteira. Era preciso pois, conhecer o lugar. Inicialmente sobrevoariam certas áreas, levando em conta as indicações estampadas na imprensa. No entanto, a ideia foi afastada ante o argumento de que as autoridades poderiam desconfiar dos sobrevoos e prender os autores, antes mesmo do início da própria ação.

Após muita meditação, concluíram que a única alternativa seria procurar contato

com os operários das obras e, para tanto, era preciso urgência. A missão foi confiada a pessoas já conhecidas do grupo, mediante remuneração baseada no êxito do empreendimento.

Depois de alguns dias, os encarregados concluíram que aquela não era uma tarefa fácil. As autoridades haviam pensado no assunto e os operários não sabiam onde trabalhavam. Além da grande duração, os voos se davam sobre vegetação, sendo os trabalhadores incapazes de estabelecer qualquer coordenada.

A alternativa restante eram os pilotos. Tarefa bem mais complicada, tendo em vista seu *status* profissional e o número dos empenhados na missão. Logo, os reclusos concluíram ser impossível obter qualquer informe.

Na cadeia, Fernandinho estava nervoso. A comunicação tornava-se difícil, já que as autoridades haviam recolhido os aparelhos celulares. Os únicos contados com os colegas em liberdade eram feitos através das visitas, que só compareciam semanalmente.

Os executores do plano examinavam suas opções diante da situação. Não era possível um adiamento, tendo em vista o fato de as autoridades já estarem preparando a transferência dos presos. O projeto ou seria abandonado, ou rapidamente efetivado.

Depois de muito meditarem, os prisioneiros resolveram prosseguir com os elementos de que dispunham e mediante o compromisso de seus companheiros localizarem a penitenciária nos pontos previamente assinalados nos mapas.

Por volta de cinco horas da manhã do dia determinado, a aeronave levantou voo, embora a tripulação não dispusesse de uma localização exata. Esta ao que parece, avistou o que seria a nova cadeia, mas a aeronave foi interceptada por um avião da Força Aérea e obrigada a aterrissar em aeroporto militar de Brasília. Seus ocupantes foram presos e confessaram o objetivo.

O fato foi divulgado pelas autoridades, juntamente com o aviso de que a cidade penitenciária seria permanentemente vigiada, inclusive com o auxílio de aviões. Ainda que sua localização fosse descoberta, estaria ao abrigo de qualquer ação amiga ou inimiga.

Fernandinho e seus companheiros convenceram-se, então, da impossibilidade de agir naquele momento, mesmo porque as primeiras providências do poder público já se faziam sentir. A sorte estava lançada e outra atitude só os acontecimentos haveriam de indicar.

# A PREPARAÇÃO

Em todas as coisas o sucesso depende de uma preparação prévia,
e sem tal preparação a atribulação é certa.
*Confúcio*

O processo de seleção não era fácil. Dentre os milhares de presos existentes no país, apenas 500 estavam sendo escolhidos, levando-se em consideração a população carcerária de cada estado, com as exceções que a comissão haveria de apreciar.

Concluída a fase de seleção, o passo seguinte foi entregue às assistentes sociais. Estas entrevistaram as famílias sobre o interesse em acompanhar os encarcerados. Tais pessoas foram então informadas de que no local não haveria profissionais pagos pelo estado. Se houvesse médicos, enfermeiros, advogados, assistentes sociais, todos ostentariam também a condição de presos ou parentes destes. A comunicação com o exterior se faria através de cartas a serem colocadas em malotes depositados em local destinado a esse fim no muro da cidade. Os familiares foram informados ainda de que, caso se resolvessem a ir morar com o preso, teriam o mesmo destino deste. A decisão não poderia ser adiada, pois a seleção não demoraria muito mais.

Inicialmente a adesão foi pequena. Entretanto, à medida que as visitantes tinham contato com seus respectivos maridos na prisão, voltavam arrependidas e afirmavam a disposição de seguir rumo à nova morada. Por mais que as condições fossem desfavoráveis, dispunham-se a acompanhá-los. Algumas viajariam sem os filhos; outras, contudo, os levariam. Outros parentes e até animais de estimação também foram autorizados a juntar-se aos reclusos.

A irreversibilidade da decisão oficial fazia com que os presos selecionados tentassem levar consigo tudo o que fosse permitido. Segundo as informações que chegavam, não havia, em princípio, possibilidade de alteração no esquema traçado, a não ser pela força, que se mostrava inviável. Portanto, era preciso cercar-se de tudo o que fosse possível carregar para o novo destino.

As autoridades, contudo, estavam empenhadas em impedir que se repetissem os esquemas vigentes. Assim, não lhes cabia abrir exceções, sobretudo antes do início da nova experiência. Não era permitido, por exemplo, que mulheres cujo vínculo com o preso não estivesse claramente demonstrado os acompanhassem. Da mesma forma, já havia sido montado um esquema para revistar pessoas e bagagens, evitando-se o transporte de objetos não permitidos.

A comissão era meticulosa. A cada dia surgiam novos problemas, que eram resolvidos a partir de consenso. Inicialmente, havia uma clara vontade, entre seus membros e mesmo os do corpo social, de implementação rápida do projeto. Entretanto, a equipe concluiu pela inconveniência da pressa. Era necessário cuidado para que não se repetissem experiências já fracassadas.

Na cidade não poderia haver armas de fogo, entorpecentes ou objetos de natureza semelhante, conduzidos do ponto de partida. Se algo assim surgisse em seu interior, seria de responsabilidade dos próprios moradores.

Escolhido um preso e seus eventuais acompanhantes, o primeiro era isolado em cadeia do estado diferente daquela em que se encontrava. Tal providência era indispensável para a prevenção de planos que atentassem contra a segurança da cidade, para a correta seleção de seus habitantes, para a justa divisão das vagas por estados. Enfim, medidas como essa destinavam-se a que tudo ocorresse sem anormalidades..

Os guardiões haviam sido nomeados e submetidos a intenso treinamento. A cidade estava montada à espera dos moradores; as equipes de transporte, preparadas com seus aviões. Faltava, tão somente, a ordem final para execução da transferência.

Quanto ao transporte dos prisioneiros, ficou decidido que ocorreria no mesmo dia e hora em todas as cadeias. Para tanto, foi estudada a capacidade das aeronaves e a necessidade de extrema segurança, afim de que não houvesse qualquer tentativa de desvio do vôo. Solicitou-se, além disso, uma escolta de aviões da Força Aérea e decidiu-se que todos os reclusos seriam algemados aos seus assentos. A lotação dos aviões seria preenchida meio a meio por prisioneiros e guardiões. Os parentes seguiriam em outras aeronaves, que não disporiam do mesmo esquema de segurança.

A comissão estava empenhada em evitar problemas, principalmente no início da execução do projeto. Assim, repisou algumas das normas destinadas aos guardiões, enfatizando o procedimento de cada um na nova função. Foi esclarecido que, na semana de plantão, só a chefia poderia receber telefonemas e transmitir recados, assim como adotar as providências necessárias em qualquer hipótese. Não haveria exceções. Durante o plantão, só excepcionalmente o funcionário seria autorizado a cuidar de problemas particulares, o que implicaria em retorno ao lugar de origem. Todos deveriam estar voltados para o trabalho e lembrando-se sempre de que a nova experiência era esperada e acompanhada por toda a sociedade.

A comissão também havia decidido que os guardiões não deveriam conhecer a

parte interna da cidade, nem mesmo enquanto esta estivesse desativada. Tal atitude dificultaria qualquer espécie de interferência indevida. A própria comissão, entretanto, acompanhada das autoridades, havia percorrido seu interior, verificando a consistência das obras e sua possibilidade de funcionamento tal como planejado.

Todos foram unânimes em reconhecer a excelência dos trabalhos e da ideia. Não foi encontrado um ponto vulnerável sequer, na cidade. A conclusão a que chegaram todos foi a de que o plano previamente traçado estava pronto para ser posto em execução.

Nas cadeias de onde sairiam os futuros moradores da cidade, sentia-se um clima de indefinição. Os presos ali confinados pareciam perdidos e ao mesmo tempo assustados com a possibilidade de serem também transferidos para estabelecimentos semelhantes. A expectativa era grande.

Os guardas que mantinham negócios escusos com os prisioneiros também estavam sobressaltados. Agiam com visível insegurança. Sempre que podiam, procuravam informações sobre a nova modalidade de prisão. Em razão disso, as cadeias experimentavam uma falsa calmaria.

As autoridades, entretanto, já comemoravam o êxito do empreendimento. Estavam convencidas de terem tomado o caminho certo e de que novos estabelecimentos haveriam de ser construídos nos mesmos moldes do que estava prestes a ser inaugurado.

A população também estava de acordo com as autoridades. Determinado jornal lembrou que, pela primeira vez na história republicana, a opinião pública formava um único bloco. A sensação de verdadeiro alívio e dever cumprido tomava conta de todos. Afinal, um grande problema estava sendo resolvido. A comemoração final, entretanto, dar-se-ia quando a cidade passasse a prover a própria subsistência. Ninguém tinha dúvidas disso.

A imprensa divulgava os acontecimentos e ouvia as autoridades e os executores do projeto. Fato positivo foi a posição dos grandes jornais: não haveria por parte deles, qualquer tentativa de localização da cidade.

As únicas discordâncias vinham de familiares e amigos dos presos. Ameaçavam recorrer a entidades várias, encarregadas da defesa dos direitos humanos. No entanto, mesmo estas estavam em compasso de espera. Não era possível saber se as circunstâncias acabariam por permitir a violação de tais direitos. O isolamento em si já fora discutido, mas as ideias iniciais foram vencidas pela constatação de que, na verdade, os presos não seriam transferidos para uma prisão, pois ali não haveria guardas e a família poderia acompanha-los. Não existia discordância a

ser levada em conta.Sem que ninguém pudesse identificar a fonte, a cadeia recém-construída ficou conhecida como Cidade dos Condenados.

Antes da transferência, a comissão entendeu de reunir os futuros moradores da localidade e passar informações indispensáveis ao êxito do empreendimento. Nessa ocasião, informou-lhes que em um dos dias seguintes seriam transferidos, juntamente com os familiares, para uma cidade construída com a finalidade de substituir as cadeias tradicionais. Os estados forneceriam gêneros alimentícios, roupas e outros bens necessários durante os primeiros dose meses. No final desse período, tudo, inclusive alimentação, seria obtido através da produção dos moradores, os quais poderiam propor trocas com vistas a obter mercadorias não produzidas no local. As trocas seriam feitas através de pessoas designadas pela comissão ou por ela própria.

Os presos queriam saber que destino teriam, uma vez terminada a pena ou obtido algum favor judicial. A comissão esclareceu que a hipótese ficaria  a cargo do juiz, segundo legislação já aprovada. No entanto, a bem da verdade -informaram-, em tal legislação fora inserido um grande número de exigências, que praticamente inviabilizavam pretensões nesse sentido antes do término da pena. Até porque a ideia era levar para a cidade apenas os condenados a grandes sentenças e cuja situação disciplinar os impedisse de esperar qualquer favor jurídico. Entretanto, não se deveria pensar naquilo como castigo e sim como solução. A ideia, segundo a comissão, era mudar a face do combate ao crime e deixar que os eventuais infratores da lei resolvessem suas próprias questões.

As perguntas prosseguiram, porém logo a comissão afirmou que todos os esclarecimentos já haviam sido prestados, nada havendo a acrescentar naquele momento.

Designados os chefes da turma de guardiões, também estes foram convocados para uma reunião. A comissão expôs, nessa ocasião, o propósito das autoridades com a implantação do projeto. A par de todas as instruções, duas teriam de ser observadas pelos vigilantes, sob penhor do próprio cargo: não haveria qualquer contato com os presos e qualquer tentativa de fuga -embora não se considerasse isso possível- seria severamente reprimida.

Foi dito também da impossibilidade legal de transferências de qualquer servidor daquele estabelecimento para outra atividade. O guardião seria, sobretudo, apenas guardião. Aos pilotos foi lembrado que a legislação recentemente aprovada punia com prisão aquele que revelasse a localização da cidade.

# A TRANSFERÊNCIA

Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente,

mas o que melhor se adapta às mudanças.

*Leon C. Megginson*

No dia marcado pela comissão, às seis horas da manhã, teve início a transferência. Não foi permitido o transporte de roupas ou objetos sem revista rigorosa dos guardiões. Na saída das cadeias e na chegada à cidade, o procedimento haveria de ser o mesmo, de tal modo que se afastasse qualquer possibilidade de material proibido.

Embora os presos estivessem espalhados por vários estados da Federação, a transferência foi feita sem maiores atropelos. Deu-se em um domingo, dia absolutamente inadequado para tal atividade, sendo a própria imprensa colhida de surpresa.

Foram feitas inúmeras viagens a partir dos vários estados. Ao final da tarde, os 500 prisioneiros haviam sido transportados. As reclamações e os protestos eram inteiramente ignorados pelos guardiões, já devidamente instruídos para a hipótese.

A única anormalidade digna de registro ocorreu quando um preso anunciou sua decisão de não cumprir pena no local para onde estava sendo conduzido. Segundo ele, tão logo fosse possível, tentaria uma fuga ou poria cabo à vida. Reiterava repetidamente suas intenções em alto e bom som, tal qual estivesse louco.

Os guardiões a tudo assistiam sem esboçar qualquer reação, mesmo porque, ante os cuidados adotados para o transporte, não havia possibilidade de nenhum ato inesperado. O treinamento recebido previa atitudes como aquela e, portanto, não havia motivos para maiores preocupações. Qualquer atitude desesperada ocorreria no interior da cidade, onde a lei já impunha responsabilidade a seus habitantes.

A comissão era informada pelo rádio dos acontecimentos, entretanto mantinha a calma. Tudo aquilo havia sido previsto. Segundo ela, as ocorrências nos diversos voos eram em menor número que o esperado.

Os presos haviam recebidos impressos com a localização das casas, dos gêneros alimentícios, dos objetos de uso pessoal, vestuário, roupa de cama e demais artigos indispensáveis à manutenção. No informativo distribuído constava

também o lugar onde seriam colocadas e recebidas as encomendas dos Correios após rigorosa revista da administração, bem como onde seriam entregues os gêneros alimentícios no prazo já estabelecido.

Os guardiões tomaram seus lugares ao redor do primeiro muro alto que circundava a cidade, iniciando assim o trabalho que lhes fora destinado. Uma das guarnições deslocou-se para a “gaiola” à entrada do estabelecimento e, seguindo as instruções, fez passar uma a um os presos, submetidos a nova e rigorosa revista, só então sendo liberado seu ingresso.

A operação, embora demorada, foi realizada a contento. A princípio a revista foi manual, posteriormente foi feita por modernos aparelhos, alguns deles importados.

O transporte de familiares foi realizado no dia seguinte. Todos seriam submetidos a revistas, como previsto. Apesar da inexistência de condenados entre os passageiros, o procedimento foi mais complicado. As mulheres não estavam algemadas e reclamavam da atitude das autoridades. Havia um natural nervosismo, sobretudo entre aquelas que achavam ter praticado um único crime: ode se relacionar com um prisioneiro.

A medida que o avião se aproximava de seu destino, a agitação aumentava. Em um dos voos foi preciso que o chefe dos guardiões chamasse a atenção de algumas passageiras, cujo comportamento já ultrapassava o permissível. Ponderou que até a hora do ingresso na cidade haveria possibilidade de desistência e que os minutos seguintes deveriam ser dedicados à reflexão, pois com a entrada acabar-se-ia a oportunidade.

O ingresso foi realizado tal qual o dos presos. No entanto, durante a preleção várias mulheres desistiram da empreitada. A perspectiva de permanecerem naquele local, provavelmente para sempre, as apavorou e fez voltar atrás. Lacrado o portão, os guardas tomaram o lugar que lhes cabia. A experiência começava. Na avaliação dos membros da comissão, não houvera falhas até o momento.

# A CIDADE

A maior força de uma cidade é ter muitos cidadãos instruídos.
*Martinho Lutero*

Alamedas com vegetação recém-plantada destacavam-se à entrada da cidade. Eram dez: duas em sentido longitudinal e as demais entrecortando a via principal. Aí situavam-se a moradia dos presos e seus familiares.Nas laterais, havia construções que abrigavam oficinas diversas, o almoxarifado, assim como jardins guarnecidos com bancos. O cemitério e os campos esportivos ficavam um pouco distantes dali. Afora isso uma imensa extensão de terra, já livre de vegetação, era circundada pelo primeiro muro da cadeia e destinava-se ao cultivo e à criação de animais.

As casas, ainda que pequenas, serviam perfeitamente para abrigar uma família de tamanho mediano e eram dotadas dos equipamentos necessários a uma vida de classe média baixa. Não havia rádio ou televisor, mas existia espaço para ampliação, caso fosse necessário.

A pequena distância das habitações, cercados por alambrados, situavam-se os campos esportivos, destacando-se dois campos de futebol inteiramente gramados, assim como outro sem grama, destinado à prática de peladas.

Havia árvores ao longo das alamedas, algumas frutíferas, recentemente plantadas. Tudo fazia crer que os idealizadores do projeto haviam pensado em ajudar no suprimento alimentar da população com tal cultura. Notava-se também a abundância de água vinda das proximidades, onde corria um rio com uma pequena cachoeira. Aliás, a cachoeira era a fonte de energia elétrica, já que ali fora construída uma pequena usina para servir ao estabelecimento.

Na primeira noite, antes da chegada dos familiares, os presos sentiram-se completamente inseguros. Grande parte procedia de cidades e estados diferentes e não se conhecia. A ocupação das casas, inclusive em função dessa circunstância, não se deu facilmente: alguns presos, convictos de sua importância e mesmo tencionando testá-la, ocuparam mais de uma moradia. Em consequência, outros tiveram de procurar abrigo nas oficinas.

Nas conversas desenvolvidas entre eles, pressentia-se o interesse em descobrir a origem de cada um. No dia seguinte, antes da chegada das acompanhantes, essa situação era bastante visível. Alguns presos já cuidavam de reunir informações para o exercício de certo domínio sobre os demais.

Havia alguma resistência ao desempenho de tarefas de caráter subserviente. Como a maioria não se conhecia e os costumes eram arraigados, uma aparente timidez passeava pelo lugar.

Não havia uma cozinha central. A alimentação seria preparada em cada residência. Só os gêneros alimentícios fornecidos pelo almoxarifado. Alguns moradores, pouco à vontade, limitavam-se a se alimentar das frutas locais. A comissão decidira promover a entrega de gêneros quinzenalmente e, portanto, os habitantes deveriam cuidar para que estes não viessem a faltar.

Já vencidas as primeiras horas, ainda era visível a indecisão de todos. Uma grande preocupação tomava conta daqueles que tinham decidido pela vinda das mulheres e dos filhos. Estavam convencidos de que verdadeiras batalhas haveriam de ser travadas, uma vez que a maioria não lograra obter companhia e não havia possibilidade de que tal viesse a ocorrer. Alguns já tinham se arrependido de concordar e, sobretudo, exigir acompanhamento. Afinal, eles é que haviam cometido crimes e não suas famílias.

O clima era tenso em face dos problemas que haveriam de enfrentar. Foi quando o primeiro caso de gravidade surgiu. O preso que havia alardeado sua intenção de cometer suicídio efetivamente executou seu desejo. Muniu-se de uma faca de cozinha e desferiu o golpe fatal no coração. Não deu qualquer explicação aos companheiros. Dele sabia-se, apenas, que não se alimentara desde a chegada. Sua única incursão à cozinha tivera o objetivo de encontrar a faca com a qual pusera fim à própria vida.

Tratava-se da primeira reação séria à nova forma de punição carcerária. Tudo levava a crer que o preso não encontrara meio de viver a vida imaginada, vislumbrando um futuro sombrio e sem perspectiva. O corpo permaneceu certo tempo no local em que tombara. Mas a proximidade da hora da chegada das mulheres levou alguns presos a tomar uma atitude. Deveriam conduzi-lo ao cemitério e enterrá-lo. Do contrário, além de causar má impressão na chegada, logo a putrefação geraria mau cheiro e afetaria a todos.

A necessidade de realização da tarefa possibilitou a aproximação dos que decidiram executá-la; todos, aliás, à espera de familiares. Enquanto trabalhavam, trocavam ideias sobre o que enfrentariam. Afinal, os “solteiros” eram a maioria. Era preciso que houvesse união absoluta entre eles, os casados, a fim de evitarem problemas mais graves. Decidiram organizar um encontro com os presos e suas mulheres, tão logo elas chegassem. Nesse encontro tencionavam expor o risco que todas corriam naquele ambiente e fixar regras de comportamento para evitá-los. Era necessária a criação de um grupo, visando a proteção dos maridos, suas mulheres e filhas. Todos os demais deveriam tomar

conhecimento de tal posicionamento, com vistas a inibir qualquer ação posterior.

Enquanto isso, outros grupos se formavam. Embora fosse extremamente curta a sua permanência ali, os prisioneiros já haviam descoberto a necessidade de união. A morte, ocorrida tão prematuramente, era um sinal de alerta para todos. Um dos agrupamentos, liderado pelo experiente preso conhecido como Professor, preparava-se para dominar os demais, inclusive matando, se fosse o caso. Outro tinha como filosofia apenas a defesa, porém levada às últimas consequências.

Àquela altura não se vislumbrava nenhum movimento individual. A união funcionava como uma espécie de proteção contra os ataques que inevitavelmente ocorreriam. Não havia tempo para hesitação. Qualquer demora na escolha do grupo poderia ser fatal. Todos sabiam disso e tinham certeza, inclusive, de que mais cedo ou mais tarde, haveria disputa pelo comando geral.

Tais eram as escaramuças quando as famílias começaram a ingressar na cidade. Os que as esperavam acorreram ao local e conduziram-nas às suas casas à medida que chegavam. A essa altura, já circulava a notícia de que alguma das mulheres havia desistido na entrada. Era visível a frustração e a impotência no rosto dos abandonados ao serem identificadas as desistentes.

Já era noite quando foi concluída a tarefa e os presos cujas famílias desistiram tiveram mesmo que chorar sua ausência. No entanto, os agraciados carregavam seus familiares pela extensão conhecida da cidade, mostrando-a como se a admirassem e estivessem ali havia muito tempo. Algumas mulheres manifestaram sua aprovação e confessaram-se satisfeitas por deixar os lugares em que moravam, tendo em vista a finura da nova residência. Outras se mostravam reticentes e ainda outras até tristes com o que classificavam de prisão.

Ao buscarem gêneros alimentícios a serem preparados em suas respectivas casas, sobretudo os que tinham recebido as famílias, depararam-se com a ocupação do almoxarifado por parte do grupo que, àquela altura, já tinha um chefe: Professor. De acordo com a equipe designada naquele momento, a distribuição seria feita segundo a importância de cada um para a referida liderança, de tal modo que quem não pertencia ao grupo recebia uma quantidade bem menor.

Professor ganhara fama na penitenciária de onde provinha. Os companheiros de cárcere tinham-lhe respeito em função de sua liderança natural, assim como de seu passado criminoso, sempre voltado para grandes ações, além da sempre

manifestada preocupação com os mais fracos. Sua vida na cadeia o havia ensinado a silenciar quando era preciso, mesmo a custa de qualquer sacrifício. Por outro lado, aprendeu a falar quando era necessário. Os administradores guardavam dele uma certa distância, na tentativa de impedir que sua liderança se desenvolvesse. No entanto, conhecendo-a, não podiam simplesmente abandoná-la, pois aquela característica do preso poderia ser útil em diversas situações.

Os protestos vieram em seguida, mas nenhuma reação pôde ser esboçada naquele momento. Em primeiro lugar porque era desconhecida a força do grupo que exercia o domínio e, em segundo, porque as mulheres haviam de acabado de chegar, o que desaconselhava qualquer atitude que as assustasse.

Assim, a noite transcorreu sem nenhuma novidade, apesar dos cuidados adotados por cada um. Entretanto, o domínio do almoxarifado por parte de um dos grupos preocupou o preso que encabeçou a união dos casados, o qual ficou conhecido pelo próprio nome de Casado. Imaginava ele que se o grupo já dominava o almoxarifado com 48 horas de permanência no local, logo seria dono da cidade. Era preciso estudar alguma forma de reação, sobretudo porque as vítimas preferenciais seriam os casados e suas mulheres.

O dia amanheceu bonito, sol forte. A farta vegetação externa era visível ao longe. A cidade parecia tranquila, não obstante os problemas ocorridos em dois dias de ocupação. Após o café da manhã, preparado com os gêneros fornecidos no dia anterior, os moradores foram convocados para uma reunião com Professor. Apesar da resistência, pois aquilo parecia uma imposição de líder, resolveram comparecer, já que assuntos importantes poderiam ser discutidos.

Inicialmente Professor disse que alguém teria de cuidar da cidade, já que estavam ali e era preciso mantê-la para que todos vivessem, se possível, bem. Disse ainda que, segundo as autoridades, depois de um ano não mais seria fornecida alimentação e, portanto, deveriam pensar no assunto naquele momento. Que ele próprio já vinha meditando sobre a questão desde o dia em que se convencera de que seria um dos escolhidos. Que viviam há pouco mais de 48 horas numa situação inteiramente peculiar: estavam numa prisão de segurança máxima, porém eram inteiramente livres. Inclusive não tinham a desagradável obrigação de conviver com os guardas. No entanto, tinham de pensar muito sobre aquilo, porque a mencionada liberdade poderia transformar-se em um grande pesadelo se não entendessem a situação com rapidez e tomassem a providências imediatas para o suprimento da comunidade. Assim, era preciso que todos se convencessem de que aquela não era uma cadeia comum para que desse certo.

Ele, Professor, havia reunido alguns homens nos quais confiava e chamado a si a

responsabilidade de gerir a cidade. A lei implantada não admitiria contrariedade; as eventuais discordâncias deveriam ser levadas à sua apreciação, do contrário seriam consideradas contestação e o autor, ou autores, punidos conforme o entendimento do líder.

Poucos fizeram perguntas. As pessoas deixavam transparecer certa perplexidade, mas, pelo menos aparentemente, sentiam-se até certo ponto protegidas com aquela postura, porque não haviam percebido nenhuma hesitação nas palavras de Professor.

Professor demonstrava já ter entendido a irreversibilidade da situação e decidira tomar para si a tarefa de organizar a população a fim de reduzir ou , se possível, eliminar o surgimento de problemas. Era preciso viver. O exemplo do morador que, recém-chegado, suicidara-se, não haveria de prosperar.

Dignas de comentário, apenas as observações feitas por Casado, matador profissional, porém impregnado dos seus próprios valores morais: concordou com as preocupações de Professor, porém ponderou que as decisões haviam de ser tomadas por todos e que tinha que haver alguma garantia alguma garantia para os que haviam levado suas famílias. Não era justo que vivessem sobressaltados com a possibilidade de estupros e coisas do gênero, praticados contra seus acompanhantes.

Professor explicitou sua condição de solteiro, mas deixou clara sua posição a favor de Casado. Por fim não houve contestação. Ao contrário, a reunião serviu para afirmar sua liderança. Além de ter feito observações inteiramente coerentes, tornou-se admirado por sua iniciativa e, sobretudo, por sua coragem: afinal não conhecia os moradores, mas não titubeara, mostrando-se um verdadeiro “dono” de cadeia.

Diante da reação de todos, professor estabeleceu que as casas indevidamente ocupadas fossem redistribuídas e recomendou que cada um explicitasse suas aptidões por escrito, as quais seriam estudadas por seu pessoal para designação de trabalho. Nova reunião seria então convocada.

Casado reuniu o seu grupo logo após o encontro e discutiu as aptidões de cada um, advertindo-os, entretanto, de que deveriam escolher trabalhos em locais diversos, com vistas a fiscalizar as reações dos presos. Instruiu também a todos que estimulassem o entendimento entre as mulheres, a fim de se protegerem mutuamente. Aos filhos, deveriam fazer as mesmas recomendações: nunca andar isolados, nem se afastar muito dos locais de residência.

Os dias se passavam lentamente em face de inexistência obrigatória de afazeres. Entretanto, já era possível perceber o lixo nas ruas e em algumas casas, tendo em

vista a falta do costume de limpeza por parte de certos moradores. A circunstância preocupou Professor, já de posse das fichas dos prisioneiros. Logo estes receberam a escala das pessoas encarregadas da limpeza das ruas e a recomendação para limparem suas casas a fim de evitar as doenças que fatalmente surgiriam.

O próximo passo seria implantar a escola e os serviços de saúde com os mais habilitados para tal mister. Segundo as fichas recolhidas, não havia professores e médicos entre os habitantes, porém alguns haviam se classificado como profissionais dessas áreas -tanto mulheres quanto homens. Era possível, pois, montar uma escola, assim como um pequeno hospital. Além dos medicamentos e materiais existentes no almoxarifado, outros poderiam ser solicitados à comissão.

Professor e seu grupo dedicavam-se a selecionar as fichas e acompanhar o trabalho de limpeza. Inicialmente este não andava bem, pois era executado sem maior interesse. Professor então tomou uma atitude: determinou que de seus auxiliares diretos levassem dois dos encarregados pela limpeza para o almoxarifado e lhes dessem uma boa surra, com a advertência de que a próxima penalidade seria a morte.

A partir daí, as ruas estavam sempre limpas. A equipe providenciou, inclusive, latas no almoxarifado para que o lixo fosse depositado. Depois disso, as casas também eram mantidas imaculadas. Todos ficaram receosos de uma reação violenta de Professor.

Este e seus auxiliares, nessas alturas, já pensavam em como aproveitar convenientemente o espaço que tinham para plantar. Era preciso saber quais os alimentos que seriam consumidos pela população e também aqueles que poderiam servir como instrumento de troca, pois roupas e sapatos, por exemplo, haveriam de ser necessários futuramente.

A equipe escolhida para o hospital apresentou-se. As três pessoas possuíam alguma experiência, adquirida em trabalho que haviam realizado nos locais onde moravam. Uma, porém, destacava-se das demais por seu físico, assim como por seus conhecimentos. Era uma mossa de aproximadamente de trinta anos, cabelos e olhos negros, tez rosada, sorriso franco, próprio de uma jovem bonita. Vendo-a, todos se perguntavam como ela havia ido parar ali.

Chamava-se Iolanda e fora para a cidade com o objetivo de acompanhar o marido. Não sabia bem explicar sua decisão, pois tinha boas perspectivas de vida fora da cadeia, embora fosse originária de família pobre que, quem sabe por isso, a tivesse abandonado à própria sorte. Ainda criança, recebera grande incentivo

de seu marido que, segundo ela, havia entrado para a vida criminosa com o intuito de ajudá-la. Talvez em razão dessa atitude, ela tivesse abdicado de uma vida saudável fora do mundo da prisão. O trabalho em tais condições representaria uma válvula de escape para as suas preocupações.

Professor determinou que ela exerceria a chefia hospitalar e obedeceria as regras estabelecidas de acordo com as exigências. Os medicamentos foram armazenados no hospital e a escala foi feita pela nova chefia. Inicialmente não haveria plantão noturno. Se houvesse necessidade, os membros da equipe seriam chamados em suas próprias casas. No entanto, deveriam preparar-se para treinamento de outras pessoas, com vistas à implantação de uma escala em futuro próximo.

A simples existência de uma equipe médica na cidade transmitia segurança aos moradores. Ninguém haveria de sofrer por falta de atendimento. Sobretudo naquela fase, em que todos se encolhiam e contavam com agressões a qualquer momento. Essa era uma preocupação geral.

A implantação da escola, que visava atender inicialmente os analfabetos e semianalfabetos, teve idêntico tratamento. Os candidatos apresentaram-se e foram selecionados.

Professor prosseguia, agindo com autoridade. Depois do hospital e da escola, sua tarefa foi apontar homens para a lavoura. Eleitas as culturas a serem disseminadas, restaria reivindicar, junto às autoridades públicas, as sementes necessárias ao plantio. Além disso, as oficinas receberam profissionais habilitados e outros integrantes, designados como auxiliares.

Houve resistência de alguns presos. Alegavam eles inexperiência na área para a qual haviam sido escolhidos, sentindo-se incapazes, portanto, de desempenhar bem sua missão. Tampouco sabiam identificar as atividades às quais se habilitavam. Um deles chegou a dizer que jamais exercera qualquer espécie de trabalho.

Professor respondeu-lhes imediatamente. Também ele aprendera a desenvolver com precisão diversas ações criminosas, porém, desde que imaginara ser um dos escolhidos para habitar a cidade, pensara em como proceder para que sua estada ali fosse o menos penosa possível. Portanto, os eleitos deveriam desempenhar a contento suas tarefas, convictos de que nada adiantava o poder se não havia meios de exercê-lo.

Ante a impossibilidade de resolver a questão de forma a satisfazer a todos, Professor manteve as designações e chamou atenção do grupo para a necessidade de empenho na busca do bem-estar da comunidade. Pelo menos

naquele momento, não havia outra alternativa. O trabalho que estavam iniciando era, na verdade, um instrumento de defesa que, não eliminava as pretensões individuais.

A preparação do terreno agricultável foi iniciada com certa dificuldade sob a orientação de um dos presos, que possuía alguma experiência no setor. No entanto, dois dos designados, embora se mantivessem junto aos demais, nada faziam. Sequer se aventuravam a tocar nos instrumentos de trabalho. Tal atitude criou no grupo um clima de insatisfação, que foi comunicado a Professor. Este, acompanhado de seus homens de confiança, compareceu ao local e chamou os referidos moradores, conduzindo-os ao cemitério onde, sob suas ordens, foram executados.

As atitudes extremas do líder geraram um clima de medo, assim como alimentavam, em alguns dos membros da comunidade, a necessidade de reação, ao contrário, dentro de pouco tempo não haveria mais saída. No entanto, a aglutinação com tal finalidade era difícil. Afinal, havia pouco tempo que estavam ali e Professor se posicionara desde o primeiro dia. Além disso, suas atitudes afinavam-se com o pensamento da maioria da população e demonstravam, claramente, o exercício do poder, naquela altura incontestável.

O trabalho de limpeza do terreno e de preparação para receber as culturas continuava, agora com mais determinação. Os moradores que não tinham experiência procuravam adquiri-la. Professor fiscalizava a execução das tarefas tanto pessoalmente quanto através de seus auxiliares.

Assim chegou o dia do comparecimento da comissão.

# O PRIMEIRO COMPARECIMENTO DA COMISÃO

Tal é a natureza da força. O poder que ela possui
de transformar os homens em coisas é duplo e se
exerce dos dois lados; petrifica diferentemente,
mas com a mesma intensidade, as almas dos que
a sofrem e a dos que a manejam.
*Simone Weil*

Até então, tudo corria como esperado. A imprensa publicava entrevistas com autoridades, professores e técnicos, porém não tinham acesso ao que acontecia dentro da cidade. Até mesmo os membros da comissão de nada sabiam. O suicídio e os homicídios praticados só eram conhecidos através das cartas que os moradores escreviam e que eram censuradas.

A comissão reuniu-se inicialmente com os guardiões para inteirar-se de eventuais dificuldades surgidas naquele período. Folgou em saber, que nada digno de registro havia ocorrido. Percorreu os arredores da cidade, inspecionou a muralha protetora e nenhuma anormalidade foi encontrada.

Então, por alto-falante instalado fora do alcance dos moradores, anunciou que naquele dia, às 14 horas, no local apropriado, atenderia um grupo representante formado por três pessoas com o objetivo de ouvir reivindicações e esclarecer dúvidas.

Na hora aprazada, apenas Professor surgiu na portinhola. Antes que a comissão o inquirisse sobre a ausência dos outros dois, ele explicou que os moradores haviam decidido enviá-lo como representante, dispensando os demais. A situação colheu a comissão de surpresa, mas todos concluíram por ouvir o preso. Afinal, segundo a filosofia implantada, aos presos caberiam as decisões. O mesmo aconteceria se não se apresentasse qualquer representante.

Inicialmente os membros da comissão quiseram saber se tudo corria bem na cidade. Professor respondeu coma monossílabos e garantiu estarem todos conscientes da realidade que teriam que enfrentar, já que a vida lhes pertencia, embora não tivessem pedido para habitar a cidade e, como condenados, houvessem sido privados da oportunidade de escolha.

A comissão logo percebeu que enveredara por caminho com destino incerto e

resolveu sair dele. Pôs-se então á disposição do preso. Este expôs a necessidade de sementes, enumerando-as, assim como de medicamentos, material para a escola e, finalmente, de algumas vacas e um reprodutor, as primeiras com os respectivos filhotes. Disse, por fim, que esperava o atendimento de suas reivindicações o mais rapidamente possível.

Tomados de um misto de emoção e surpresa, os membros da comissão ficaram convencidos de que o projeto andava bem. Os pleitos formulados pelo representante da comunidade nada tinham de estapafúrdios, como inicialmente pensaram. Além de tudo, eram de fácil atendimento.

Numa avaliação posterior com representante dos governos, houve até quem propusesse a construção de outras penitenciárias no mesmo molde. Os membros da comissão, entretanto, argumentaram ser precipitada, ainda, qualquer iniciativa nesse sentido. Era necessário esperar o fim do primeiro ano para que se fizesse uma apreciação segura e, assim, fosse estabelecido o caminho a seguir.

Para melhor informar os presentes, a comissão selecionou cópia de uma das cartas enviadas da cidade para parentes, usando de prerrogativa assegurada pela lei, ou seja, inexistência de censura em tais casos. Dizia o missivista, cujo nome não foi revelado, que o lugar não era ruim, apesar da aparente distância do mundo. Não havia rádio nem televisão e tudo deveria ser construído pelos próprios moradores. Apesar da falta de perspectiva de convivência com as pessoas livres, era possível vislumbrar a perspectiva de uma boa vida para todos os moradores.

Entretanto, aquela não era uma opinião unânime, esclareceu a comissão. Havia cartas que refletiam desespero, outras revolta e ainda aquelas que apontavam para o futuro, na esperança de que tudo voltasse a ser como antes, sobretudo após as eleições seguintes. Os autores de tais cartas sugeriam o acionamento de ONGs e entidades defensoras dos direitos do preso para denunciar a situação. Não havia nenhuma mensagem que criticasse a cadeia em si. Algumas falavam de solidão, outras noticiavam um suicídio e dois assassinatos dentro da comunidade.

Nada foi objeto de apuração por parte da comissão, tudo de conformidade com a lei encarregada de disciplinar a cidade. Os acontecimentos intramuros seriam geridos pela própria população. Tudo haveria de concorrer para que os presos descobrissem para si mesmos um caminho seguro.

As sementes, os remédios e os animais solicitados foram imediatamente encaminhados, acompanhados por membros da comissão, sobretudo em face da necessidade de se abrirem os portões para ingresso dos animais. Os guardiões

não estavam de posse de chaves e, portanto, só os integrantes da comissão, com os cuidados necessários, poderiam possibilitar tal ingresso.

A primeira inspeção dera-se, assim, de modo inteiramente satisfatório. A rigor, nada havia a ser corrigido. As mortes eventuais haviam sido previstas. Deveriam, apenas, ser adotadas medidas para detectá-las, tendo em vista a abertura de vagas para novas transferências. O assunto, dependendo das condições, deveria ser levado ao conhecimento dos representante dos moradores no encontro seguinte.

O próximo passo foi receber a imprensa e prestar as informações julgadas indispensáveis ao conhecimento do público. Segundo a comissão, nada de diferente do planejado acontecera. Ante as insistentes perguntas sobre o cotidiano dos presos e, consequentemente, sobre as principais ocorrências no interior da cidade, a comissão respondeu que não eram de seu conhecimento, tendo em vista, inclusive, a filosofia que orientara a implantação do projeto.

Por mais que os repórteres insistissem, nenhuma informação adicional foi prestada, inclusive porque a comissão estava sendo absolutamente verdadeira. A ausência de fatos a serem descritos gerou uma aparente liberdade para que os profissionais da imprensa adotassem uma postura crítica, havendo, inclusive, versões estapafúrdias publicadas por  alguns órgãos.

Apesar dos senões, tudo concorria para aumentar a certeza de ter sido adotado o caminho certo por parte das autoridades.

# NOVAMENTE A CIDADE

As sementes chegaram e também os bois. Foram escolhidos os encarregados de preparar o terreno para a semeadura, assim como o curral dos animais. No início, como sempre, as dificuldades foram grandes. Ninguém queria trabalhar ou assumir responsabilidades. Foi preciso, mais uma vez, a interferência de Professor que, dessa feita, foi enfático. Segundo ele, o regime que haveriam de implantar na cidade não era o da escravidão de alguns. Todos trabalhariam igualmente. Os recalcitrantes deveriam lembrar-se dos que tinham morrido por resistir ao sistema. Afinal, estavam em um lugar cujos costumes seriam implantados por eles próprios.

A área agricultável foi dividida tendo em vista as diversas culturas. Tudo foi planejado segundo os conhecimentos existentes. Os animais foram abrigados em currais construídos com o material disponível. Passados alguns dias, já se podia vislumbrar a vegetação brotando e os bois começando a se adaptar ao novo espaço.

Os trabalhadores da área descobriram-se entusiasmados. Alguns nunca tinham assistido a semelhante espetáculo. Comer o feijão ou tomar o café era um simples exercício de manutenção da vida. Nunca tinham se dado ao trabalho de procurar saber a origem dos alimentos que consumiam. O próprio Professor não escondia seu contentamento. Era comum vê-lo, com sua*entourage*, a espreitar a área cultivada.

Numa dessas ocasiões, encontrou-se com a equipe do ambulatório que, como a maioria dos habitantes da cidade, fora ao local apreciar o crescimento das plantações. Quando avistou Iolanda, sentiu algo diferente. Pensou ter perdido boa parte de seus anos na prisão. Sua vida sentimental resumia-se a encontros fortuitos com algumas namoradas antes de ser preso. Depois de encarcerado, houvera encontros eventuais na penitenciária com a concordância velada de certos funcionários. Agora, naquele lugar, acabava de descobrir uma mulher que ele sequer sabia se o queria e, além de tudo, que para ali fora em solidariedade ao marido.

Ao cabo de algum tempo em silêncio, Professor voltou a falar. No entanto, de alguma forma deixou transparecer seus sentimentos. Iolanda notou e procurou dissimular. Professor, um tanto embaraçado e tentando disfarçar, quis saber a opinião dos presentes acerca da comunidade.

Havia um sentimento comum. Todos estavam rigorosamente entusiasmados com o desenvolvimento do lugar, o que se acentuava com o brotar das plantações e a

adaptação do gado. Essa era a opinião, inclusive, dos moradores mais tímidos, que aos poucos se aproximavam dos demais. A prisão começava a tomar jeito de cidade e seus habitantes, com um misto de satisfação e surpresa, manifestavam isso a todo momento.

Ainda assim, sempre existiam problemas. Um grupo entendia que Professor assumira poder excessivo, inclusive obrigando os presos a trabalhar, sem procurar encontrar meios para por fim a segregação a que todos estavam sujeitos. Era preciso um posicionamento que cobrasse uma postura quanto a isso.

Os integrantes do grupo que assim pensava procuravam sobressair-se e dominar a população visando, ao menos, contrabalançar o poder que vinha sendo exercido e contestar o sistema punitivo adotado.

O grupo, inteiramente convicto de seu pondo de vista e certo de que não havia outra saída, ao cabo de alguns dias sequestrou um dos membros da segurança de Professor e o matou a estocadas. Os responsáveis não se deixaram identificar. Seu objetivo, naquele momento, era mostrar discordância sem correr risco de enfrentamento. Aguardariam a reação de Professor e só então adotariam nova atitude.

Durante a permanência do corpo no local onde fora abatido, inúmeros moradores foram vê-lo. Professor não escondia sua consternação e afirmava, seguidamente, a necessidade de descobrir os autores do homicídio. Não era admissível semelhante situação naquele lugar. Se todos queriam viver com segurança na cidade, nada deveria ser feito às escondidas. Era preciso empenho para solucionar o problema.

Dois membros de sua entourage foram designados para investigar o fato. Antônio José e Ednaldo logo iniciaram o trabalho. A princípio  entenderam tratar-se de crime que não poderia ter sido cometido por uma única pessoa. Afinal o morto era forte e pertencendo ao principal grupo da cidade, não estaria desprevenido. Assim, resolveram começar pela identificação dos diversos grupos existentes. Não obstante alguns pudessem ser identificados com facilidade, era preciso cuidado, pois poderia haver formações desconhecidas. Além do mais, Professor queria os responsáveis sem qualquer sombra de dúvida. Ninguém haveria de pagar por outrem.

Os dirigentes já haviam percebido algum descontentamento com o encaminhamento das principais questões. No entanto, a ação perpetrada pelo grupo rebelde deixava os moradores inseguros, pos seus membros permaneciam incógnitos. Embora fosse clara a disputa pelo poder, nada era possível fazer contra militantes desconhecidos.

Professor mostro-se preocupado, reforçou sua segurança e recomentou a seus companheiros que nunca estivessem sozinhos. Segundo ele, o homicídio praticado marcava o início de uma guerra para a qual todos deviam estar preparados.

Antonio José e Ednaldo esforçavam-se para chegar aos autores pelo crime. Inicialmente procuraram ouvir os residentes nas proximidades do local do assassinato. Ouviram também os chefes de grupos já identificados. As respostas eram sempre evasivas, impossibilitando qualquer investigação séria. Embora fosse possível excluir a maioria dos moradores, havia um número considerável de pessoas capazes de agir de forma diferente da pregação da liderança reconhecida.

Depois de alguns dias de incansável, porém pouco produtiva atividade, os integrantes da equipe de investigação resolveram sugerir a Professor a convocação de todos para uma reunião, assim como a instituição de um grupo maior, encarregado das investigações necessárias. Era preciso escalar membros para patrulhas diurnas e noturnas, com vistas a evitar ocorrências passíveis de trazer preocupação à população.

Professor acolheu a ideia, até porque já havia pensado naquilo, em especial a criação de uma espécie de delegacia para onde os moradores poderiam canalizar suas reclamações, as quais seriam devidamente investigadas. Só assim a paz reinaria na cidade, sobretudo a partir daquele momento, em que já era possível vislumbrar a existência de contestadores.

A reunião aconteceu em seguida. Professor chamou a atenção de todos para o fato de aquela não ser uma cadeia comum. Ali não deviam prevalecer interesses individuais, incapazes de trazer solução para os problemas da população. Do mesmo modo, não se mostrava plausível uns trabalharem para os outros, já que todos ali estavam pelo mesmo motivo, salvo os familiares, que para lá haviam se dirigido em solidariedade ao chefe da família e agiam como uma espécie de farol a iluminar o caminho que deveriam trilhar.

Casado manifestou solidariedade ao grupo e explicou que sua única finalidade era proteger as famílias. Quanto ao mais, estava inteiramente de acordo e se colocava à disposição da liderança.

A seguir Professor repisou a necessidade de instituírem uma espécie de delegacia para onde seriam canalizadas todas as reclamações, encarregando-se a mesma de manter o patrulhamento diurno e noturno, com vistas à manutenção da paz.

Como ninguém manifestasse resistência à ideia, ficou estabelecido que, inicialmente, a delegacia seria dirigida pelo triunvirato composto de Antônio

José, Ednaldo e Casado,  e que estes se encarregariam de implantar o projeto de imediato, inclusive recrutando seus auxiliares, tendo como objetivo fidelidade e eficiência. A primeira investigação deveria ter como meta o desvendamento do último homicídio ocorrido.

Com calma, ao menos aparente, os participantes foram se dispersando. No entanto, Professor sentiu o olhar penetrante da enfermeira Iolanda, que se aproveitara de um instante de distração de seu acompanhante. Aquele olhar roubou-lhe a paz. Estava claro que fora intencional.

A partir daquele momento, além dos problemas triviais da cidade, Professor acabara de assumir mais um, para ele o maior de todos. Já não podia negar seus sentimentos pela enfermeira. No entanto, integrando uma sociedade incomum e considerando a posição que ocupava, era-lhe difícil saber como agir para conquistar aquele coração. De uma coisa estava certo: precisava fazer algo para realizar aquele sonho que começava.

# A PAIXÃO

Que desespero traz o amor...
*Vinícius de Moraes*

Naquela noite, Professor não conseguiu dormir. Embora os últimos acontecimentos fossem importantes e lhe exigissem posicionamento seguro, a causa da insônia foi sua definitiva descoberta a respeito de Iolanda. Pensava numa saída para aproximar-se dela sem reservas, mas lembrava-se de seu companheiro. Estava ciente da impossibilidade de sua pretensão, tendo em vista sua posição na comunidade. Ainda que entre condenados a ética fosse diferente da dos demais, estava sendo construída uma sociedade inteiramente voltada para seus habitantes, sob sua direção. Era preciso, pois, todo o cuidado para que sua autoridade não sofresse um arranhão sequer.

O dia demorou a amanhecer para Professor, em face do emaranhado de pensamentos que o envolviam. Mal se iniciara o expediente e, quase sem perceber, Professor dirigiu-se ao ambulatório, onde encontrou Iolanda. Tampouco ela parecia ter dormido. Seus olhos mostravam uma coloração avermelhada seu semblante denotava cansaço. Professor cumprimentou-a e confessou-lhe corajosamente ter ido ao ambulatório apenas para vê-la, pois havia passado a noite pensando nela. Seguiu-se um silêncio constrangedor, que os dois identificaram imediatamente.

A chegada dos outros enfermeiros interrompeu o encontro, mas restou em ambos a certeza de que havia inteira correspondência de sentimentos. No entanto, era preciso concretizá-los sem causar desavenças, sobretudo sendo Professor um líder quase que inteiramente aceito pela comunidade.

Ao sair do ambulatório, Professor sentia um misto de alegria e preocupação. Estava totalmente convencido da correspondência de seu amor, mas isso demandava uma tomada de posição que poderia implicar em questionamentos quanto a sua liderança e afetar sua própria segurança. Era preciso pensar.

Descobriu, nesse momento, a inexistência de confidentes. Todos que o rodeavam estavam ali para dar e receber proteção. Ninguém partilhava suas preocupações pessoais. Alguns até haveriam de interpretá-lo mal, julgando incapaz de comandar aquela turba. Por mais que tentasse lembrar o nome de alguém que pudesse ouvi-lo, não conseguia. Não se desenvolvera até então, entre ele e outro morador, nenhuma relação de amizade. Os habitantes se juntavam na defesa de seus interesses, sem qualquer preocupação com os demais.

No dia seguinte, novamente uma força estranha o impeliu até o ambulatório, impedindo-o de pensar em qualquer outra coisa. Encontrou Iolanda aparentemente a esperá-lo, pois havia determinado a seus auxiliares a execução de um serviço externo.

As palavras não foram necessárias. Os olhos se comunicaram rapidamente. Abraços e beijos aconteceram em seguida, no ambiente sombrio do laboratório. Não havia mais qualquer dúvida. O casal queria estar juntos sem amarras. No entanto, Iolanda tinha um companheiro pelo qual nutria tanto respeito que concordara em cumprir pena com ele em local que nem sequer conhecia.

O casal conversou um pouco sobre o sentimento que inundava a ambos e sobre a maneira de solucionar as questões circundantes pois, apesar do pouco tempo de conhecimento, estavam absolutamente convencidos acerca do caminho que deveriam tomar.

Sozinho, Professor refletiu bastante sobre o assunto. Dificilmente o marido de Iolanda, possuindo a mulher mais bonita da comunidade e considerando-se a peculiaridade em que viviam, concordaria pacificamente com a ideia de separação.

Depois de muito refletir, Professor arquitetou um plano para ver-se livre do impedimento. Sem o conhecimento de ninguém, inclusive de Iolanda, designaria seu rival para cuidar dos animais à noite e ele próprio o executaria, colocando a culpa no grupo que assassinara seu auxiliar dias antes. Faria tudo com o devido cuidado e sem pressa. Enquanto isso, haveria de cortejar sua amada sem nada deixar transparecer.

À medida que o tempo passava, os encontros aconteciam nos dias e horas mais propícios para ambos. E a cada encontro, mais Professor se convencia de seu amor e da necessidade de uma atitude urgente para assegurá-lo. Por vezes, sentia-se fraco para resolver um problema que lhe dizia respeito, ao contrário de suas ações relacionadas com o interesse comum.

Afinal tomou a decisão, mas era preciso cuidado para que o plano vingasse. Foi assim que o morador que desempenhava a função que seria designada ao companheiro de Iolanda foi chamado para trabalhar na patrulha de um serviço recém-instalado e o marido da enfermeira convocado a exercê-la.

Por essa época era comum Professor saíra durante a noite com o objetivo de fiscalizar o bom andamento dos serviços noturnos. Às vezes deixava seus guarda-costas à distância e prosseguia sozinho, já preparando o terreno para o momento de agir.

Numa dessas noites, deixou seus companheiros e seguiu até ao curral. Chamou

seu rival pelo nome, o qual, ao reconhecê-lo, desarmou o espírito. No entanto, foi recebido com inúmeros golpes de estoque, não tendo tempo de esboçar qualquer reação.

Estava consumada a primeira parte do plano, uma vez que nenhuma outra solução se apresentara. O sacrifício de uma pessoa haveria de resolver o problema de duas outras, se tudo corresse bem.

Constatada a morte, Professor voltou apressado para o lugar onde o esperavam seus guarda-costas e, sem esconder seu nervosismo, disse ter encontrado o guarda do curral sem vida, atribuindo o fato àqueles que antes haviam matado seu companheiro.

A revolta logo se fez sentir. O grupo, aceitando a versão de Professor, afirmava a necessidade de pôr cobro àquela situação, pois não haveria paz se tal não acontecesse. A mesma reação tomou conta dos demais moradores, que lamentavam a morte de um homem pacato, cheio de sonhos, apesar de sua história e do lugar onde fora parar.

A cabeça de Iolanda tornou-se um redemoinho. Não sabia explicar como aquilo acontecera exatamente no momento em que um novo amor surgira em sua vida. De qualquer modo, lamentou profundamente o ocorrido. Afinal, pelo marido havia renunciado a sua vida e, além do mais, sentia-se só e desprotegida. Não era, entretanto, momento de pensar em vida quando se deparava com a morte.

Professor recrutou gente para reforçar a segurança e recomendou empenho aos encarregados das investigações. Disse que ele próprio e seu pessoal proveriam a supervisão. Haveriam de coibir qualquer tentativa de desestabilização da cidade, mantendo a paz a qualquer preço.

Quanto a Iolanda, passava por momentos de grande indecisão. Embora estivesse vivendo uma grande paixão, nunca pensara num fim tão trágico para seu companheiro. Surgiam diante dela duas alternativas. Inicialmente, poderia levar o caso à Comissão, pleiteando o seu regresso, já que não era sentenciada. A segunda hipótese seria permanecer, em homenagem à sua paixão e também aos pacientes, aos quais já começava a se afeiçoar. Por mais que tais pensamentos lhe cruzassem a mente, não se julgava em condições de decidir. Era preciso mais tempo.

Enquanto isso, Professor esperava o momento de abordar sua amada, convencido da inexistência de outra alternativa. Tinha consciência de sua situação na cidade, inclusive da possibilidade de regresso da Iolanda. Entretanto, se ela se dispusera a deixar a própria vida para acompanhar seu homem, haveria de fazer o mesmo agora, diante de um novo e mais profundo amor.

Já haviam se passado vários dias desde a morte do companheiro de Iolanda e Professor, embora se mantivesse informado de seus passos, não a procurava. Julgava pouco conveniente interromper o luto da mulher ou demonstrar seu interesse particular por ela naquele momento.

A reaproximação aconteceu com relativa lentidão. Inicialmente Professor comparecia ao ambulatório, mesmo quando ela não se encontrava ali. Depois por ocasião da volta paulatina de Iolanda ao trabalho, ele para lá se dirigia com o propósito de inteirar-se de sua recuperação e prestar-lhe solidariedade. Ela simplesmente o recebia sem deixar transparecer o que lhe ia na alma. A morte do companheiro parecia tê-la transfigurado. Muitos dias se passaram até que começasse a esboçar alguma reação. Quando isso ocorreu pela primeira vez, perguntou a Professor como iam os animais. A resposta foi rápida: iam melhor que eles dois, já que a fatalidade resolvera afastá-los e ele, pessoalmente, não sabia como agir.

A partir de então, os encontros foram se tornando mais frequentes e os demais moradores começaram a perceber o interesse recíproco. Tal situação tornou-se mais evidente quando Iolanda anunciou sua decisão de não procurar a comissão para pleitear seu regresso. Vencida a difícil fase de assimilação da morte de seu companheiro, daria continuidade à vida que lhe fora reservada na comunidade. Estava convencida de que este era o seu destino.

Professor também estava feliz. Já não sentia necessidade de esconder seus sentimentos, embora ainda não achasse conveniente divulgá-los. O tempo se encarregaria disso.

# A RELIGIÃO

Foi por essa época que despertou o sentimento religioso de alguns dos integrantes da comunidade. Resolveram procurar Professor para, através do exames das fichas, verificar a religião de cada um. A partir daí poderiam organizar práticas religiosas. Na ausência de televisão e rádio, talvez conseguissem uma razoável adesão.

O levantamento não foi difícil. Embora muitas pessoas não houvessem definido sua religião, grande parte o fizera. Havia alguns espíritas, um número maior se definia como evangélico e a maioria se dizia católica.

O grupo conseguiu um lugar para realizar os cultos, dividindo-o entre os diversos credos. A ideia foi bem acolhida por todos. Mesmo os que não tinham se declarado adeptos de nenhuma religião apoiaram a ideia.

As mulheres que tomaram a iniciativa de instituir as práticas religiosas assumiram a coordenação dos trabalhos e fizeram a distribuição de dias e horários para que tudo ocorresse sem anormalidades. O isolamento fazia com que todos os passos fossem planejados com a concordância dos demais. Mesmo em se tratando de práticas religiosas, era evidente o cuidado com que o assunto era tratado.

Mercê de avisos pessoais ou através de cartazes, os trabalhos religiosos não tardaram. Embora não houvesse padres ou pastores, as pessoas designadas procuravam transmitir fé através de mensagens faladas ou de hinos. Era comum o comparecimento de não praticantes com o objetivo de fugir, momentaneamente, da situação em que se encontravam. Até Professor compareceu, ao lado de Iolanda e de alguns guarda-costas, a uma das prédicas iniciais. As práticas religiosas preenchiam um espaço vazio no coração daquela gente.

# A SEGUNDA VISITA DA COMISSÃO

Algum tempo depois, a comissão repetiu a visita. Nenhuma anormalidade na parte externa da cidade. Os guardiões continuavam executando o trabalho conforme fora planejado. A chefia havia providenciado tabuleiros de jogos diversos para que se distraíssem nos horários de folga. Também foram providenciadas antenas para rádio e televisão com o mesmo objetivo.

A comissão, entretanto, entendeu que o aparente marasmo poderia concorrer para o relaxamento da guarda. Em consequência, naquela mesma oportunidade, resolveu instituir um sistema de treinamento semestral para todos.

Excluída essa preocupação, tudo aparentava calma. Os guardiões sequer sabiam informar sobre o que ocorria no interior da cadeia. A comissão estava satisfeita. Então foi tocado a sirene para que os presos comparecessem ao local designado.

Mais uma vez, apenas Professor apresentou-se. Inicialmente a comissão quis saber quantas casas estavam disponíveis, mercê das informações recebidas. A posição inicial do interlocutor foi silenciar quanto a esse aspecto, ao que a comissão informou-lhe que, apesar de sua posição, outros presos seriam transferidos para a comunidade. A seguir Professor quis saber se eles, os novos integrantes, também teriam um ano de alimentação por conta do Estado. A comissão respondeu negativamente. Os novos moradores deveriam adaptar-se ao já existente, com as atribuições que lhes fossem designadas. Quanto à transferência, se daria tão logo a seleção estivesse concluída.

Em seguida Professor reivindicou a remessa de animais diversos, sobretudo porcos, cabras e galinhas em condições de reprodução, assim como a instalação de televisores e rádios para a comunidade. Pediu também à comissão que pensasse na troca de algumas das culturas que estavam prestes a ser colhidas, pois a população precisava de artigos que ainda não era capaz de produzir.

O primeiro rechaço ocorreu então. Ainda não era possível, segundo a comissão, que se instalassem aparelhos de rádio ou televisão no local. Essa decisão havia sido aprovada pelos dirigentes e já era do conhecimento da comunidade. No entanto, quanto aos animais e à intermediação da venda ou troca da produção, era inteiramente possível. Aliás, no que dizia respeito à primeira solicitação, já a comissão podia dar uma resposta afirmativa. A exemplo dos bois, fariam chegar os animais o mais rapidamente possível. Quanto aos produtos agrícolas, embora pudessem assegurar a viabilidade da troca, precisariam de um tempo maior para decidir.

As novas informações foram transmitidas às autoridades, que a cada dia se

convenciam mais do acerto de suas decisões. Houve até quem sugerisse uma visita ao local. Entretanto, os membros da comissão lembraram a impossibilidade legal de ingresso na prisão, assim como o completo desconhecimento de sua realidade, o que inviabilizava qualquer atitude do gênero, inclusive por questões de segurança. Sabiam, no entanto, da existência de casas vagas na cidade, em face dos homicídios noticiados pelas cartas. Informaram então que quatro novos presos poderiam ser encaminhados ao local, que já haviam feito tal comunicação ao intermediário dos moradores e que logo iniciariam o processo de seleção.

À imprensa foi dito apenas que a segunda visita se efetivara e que duas reivindicações seriam atendidas: o envio de animais e a troca de produtos da cadeia por outros indicados pelos presos. A imprensa foi informada, ainda, da ocorrência de pelo menos quatro homicídios. Tal circunstância possibilitava o encaminhamento do mesmo número de presos com as respectivas famílias, se estas assim desejassem.

A última notícia inflamou os repórteres, ávidos por detalhes dos acontecimentos. Contudo, por dever de ofício e por absoluto desconhecimento, a comissão declinou de dar qualquer informação. A única atitude que tomariam seria a remessa de novos presos, tudo de conformidade com a legislação.

Decorridos alguns dias, através do processo utilizado anteriormente, foram encaminhados os animais solicitados e a respectiva ração. A comissão passoou então a selecionar os novos reclusos a serem encaminhados à cidade, já agora com maior desembaraço em face da quantidade e do conhecimento então adquirido.

# OUTRA VEZ A CIDADE

Os animais chegaram durante a primeira colheita. O milho dera bonito e já havia secado em alguns pés, porém ainda era possível a obtenção de milho verde. Professor programou para aquela noite uma reunião com os moradores, na qual seria servido milho verde assado e cozido, em comemoração à primeira colheita.

A festa foi muito animada. Houve até dança, acompanhada pela velha sanfona de um dos presos. A reunião possibilitou um maior entrosamento entre as pessoas, as quais, àquela altura, mostravam-se convencidas de estarem no caminho certo.

Os animais recém-chegados eram outra causa de otimismo. Era possível vislumbrar uma grande reprodução. A cidade começava a despontar, fosse em função do maior conhecimento entre os moradores, fosse através das diversas atividades profissionais, ou levando-se em conta as culturas que surgiam. No entanto, em uma comunidade de gente tão desigual como aquela, era preciso autoridade e esta, segundo avaliação da maioria, estava presente na figura de Professor.

# DE VOLTA À PROFESSOR

Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la.

Porém, se a não corrigires, não a alcançarás.

Entretanto, não te resignes.

*José Saramago*

Professor tinha consciência, àquela altura, de não precisar cometer crimes para viver bem. Possuía uma mulher - que surgira em sua vida tal qual um raio em céu azul - e exercia, na comunidade, um poder incontestável.

Naqueles dias, levara Iolanda para sua casa e sequer se preocupavam em cozinhar. Um homossexual assumira esse posto e, além da cozinha, cuidava da casa. Chegara mesmo a cultivar um jardim, o que destacava dos demais a residência do casal.

Iolanda já havia preparado outras pessoas para o exercício da enfermagem. Portanto, estava mais folgada em seu trabalho e podia dedicar-se a outra atividade. Pensou em organizar um salão de beleza com os conhecimentos que tinha e instruir outras mulheres nesse ofício, sobretudo porque, no lugar em que moravam, precisavam cuidar da aparência para melhorar o estado de espírito. No mesmo local, poderia funcionar uma barbearia para os homens.

Quando comunicou seus projetos a Professor, o companheiro olhou-a fixamente e mais uma vez mostrou-se admirado. Então a mulher bonita que abandonara sua cidade por amor, que vinha administrando tão bem o ambulatório que os moradores chamavam de hospital, que formara profissionais para ali trabalharem, agora dava ideia para formar e atender pessoas em outra atividade. Depois de tantos descaminhos, Professor sentia estar chegando ao lugar onde sempre deveria ter estado.

Sua concordância foi imediata. Era preciso conseguir um espaço para que o novo posto de trabalho fosse instalado e convocar gente para preenchê-lo. Quanto a isso, Iolanda tinha algo a sugerir. Enquanto não se conseguia lugar melhor, poderiam reservar uma sala no próprio ambulatório e divulgar a atividade que, sem dúvida nenhuma, apareceriam trabalhadores e clientes.

Poucos dias depois, o salão estava funcionando e a afluência já era grande. A equipe solicitou , por meio de cartas à comissão, produtos e equipamentos, e esta não tardou a atender. Afinal, iniciativas como aquela evidenciavam o funcionamento da cidade.

A alocação do salão indicou a necessidade de novas construções. Os prédios destinados às oficinas não comportavam reaproveitamento e as casas que haviam vagado pelas mortes dos moradores logo seriam novamente ocupadas, segundo os membros da comissão. Assim, Professor, ouvindo alguns companheiros, decidiu instalar uma olaria para fabricação de adobes cuja secagem não dependia de forno. Àquela altura, era a melhor e mais rápida solução.

Selecionados os habitantes com alguma experiência e feitas as formas com sobras de madeira existente na região, o trabalho começou com a modelagem e fabricação dos adobes. Enquanto isso, uma equipe mais qualificada escolhia os locais e desenhava os projetos. Tinham decidido construir acomodações não só para o salão, como para as igrejas, a administração da cidade e para abrigar os eventuais contraventores da lei.

Como tudo na comunidade, o empreendimento logo foi implantado. Os adobes começaram a se multiplicar ao sol e outra equipe preparava os alicerces das novas construções. Àquela altura, era pouco comum a resistência à execução das tarefas diárias.

No entanto, numa determinada noite, parte de uma das construções foi inteiramente destruída. A princípio não foi possível identificar os autores daquela ação atentatória à filosofia que vinha sendo implantada. Contudo aproximadamente dois dias após, uma carta anônima foi encontrada no ambulatório. Nela, o missivista identificava dois dos autores, embora alegasse ter visto cerca de cinco pessoas empenhadas na ação.

Era o fio que a equipe de segurança precisava. Naquele mesmo dia localizou os dois identificados, levou-os para local isolado e, diante da negativa, pendurou-os em paus-de-arara, até que resolvessem falar. A equipe esclareceu aos autores do atentado que não alimentava nenhum desejo de os manter vivos; sua única possibilidade nesse sentido era a confissão. Aquilo, no entanto, não passa vá de mera conjetura, pois quem havia de decidir o destino dos dois seria Professor.

Diante da tortura e das ameaças, os infratores resolveram falar. Disseram que efetivamente integravam um grupo que contestava o excesso de poder exercido por Professor; que haviam participado do homicídio de seu auxiliar e do grupo que destruíra as paredes da construção. Por fim, nomearam mais quatro companheiros, inclusive o chefe, conhecido como Zé Maria.

Os membros da segurança colocaram os presos sentados e amarrados, designaram uma escolta e foram falar com Professor. Este decidiu, em primeiro lugar, que buscariam os acusados, os interrogariam e só então seria decidido o destino dos autores da confissão.

As buscas se iniciaram com o auxílio dos presos encarregados da vigilância e de voluntários. Os procurados não foram encontrados em suas casas ou em outros locais. Tudo indicava estarem escondidos, já que seus cumplices haviam sido detidos. A caçada continuou até que um grupo os localizou no chiqueiro, mantendo um morador como refém. Estavam armados com paus e estoques e pareciam dispostos a morrer lutando. Eles alegavam que eram presos e não cidadãos comuns e contestavam qualquer autoridade dentro e fora da cadeia. Mesmo quando lhes foi lembrado que dali a alguns meses não seria fornecida alimentação ou outros gêneros e que as fugas até aquele momento se mostravam inviáveis, os amotinados não cederam.

O Professor foi chamado ao local e deu um prazo de 15 minutos para que o grupo se entregasse. Decorrido esse tempo, nada aconteceu. Então foi dada a ordem para o ataque. Os defensores da cidade avançaram contra os amotinados com as armas de que dispunham e estabeleceu-se uma luta quase medieval. Quem olhasse de longe não conseguia definir a posição de cada um. Ao final, os quatro insurretos estavam mortos bem como o refém. No entanto, Casado, um dos chefes da equipe de segurança, também morrera e havia feridos necessitando da ajuda de Iolanda e sua equipe.

A morte de Casado gerou consternação na cidade. Todos reconheciam seu interesse em proteger as famílias e agir para que tudo corresse bem na comunidade.

Pela primeira vez foi realizado um velório. Muitas pessoas passaram pelo local, todas lamentando a morte do companheiro. Casado estava vestido com seus melhores trajes, trazia as mãos cruzadas sobre o peito e exibia um meio-sorriso nos lábios, como se tivesse saído vitorioso apesar de tudo. Não havia caixão. Seu corpo descansava em sua própria casa, sobre uma mesa enfeitada com folhas de árvores e flores colhidas no local. O enterro deu-se no dia seguinte e foi acompanhado por considerável número de pessoas.

Por sugestão de moradores, o ambulatório passou a chamar-se José da Silva Arimatéia-Casado. Seu nome foi ali escrito com o material disponível. No entanto, percebeu-se logo a desnecessidade dessa circunstância, pois desde o primeiro momento todos já identificavam o local pelo nome do companheiro morto.

Os insurretos que haviam morrido foram enterrados tal qual os demais. Oss vivos foram levados à presença de Professor, que os conduziu a uma fácil decisão. Deveriam escolher entre a morte e a vida, esta, entretanto, sujeita à observação da população, o que os obrigaria a estar sempre disponíveis e a prestar todas as informações que os vigilantes julgassem necessárias. Ficariam

também, a título de pena, obrigados a manter limpa a rua onde moravam. Só voltariam a igualar-se aos demais moradores quando assim fosse determinado por Professor.

A decisão foi, obviamente, pela vida. Professor levou em consideração a circunstância de terem os insurretos vivos colaborado para a identificação dos demais responsáveis pelos atentados, porém advertiu-os de que seriam diuturnamente observados.

Alguns dias depois, o alto-falante do corpo da guarda anunciou a entrada de quatro novos moradores, dois dos quais acompanhados das famílias. Ao ingresso, notava-se certa perplexidade por parte de todos. Professor havia providenciado uma espécie de comissão de recepção, a qual se encarregaria de levá-los às respectivas casas, assim como de os informar sobre as regras já implantadas na cidade. Os novos presos fizeram algumas perguntas, porém com certo cuidado. Só as famílias foram mais explícitas em suas dúvidas, todas devidamente esclarecidas.

Dentre os recém-chegados estava Alex Rodrigues, conhecido de Professor por terem praticado juntos alguns crimes e terem cumprido pena na mesma cadeia. Conhecendo-lhe a personalidade, o líder da comunidade resolveu procurá-lo para uma conversa especial, na qual o colocaria a par do andamento da administração e dos últimos acontecimentos. Explicou-lhe tudo, mencionando as mortes ocorridas até então e suas motivações e ainda a forma como o poder fora ali estruturado. Disse-lhe, enfim, que a cultura que vinha sendo implantada não poderia ser igual à das cadeias comuns, já que as perspectivas e esperanças eram inteiramente diferentes.

Alex ouviu as explicações do colega. Ainda pouco aclimatado à nova morada, fez de conta que tudo entendia e que se conformava. Entretanto, intimamente achava que Professor agira com certa presunção. Observaria o ambiente e procuraria garantir o seu lugar.

As obras planejadas estavam no fim. As paredes e divisórias já se achavam de pé. A equipe se dedicava agora ao reboco e havia decidido cobrir as construções com palha existente no local, uma vez que a fabricação de telhas naquele momento parecia inviável. A cobertura deveria ser bem feita, a fim de embelezar a obra. Apenas o prédio da cadeia mereceria tratamento especial: as paredes seriam reforçadas e o prédio coberto com laje, cujo material já havia sido pedido à comissão.

Professor escolheu, para substituir Casado, seu auxiliar Marinho Correia, o qual se integrou imediatamente ao grupo.

Chegou  a época da colheita de novos produtos. Como a comissão ainda forneceria alimentos por mais algum tempo, surgiu a ideia de armazená-los em silos a serem cavados na terra. Os responsáveis se entregaram à tarefa, de modo que, em poucos dias tudo estava feito.

Havia um certo orgulho por parte de alguns presos, que já se esqueciam de sua condição. Outros, contudo, pleiteavam uma justa distribuição dos alimentos, considerando-se a capacidade e a dedicação de cada um ao trabalho. Sugeriam, até, a criação de uma moeda que os remunerasse segundo suas necessidades, capacidade e disposição para trabalhar.

A ideia proliferou. Havia quem defendesse a instituição da moeda, assim como existiam os que pensavam de modo contrário, convencidos de que a medida causaria distinção entre os moradores, possibilitando que uns tivessem mais posses que outros. Havia ainda os que defendiam a distribuição gratuita dos gêneros de primeira necessidade, valendo o dinheiro apenas para os demais produtos.

A questão envolveu de tal maneira a comunidade que Professor resolveu instituir uma comissão. Foi ela constituída apenas de mulheres, as quais deveriam estudar todas as hipóteses e apresentar propostas.

Àquela altura, Professor já percebera o tamanho da terefa a que se propusera: tudo dependia de suas decisões e iniciativas. Consultando sua equipe principal, resolveu escolher um dos integrantes -Cambaio- para substituí-lo e ajudá-lo quando fosse o caso. Tratava-se de pessoa ponderada e fria, além de portador da maior das virtudes: fidelidade.

Não houve discordância entre os participantes. Todos achavam Cambaio a melhor escolha, considerando-se sua personalidade.

O eleito falou de seu passado: não tivera oportunidade na vida para tornar-se mais do que um preso marcado pelo apelido -fazendo referência às suas pernas tortas- mas, considerado o pouco tempo em que estavam na cidade, já havia percebido o quanto poderia realizar ali. Suas palavras não representavam um discurso político nos moldes que as pessoas estavam acostumadas a ouvir, mas sim uma confissão daquilo que a experiência à qual estavam submetidos o havia feito compreender. Naquele curto espaço de tempo, percebera que seria preciso unir-se a alguém e, inicialmente, achara que a melhor garantia era estar com Professor. No entanto, com o passar do tempo, entendeu que aquela união não representava simples proteção, mas uma perspectiva de vida dentro de uma nova realidade. Estava disposto a ajudar e construir uma nova sociedade e tudo faria nesse sentido.

# TERCEIRA VISITA DA COMISSÃO

A comissão chegava mais uma vez à cidade com a finalidade principal de chamar atenção para o fato de faltarem apenas quatro meses para o término do período em que o  Estado forneceria alimentação. A partir daí, os moradores deveriam estar preparados para prover suas próprias necessidades.

Antes de aterrissar, o avião que a conduzia sobrevoou a área, pois a comissão desejava observar do alto a movimentação local. Havia muito movimento nas ruas e uma clara indicação da existência de várias atividades, a exemplo da criação de animais e da construção de imóveis. Os moradores estavam visivelmente empenhados no prosseguimento da vida, uma vez cessada a responsabilidade do Estado relacionada ao fornecimento de gêneros.

A revista que se seguiu no exterior da cidade não apresentou novidades. Tudo corria como esperado. Os guardiões estavam inteiramente adaptados às suas funções, a chefia exercia o controle devido e o treinamento periódico mostrara-se eficiente, inclusive para a manutenção do nível de vigilância. Nenhuma ameaça pairava até aquele momento.

Anunciada a visita, Professor compareceu ao local de sempre, dessa vez acompanhado de seu colega Cambaio, a quem apresentou como seu principal auxiliar e substituto. A seguir a comissão mencionou o esgotamento do prazo em que o Estado forneceria gratuitamente os alimentos e outros gêneros indispensáveis ao prosseguimento de uma vida normal. A partir do fim desse período, tudo seria feito em função de trocas, caso os moradores quisessem. Estavam alai naquele momento para esclarecer quaisquer dúvidas a esse respeito, assim como para apreciação de outras reivindicações. Informaram, por fim, que haviam providenciado empresas para a troca de gêneros, independentemente da quantidade. Para isso, os moradores deveria informar por carta quais os produtos e as respectivas quantidades de que dispunham para troca, assim como os artigos pretendidos. A fim de evitar mal-entendidos, as empresas apresentariam suas possibilidades e idêntica providência seria adotada pelos moradores.

Cimento, telhas e tijolos foram reivindicados. Os presos informaram que a comunidade precisava terminar as obras que estava realizando e era necessária ua certa reserva de materiais até que eles próprios dominassem o processo de fabricação. Solicitaram mais remédios para o ambulatório, além de papéis, blocos e cadernos, assim como uma pequena impressora. Por fim indicaram os primeiros produtos agrícolas a serem trocados. Combinadas as condições em que a troca seria feita, pediram também um cofre, no qual ficariam guardadas as

eventuais sobras de dinheiro. Acertaram, enfim, a compra de roupas, sapatos, chinelos, tamancos e chapéus com o dinheiro proveniente dos produtos a serem encaminhados.

A última reivindicação, uma máquina projetora e a remessa periódica de filmes, a comissão ficou de examinar, tendo em vista as normas em vigor e a falta de unanimidade quanto à questão naquele momento. Por fim foram esclarecidas as datas para recebimento e troca dos materiais, assim como de que modo isso se daria.

As reuniões entre a comissão e as autoridades foram rápidas e dessa vez os representantes dos diversos governos fizeram menos indagações e sugestões, pois começavam a perceber que a experiência estava dando certo. Ao mesmo tempo, estavam convencidos da necessidade de esperar um pouco mais para que um novo processo fosse iniciado. Haviam notado que mesmo entre os presos que tinham permanecido em suas respectivas cadeias, a resistência havia diminuído.

A conversa com a imprensa também não foi longa. Os membros da comissão fizeram uma pequena análise da experiência, falaram sobre as reivindicações dos presos e se posicionaram com mais clareza acerca do êxito esperado. Para eles tudo corria satisfatoriamente e até o número de homicídios de que tinham conhecimento estava abaixo das previsões. O mais animador, segundo eles, era o início da produção agrícola na cidade. As partes haviam decidido trocar alguns produtos. Aquilo indicava uma certa autonomia por parte da comunidade, o que era esperado pelo poder público.

A seguir a comissão se reuniu para decidir quanto à remessa do projetor cinematográfico. Foram ouvidos os representantes dos diversos governos, assim como juristas, estes com o objetivo de interpretar a lei no respeitante ao uso daquele tipo de aparelhagem. Ao final de longa discussão ficou decidido que o pleito seria atendido, porém a escolha dos filmes ficaria a cargo da comissão, cujas decisões nesse sentido seriam tomadas por unanimidade, vetando-se, desde logo a remessa de filmes que envolvessem a prática de crimes, ainda que os mesmos reproduzissem a vitória do poder público.

A remessa do material solicitado, inclusive do equipamento cinematográfico deu-se em seguida. A troca dos produtos da cidade também foi feita com a mesma presteza. Para tal fim, foi designada uma equipe de guardas que executaria seu trabalho sob a supervisão de pelo menos dois membros da comissão.

# DE VOLTA À CIDADE

Vislumbrava-se certo otimismo no olhar de cada um dos habitantes. O material solicitado chagara. A produção agrícola estava sendo negociada e uma equipe fora selecionada para montagem do aparelho cinematográfico e a exibição dos filmes. O jardim da cidade tinha seus bancos ocupados regularmente, sobretudo à noite quando era comum a formação de rodas de bate papos, inclusive com familiares dos condenados. O trabalho administrativo era cada vez maior, apesar da designação de Cambaio para auxiliar nas tarefas. Professor vivia empenhado na solução de várias questões. Não fosse a necessidade de constante vigilância sobre alguns presos, ainda recalcitrantes e dispostos à disputa pelo poder, e ele próprio já se teria esquecido do passado. Vivia agora com sua companheira, que se mostrava capaz e criativa e a quem amava profundamente. Aliás, o casal desfrutava de grande prestígio. Quase nada era feito sem o “de acordo” de Professor. Era muito comum vê-lo, nas horas de folga, a tomar café na casa de um ou de outro.

O cofre foi instalado provisoriamente na residência do casal, porém uma comissão, composta de três moradores designados pela comunidade, faria a contabilidade do dinheiro e um deles compareceria, juntamente com Professor ou seu auxiliar,  ao local do recebimento de qualquer importância. Ficou estabelecido que os contadores fariam seu trabalho, porém só Professor poderia autorizar o uso do dinheiro.

Com o início da produção e o desenvolvimento das várias atividades, era possível notar a disposição de uns e a indisposição de outros. O ranço da prisão e da discriminação social reinava em algumas cabeças. Havia, inclusive, os que procuravam esconder-se para não serem acionados. Havia, também, os que, além de esconderem-se, arquitetavam planos para apropriarem-se de bens alheios ou para dar vazão às suas próprias concepções. Um caso grave acontecera dias antes, quando a filha de um dos moradores fora vítima de uma tentativa de estupro ao sair da escola.

Professor tinha consciência da posição de alguns de seus companheiros e conhecia grande parte deles. Cada vez mais se convencia da impossibilidade de ser construída uma sociedade justa se as pessoas não estivessem voltadas para esse fim. Já que estavam isolados, longe da interferência de quem quer que fossem deveriam procurar uma maneira de viver que beneficiasse a todos.

A tentativa de estupro haveria de ser severamente punida, pois naquele lugar não existiriam inimizados. Todos estavam ali por motivos idênticos. Era necessário,

portanto, que estivessem, conscientes disso para construção de uma sociedade equilibrada.

# O DINHEIRO

O trabalho do grupo designado para estudar a criação da moeda estava pronto. Foi sugerido que o almoxarifado fornecesse gratuitamente os gêneros indispensáveis à manutenção das famílias de acordo com o tamanho de cada uma e as possibilidades da cidade. Quanto à aquisição de roupas, corte de cabelos, frequência a espetáculos, bailes e mesmo a compra de alimentos adicionais, seria feita em armazém a ser instituído, mediante pagamento com a futura moeda.

A ideia foi discutida e, devidamente aperfeiçoada, pareceu boa. Seria organizada sua implantação. Era preciso local para instalação do armazém, normas para a instituição do dinheiro, bem como fixação de salários para as diversas atividades. Tudo deveria começar bem para que as posições dos descontentes não vingassem perante a população.

Cambaio sugeriu que a implantação fosse paulatina a fim de afastar dúvidas. Para tanto deveriam redigir um documento com as decisões tomadas e divulgá-lo por todos os meios disponíveis. A presidente do grupo de trabalho sugeriu a especificação das datas em que cada uma das medidas seria adotada.

Aceita a sugestão, o grupo de mulheres ficou encarregado de redigir o regulamento e submetê-lo a Professor. A impressora ficaria recolhida a uma das casas vazias cuja chave ficaria com Professor. Nela seriam impressas as notas e cada uma deveria ter a assinatura de Professor e de seu auxiliar direto.

Poucos dias após, o regulamento já estava pronto e merecera aprovação do líder. Diversas cópias foram espalhadas pela cidade. A decisão era objeto de discussão, porém não havia discordâncias fundamentais. Ainda que alguns se sentissem pouco à vontade com as normas, não chegaram a expressar tal posicionamento.

A fase inicial do processo implicava na elaboração de regulamento para a distribuição dos alimentos pelo almoxarifado. A comissão encarregada -procurou ser o mais justa possível. Era fundamental a distribuição equitativa dos gêneros para que não houvesse insatisfações quanto ao mais.

A instalação do armazém deu-se em uma das casas desocupadas. Em um dos cômodos, provido de chave e de uma guarda permanente, também foi acolhida a impressora, já que ali seria feita a impressão das cédulas. Professor resolveu levar para lá, também, o cofre com as economias da cidade. O cômodo ficaria fechado e a presença das administradoras do armazém haveria de servir como vigilância adicional.

As cédulas impressas, planejadas pelos mesmos moradores que tinham projetado

as novas construções, entrariam em circulação dois dias após, quando os produtos poderiam ser adquiridos. Seria organizado, ainda, um quadro de atividades com os respectivos salários.

Sentindo a dificuldade do grupo, Professor decidiu que, juntamente com Cambaio, organizaria a questão salarial. Dividiram a cidade em grupos de atividades, cada um com um chefe por eles designados, e fixaram a remuneração de cada atividade, assegurando a promoção a critério da chefia e mediante aprovação prévia de Professor. Decidiram também remunerar a todos que trabalhassem efetivamente.

Os que não exercessem nenhuma atividade só teria direito a alimentos e ficariam sujeitos às sanções que lhes viessem a ser aplicadas.

Foi liberada a prática de atividades artesanais com remuneração, porém estabeleceu-se ao produtor a obrigação de pôr seus artigos à venda no armazém, que faria o devido repasse e ganharia 10% sobre as vendas.

Professor e Cambaio ficariam encarregados de autorizar a emissão de papel moeda, de administrar as sobras existentes e aplicá-las segundo as necessidades, bem como de cuidar do dinheiro oficial provenientes de trocas favoráveis à comunidade.

# SURGE UM PROBLEMA

Tudo corria bem na cidade. Lia-se isso nos olhos das pessoas. Entretanto, Alex se reunira com alguns moradores e passara a contestar abertamente as decisões de Professor. Para ele aquilo era uma cadeia, portanto ninguém poderia ser obrigado a trabalhar e, principalmente, utilizar o dinheiro fabricado por Professor para a compra de mercadorias.

Ele e seu grupo -já havia se formado um grupo- passaram a divulgar essas e outras ideias entre os habitantes e, por mais que estes contra-argumentassem, suas posições não mudavam. Havia uma clara oposição às normas vigentes. Ainda que a administração procurasse o consenso, a contestação se exibia.

A questão chegou a Professor, que entendeu de não discutir o assunto com os contestadores; encarregou Cambaio de fazê-lo, em companhia de alguns guarda-costas.

A convocação inicial não surtiu efeito. O grupo recusou-se a atender o convite. Então Cambaio deu-lhes o prazo de uma hora para o contato, sob pena de estabelecer-se um confronto.

Minutos antes do término do prazo concedido, compareceram ao local dois enviados de Alex, dispostos a levar ao chefe as considerações ouvidas. Cambaio não as fez e exigiu a presença do líder em quinze minutos. O seu não comparecimento significaria uma recusa ao entendimento e a aceitação das consequências daí decorrentes.

O grupo refletiu rapidamente. Ainda não era hora do confronto. Estavam na fase inicial e o apoio de que dispunham não era suficiente para sustentar posições. Naquele momento, era melhor ouvir as ponderações da outra parte. Resolveram, então pelo comparecimento de Alex. Entretanto fizeram uma exigência: queriam a garantia de que não seria usada violência contra o grupo.

A exigência foi aceita e o grupo compareceu ao local determinado por Cambaio. Este repetiu as instruções de seu chefe e comunicou a decisão tomada. Alex seria detido por uma semana e seu grupo, sob vigilância, ficaria encarregado da limpeza das ruas até ordem em contrário. Qualquer deslize nas tarefas seria punido com a morte. Não houve espaço para questionamento ou discussão.

A repercussão foi imediata. Na opinião das pessoas nas ruas, tudo estava correndo bem e Professor agia com justiça em relação a todos. Assim, quem estivesse disposto a contestá-lo deveria arcar com as consequências.

Alex alegava ter sido traído por Cambaio, que havia prometido tratá-lo de igual

para igual, fato que o fizera comparecer ao encontro. No entanto, a opinião geral era de que Cambaio apenas se comprometera a não ser severo ao extremo e efetivamente não o fora. Todos achavam que, após aquele período, Professor haveria de determinar outra sanção a fim de manter Alex sob controle.

Não havia lei escrita na cidade. As regras de convivência, de produção, assim como as penas eram da responsabilidade exclusiva de Professor. Isso ficou claro no caso de Alex. Este tinha sido condenado a oito dias de detenção. No entanto, Professor achou a pena inexpressiva tendo em vista a intenção do condenado de contestar a autoridade local e sua disposição para recrutar outras pessoas. Assim acrescentou-lhe mais cinco meses de prisão e determinou que, após esse período, também ele teria sob sua responsabilidade a limpeza das ruas.

Ainda que aquele acontecimento tivesse adquirido dimensão maior do que outros do mesmo gênero, envolvendo, inclusive, discussões entre os moradores, com versões até certo ponto desencontradas, não havia voz discordante em relação à solução adotada. Àquela altura, todos queriam viver em paz na cidade. Alguns já haviam abandonado a ideia de sair dali.

No entanto, ouve quem considerasse a punição imposta uma verdadeira prisão dentro da prisão. Afinal, todos estavam ali em cumprimento de pena e qualquer acréscimo penal não deveria ser tolerado.

As conjecturas em torno da questão tomaram conta da comunidade. Se por um lado eram uma demonstração de adaptação ao lugar, por outro, poderiam caracterizar uma manifestação de inconformismo. A liderança percebeu o problema com certa rapidez e reuniu-se para refletir sobre o assunto. Tentaria encontrar uma solução que não representasse simplesmente imposição de força, convicta de que a adesão verdadeira não se daria dessa forma. Passados já tantos meses era curial que ela ocorresse naturalmente. Não havia atalhos possíveis. As contestações seriam severamente reprimidas e todos os moradores precisavam saber disso.

# A CIDADE CONTINUA A SE DESENVOLVER

Os últimos acontecimentos haviam tomado um vulto inesperado e acabaram por inspirar Professor e seus auxiliares a fundar um jornal, cuja distribuição seria inicialmente gratuita. Decidiram que sua edição seria semanal e a tiragem corresponderia ao número de casas ocupadas.

Depois de longa discussão, resolveram intitulá-lo *Folha da Cidade* e nele publicar as mais diversas notícias, inclusive de cunho social. Na reunião foi designada a diretoria do periódico, ficando esta autorizada a recrutar repórteres e articulistas. A sede seria instalada em uma das casas desocupadas, escolhida naquele mesmo instante.

A primeira tiragem foi marcada para o dia em que seria inaugurado o cinema. Quanto a este, o salão que o abrigaria estava prestes a ser concluído e os testes com os equipamentos haviam começado. Tudo se encaminhava para o dia da inauguração, que era esperado com verdadeira ansiedade.

Embora estivessem ali, havia pouco menos de um ano, já se julgavam irremediavelmente afastados das imagens cinematográficas. Era como se vários séculos se houvessem passado. Por isso mesmo, a proximidade da inauguração causava grande expectativa. Era quase como uma descoberta naquela altura dos acontecimentos.

Outro motivo para o entusiasmo da população foi a inauguração do salão de beleza e da barbearia sob a direção da Iolanda. Não se tratava de nada sofisticado, porém o local dispunha de todos os recursos necessários à consecução dos serviços. Era possível ver ali várias pessoas trabalhando, pois era grande a procura, tanto da parte dos homens quanto das mulheres. Houve mesmo quem dissesse que, com a inauguração do cinema, a procura seria ainda maior, uma vez que todos sentiriam a necessidade de se arrumar para assistir às sessões.

Ante o clima de animação que tomava conta da cidade, certos moradores tiveram a ideia de organizar uma companhia teatral. Alguns possuiam textos escritos e poderiam obter outros através de cartas ou do contrato de Professor com a comissão.

A ideia ganhou força e fixou-se com a reunião de vários presos sem mencionar o apoio de alguma das mulheres. Era como se a questão cultural tivesse ganhado importância particular. A escolha da primeira peça a ser apresentada foi quase imediata e os ensaios não tardaram. Na falta de pessoas com experiência em

teatro, o próprio autor da peça foi escolhido para dirigi-la.

Enfim, sentia-se a disposição da maioria em transformar a cidade num local definitivo para viver. Ouvia-se, aos quatro cantos, que o lugar estava sendo construído de acordo com as aspirações de cada um. Ao contrário de várias cidades no Brasil, ali ninguém passava fome. No primeiro ano, poder-se-ia atribuir tal circunstância ao Estado, que fazia a distribuição de alimentos. Mas já havia produtos locais armazenados nos silos. Além do mais, pelo andamento dos projetos já se vislumbrava a produção de quantidade suficiente para alimentação dos moradores e para troca por outros artigos.

Entretanto, a organização política haveria que se tornar mais eficiente. À medida que a cidade evoluía, Professor dava mostras de inaptidão para resolver todos os problemas.

Era comum vê-lo delegar assuntos importantes. Embora essa circunstância não denotasse descaso, ficava clara sua incapacidade de lidar com a totalidade das questões. Ele próprio, muitas vezes, deixava transparecer sua vontade de organizar politicamente a cidade. Dessa maneira, ao principal dirigente só caberia decidir, orientar e cobrar a execução dos projetos.

# AS VIDAS ÍNTIMAS

Apesar do nível crescente de trabalho, Professor estava feliz. Naqueles dias recebera uma notícia que o deixara bastante orgulhoso: segundo sua mulher dentro de cerca de oito meses seria pai. Ela sentia-se repleta de contentamento, pois seu filho não nasceria em uma prisão. O lugar que estavam construindo não poderia ser assim classificado.

Lembrou-se que, talvez por isso, não havia tido filhos quando seu ex-marido estava preso. Afinal, o pai estaria enjaulado tal qual um animal.

O fato foi comemorado naquela noite com batata doce e milho verde assados, acompanhados de refresco de maracujá, servido pela primeira vez à falta de bebidas mais fortes.

Os pés haviam sido plantados junto à pocilga e já se espalhavam pelos jiraus especialmente construídos para esse fim.

Não era esperada a quantidade de pessoas que acorreu à casa de Professor. O aviso do futuro nascimento de uma criança na cidade as havia descontraído e outras confissões foram ouvidas. Familiares de presos se relacionavam uns com outros. A reunião possibilitou a quebra de tabus. Não havia por que continuar escondendo relações se todos moravam ali e a vida teria de ser construída naquelas condições.

A surpresa da noite, entretanto, ficou por conta da mulher de Casado, morto meses antes. Sem qualquer consulta prévia e sem que ninguém esperasse, disse ter iniciado um romance com Cambaio. Embora o fato não houvesse transpirado até aquele momento, já haviam acertado tudo, tendo ela resolvido aproveitar o ensejo para transmiti-lo à população. Não esperava aprovação ou desaprovação, tratava-se de uma decisão dos dois, mas julgava-se obrigada a comunicá-la, mesmo porque, estava certa de que a notícia contribuiria para o afrouxamento da tensão geral.

Cambaio demonstrou certa surpresa com o gesto de Margarida, porém a aprovação estava estampada em seu rosto. Aproveitou para dizer de sua insatisfação pelo fato de ter conhecido a companheira naquele lugar que julgara inteiramente inóspito quando chegou.

Margarida não era uma mulher muito bonita. Porém para os padrões locais podia ser considerada atraente. Além de tudo, tiveram comportamento exemplar desde que chegara, principalmente depois da morte do marido.  Também se integrara em diversas atividades. Tratava-se da pessoa ideal para a união anunciada. Não era necessária nenhuma manifestação de quem quer que fosse. A aprovação

estava estampada no rosto de todos.

Os únicos protestos liam-se nos olhos dos que já iniciavam uma paquera, tentando chegar primeiro, porém sem ofender as regras de convivência do lugar, o que poderia ser fatal.

De qualquer modo, a reunião demonstrou a satisfação geral. Sobretudo após a confissão de Margarida, verificaram-se comportamentos pouco frequentes nas cadeias. Havia a clara intenção de fazer a cidade se desenvolver não apenas economicamente, mas também no que dizia respeito à comunicação entre as pessoas. Os pais, por exemplo, já demonstravam atitude diferente, permitindo que suas filhas fossem à pracinha e se relacionassem com os demais.

O encontro encerrou-se após a palavra de Professor, que declarou sua satisfação com a notícia recebida de sua mulher, agradeceu a presença de todos, parabenizou Cambaio e Margarida e aproveitou para dizer que, sob sua direção, seria organizada uma estrutura de poder afim de que a administração ganhasse em agilidade. Informou aos presentes que vinha pensando naquilo havia algum tempo e que muito em breve seus desejos se tornariam realidade.

Disse ainda que algumas pessoas seriam chamadas a colaborar na elaboração da ideia.

O encontro e as notícias daquela noite contribuíram para descontrair os moradores. Notava-se uma maior compreensão dos pais em relação às filhas, já que a cidade aos poucos se estruturava e qualquer deslize seria severamente punido.

As leis implantadas eram mais rígidas do que as da sociedade dos homens livres. O respeito era imposto a ferro e fogo.

Com o passar dos dias, outros casos de gravidez foram comunicados, sobretudo ao posto de saúde. Iolanda percebeu a necessidade de treinar pessoal para a realização dos partos, e, principalmente, de organizar orientação sob o controle de natalidade. Não lhe parecia natural a proliferação descontrolada pois, nas condições em que viviam, a cidade haveria de perder em conforto, sem falar na continuidade do progresso material, que se veria ameaçada. Mostrava-se indispensável,  portanto, instruir as pessoas e resolver a questão enquanto estava no início; afinal ter filho representava mais que o prazer sexual. Os pais tinham de pensar na manutenção e na educação das crianças e precisavam acostumar-se à ideia de educá-los convenientemente.

Sobre esse último aspecto, Cambaio foi enfático durante a exposição de Iolanda. Para ele, era preciso oferecer às pessoas, chance de refletir sobre educação, tendo em vista a falta de oportunidade que se refletia na vida que levavam

anteriormente. Sem a interferência de técnicos -muitos dos quais apenas disputavam posições na mídia- teriam condições de instruir os moradores e obter resultados positivos, sem necessidade de nenhuma medida coercitiva.

Houve até quem mencionou a China, cuja população era a maior da Terra. Ali era permitido aos pais ter um único filho.

Se, por uma ou outra razão, esse número fosse ultrapassado, tinham que pagar mais impostos.

Depois de reuniões e consultas sobre o assunto, resolveram organizar palestras, tendo Cambaio ficado encarregado de coordená-las com o auxílio de Iolanda. Ambos concluíram que era preciso que todos raciocinassem uniformemente. Se houvesse gravidez fora dos planos estabelecidos haveriam de pensar em algo como a ligadura de trompas ou a vasectomia, para o que habilitariam profissionais, correndo os pacientes os riscos da operação.

Uma coisa parecia clara: à medida que o tempo passava e a cidade progredia, também as questões a serem resolvidas se multiplicavam. O próprio Professor já havia percebido essa situação. Não se tratava de uma cadeia onde as reivindicações eram feitas, mas as soluções ficavam a cargo das autoridades. Naquele lugar, as soluções deveriam ser encontradas por eles próprios.

Mas nem tudo era problema. Alguns alunos da escola, por exemplo, já conseguiam ler. Chegavam mesmo a procurar material de leitura com certa sofreguidão. Era como uma grande descoberta. De repente vislumbravam a possibilidade de desvendar um mistério que nunca haviam pensado ser capazes de desvendar. Sua alegria saltava aos olhos e não sobrava tempo para outra coisa.

Os animais se reproduziam, tornando-se necessária a ampliação de seus espaços. Já havia boa quantidade de porcos e galinhas; as vacas estavam prenhas e os filhotes cresciam. Os ovos eram distribuídos aos moradores mais necessitados a critério do ambulatório. Enfim vida havia vida naquele lugar.

# A FUGA

Certa noite, na prisão, Alex percebeu que um pedaço de papel era enfiado por baixo da porta e o apanhou. Tratava-se de um bilhete de alguém que se identificou como “Meia-noite”. Nele estava escrito que havia um grupo composto de cerca de vinte pessoas não identificadas com as propostas de Professor. Estas aspiravam a uma vida livre, longe da cidade e, caso

Alex quisesse, poderiam providenciar-lhe a fuga e um local seguro para esconder-se até a execução de um plano já em andamento; porém, sua contribuição seria imprescindível. Se concordasse, deveria bater três vezes na porta à meia-noite do dia seguinte. Se precisasse de mais tempo, bateria apenas duas vezes. Caso, entretanto, não estivesse de acordo, não deveria bater na porta. Não haveria outra oportunidade.

Alex meditou profundamente sobre o assunto. A princípio imaginou a possibilidade de uma armadilha para surpreendê-lo numa tentativa de fuga, com a consequência esperada. Em seguida concluiu que se aquela fosse a intenção de Professor, ele já teria sido executado, pois nada o impediria de fazê-lo. Encarou, assim, a realidade da proposta. Pensou em sua vida. Desconhecia até mesmo o local em que estava segregado. Permanecer na cidade implicava na submissão às regras ditadas por Professor ou contestá-las com as armas de que dispunha. Sua situação não era nada boa. No entanto, o seu era um espírito rebelde, a serviço do qual colocara a própria vida. Decidiu dize sim à proposta, sem pensar nas consequências.

À meia-noite do dia marcado, bateu três vezes na porta. Ouviu uma voz um tanto rouca dizer-lhe para aguardar o instante certo, que não haveria de tardar, devendo estar pronto a qualquer momento nas noites seguintes.

Na segunda noite após o contato, Alex percebeu barulho no cômodo que antecedia aquele em que estava. A voz que inicialmente ouviu, sem no entanto definir-lhes as expressões, logo se calou. Em seguida, foi libertado por três desconhecidos. Ao sair, divisou um de seus vigilantes caído ao chão, com várias feridas produzidas por estoque.

Era tarde e não havia ninguém nas ruas. O grupo se dirigiu a uma das casas, na qual, em um dos quartos, fora cavado um grande túnel, que estava pronto para abrigar um número considerável de pessoas com relativo conforto. Alex examinou o local em silêncio e, inicialmente, aprovou-o. Em seguida, quis conhecer melhor aqueles que o rodeavam. Quis saber quem exercia a chefia do grupo e quais eram seus projetos.

Estavam reunidos naquele momento cinco indivíduos. Um deles tomou a palavra e apresentou-se como Ivan Guarda. Mencionou o objetivo da associação que se formava. Disse que um número considerável de moradores do lugar não havia se adaptado ao regime implantado por Professor. Abominavam o trabalho e estavam na fase de planejamento de ações que haveriam de culminar com o domínio da cidade. Posteriormente, pensariam no que fazer, partindo do pressuposto de que a prisão não era o fim de suas pretensões. O próprio Ivan Guarda, a princípio convencido da impossibilidade de viver isolado naquele local, juntara-se a Professor, porém mais tarde convencera-se de que haveria de buscar uma alternativa melhor.

Os demais manifestaram pontos de vista semelhantes, acrescentando que não se conformariam com o estado atual das coisas, pois Professor parecia um chefe de estado, tendo transformado a prisão em um grande negócio para si. Era visível a sua satisfação pessoal, assim como a da maioria das pessoas que conseguira envolver em seus projetos. Era preciso, pois, arregimentar o maior número possível de participantes, enquanto a tarefa de planejamento continuava.

Em seguida, Ivan falou a Alex que o grupo havia sentido a necessidade de correr o risco de retirá-lo da prisão, tendo em vista suas posições desde a chegada, assim como sua passagem anterior pelas cadeias. Não podiam, segundo ele, esperar indefinidamente pelo momento propício. O planejamento estava sendo feito e todos achavam que Alex era indispensável à consecução dos objetivos.

A princípio, Alex deveria permanecer naquele local, onde ele, Ivan, membro da segurança de Professor, residia, considerando-se que haveria investigação e buscas, com vistas a esclarecer a morte do guarda e a fuga do prisioneiro. As reuniões teria lugar durante a madrugada, com os cuidados necessários para que os planos não fossem descobertos pelo adversário. Enquanto isso, todos ajudariam como pudessem e procurariam evitar que as buscas comprometessem a segurança do grupo.

Embora não estivesse certo da disposição daquela gente, Alex começava a sentir-se à vontade e crescia-lhe a convicção de que não existia alternativa diferente. Ou enfrentavam a situação ou transformavam-se em robôs de Professor. Assegurou aos novos companheiros que tampouco ele estava disposto a construir a sociedade que vinha sendo implantada naquele local e tudo faria para libertar os descontentes. Garantiu que poderiam contar com sua participação sem restrições, porém gostaria de conhecer seus planos.

Explicaram-lhe, então, que os integrantes do grupo não aceitavam a liderança imposta e desejavam implantar na cadeia costumes mais de acordo com suas vidas. Posteriormente, estudariam uma maneira de estabelecer uma estratégia de

fuga do local. Já havia, inclusive, plano de construção de um túnel, mesmo diante das informações de que dispunham, segundo as quais a cadeia estava situada em local inóspito. No entanto, todo esse processo era obstado pelo grupo de Professor, que adotara outra filosofia.

Concluída a conversa inicial, todos se retiraram, tendo Alex ficado só em sua nova morada. Era clara sua insegurança naquele momento. Ainda não tinha razões para confiar no grupo que acabara de conhecer e tampouco se sentia garantido, pois não saberia para onde fugir em caso de invasão. Estava convencido, entretanto, da inexistência de caminho diferente.

O vigilante encarregado de substituir o colega de plantão no xadrez chegou ao trabalho por volta de seis horas e foi surpreendido pelo corpo do companheiro jogado a um canto e a fuga de Alex. Dentro de pouco tempo, inúmeros moradores acorreram ao local, inclusive Professor e seu grupo. A primeira impressão era a de que estava em curso um projeto de contestação do poder, pois um vigilante havia sido morto para possibilitar a fuga de um prisioneiro.

Professor reuniu os encarregados da gestão da delegacia e alguns auxiliares, para que juntos analisassem o acontecimento sob seus diversos ângulos. Partindo do pressuposto de que havia uma rebelião, caracterizada pela ação desfechada, concluíram pela existência de um grupo composto de várias pessoas e que o fugitivo haveria de estar bem guardado, já que era impossível vencer as muralhas da cidade. Era fácil supor que tais ações não se esgotariam ali, afigurando-se homicídio e fuga como verdadeiros atos preparatórios.

Os dirigentes da delegacia escalaram seus homens para iniciar as investigações e Professor mobilizou seus auxiliares para trabalhar no mesmo sentido. Instituiu um prêmio para os que lograssem prender Alex. Segundo ele, era preciso que a tarefa fosse realizada com rapidez, para impedir novas ações.

Dois grupos receberam ordens de empreender suas buscas no perímetro externo das residências. Os demais deveriam trabalhar nos prédios das oficinas, administração, ambulatório e serviços, tarefa a ser implantada em regime integral, dia e noite. A localização do fugitivo haveria de dar-se o mais rapidamente possível.

Os dias se passaram sem que Alex fosse localizado e, mais incrível ainda, nenhum cúmplice identificado. Nem mesmo referências se ouviam na cidade a respeito do assunto. No entanto, a busca continuava sem cessar. Mesmo lugares já visitados voltavam a ser investigados em dias e horas inesperadas.

Professor andava preocupado. Havia uma clara contestação a seu poder e não lhe era dado saber de onde partia. Conhecia-se apenas um dos participantes do

movimento e desconfiava-se de seus antigos aliados. Entretanto, o próprio Alex não era localizado. A preocupação impedia Professor de descansar. Os moradores também se preocupavam, não só porque a consternação do chefe os atingia, mas porque, pela primeira vez, uma questão crucial não era resolvida de modo satisfatório.

A certeza de que Alex não agira sozinho e a incapacidade de identificar seus comparsas exigia uma atitude. Partindo da constatação de que, fossem quais fossem os adversários, estes estariam na cidade, pois não havia possibilidade de fuga, impunham-se a adoção de medidas suplementares. A providência inicial foi deter os antigos cúmplices de Alex, identificados por ocasião da captura dele.

Em seguida, Professor convocou seus auxiliares mais próximos, assim como alguns representantes da comunidade. Desejava implantar outras medidas, visando a identificação e prisão dos contestadores.

O número das pessoas encarregadas das buscas foi ampliado e começariam a ser anotados os nomes de todos os que frequentavam casas alheias. Essa última medida surgiu a partir da constatação de que estavam lutando contra um grupo e não contra uma só pessoa. Concluíram que, se havia um grupo teria de haver reunião. A análise das anotações, depois de certo tempo, indicaria os moradores que se encontravam com mais frequência.

Naquele mesmo instante foram indicadas as pessoas que, tão logo fosse possível, deveriam iniciar os trabalhos. As instruções com relação ao levantamento dos nomes e o material necessário seriam rapidamente distribuídos. Papel e caneta seriam solicitados à escola de Cambaio e a equipe que viesse a nomear ficariam encarregados do inventário.

Decidiu-se que os membros da segurança usariam braçadeiras indicativas da função para serem identificados com facilidade pelos moradores. Nos momentos e locais de maior aglomeração, haveriam de estar presentes, oferecendo a segurança necessária.

Professor aproveitou a oportunidade para informar que os projetos para distribuição do poder na cidade, assim como os que visavam a ampliação do lazer, logo seriam implantados. O problema que estavam enfrentando não os atrapalharia. O cinema seria inaugurado dois dias depois e, na mesma ocasião, a *Folha da Cidade* seria distribuída.

Além disso, Cambaio e Iolanda já haviam programado alguns encontros com os casais,objetivando enfatizar a responsabilidade de cada um na educação dos filhos e a necessidade de limitar o nascimento, a fim de que todos pudessem desfrutar do progresso da cidade.

Ivan a tudo assistia e sentiu-se temeroso com a última posição adotada por Professor nas investigações. Com efeito,  a anotação e posterior exame dos nomes dos diversos visitantes das casas foi uma medida que acarretou certa preocupação. Aquilo poderia revelar os membros do grupo. Era preciso, pois, que tomassem uma atitude rápida. Ivan abordou na rua alguns de seus companheiros, solicitou-lhes que evitassem as reuniões e pediu que a mensagem fosse repassada. Conversaria com Alex mais tarde.

No entanto, apesar de todas as precauções, um dos guardiões da estrita confiança de Professor ouviu, sem ser notado, as instruções transmitidas por Ivan a um dos militantes.

A princípio não acreditou no que via e ouvia. Afinal, Ivan compunha, desde o início, a equipe de segurança de Professor, sendo inaceitável que participasse de qualquer movimento sedicioso. De qualquer forma o fato deveria ser comunicado à chefia para as providências cabíveis.

Adotado tal procedimento com a rapidez exigida pelo caso, Ivan foi levado à delegacia, onde já se encontravam Professor e alguns membros de sua equipe.

A conversa inicial foi infrutífera. Ivan negava envolvimento em qualquer ação sediciosa e mostrava-se surpreso com a desconfiança de seus próprios companheiros. Garantiu-lhes que também ele estava empenhado na descoberta de Alex, cumprindo rigorosamente as ordens recebidas e destinando às buscas o pouco tempo que lhe sobrava. Queria saber quem era o autor das denúncias, a fim de desmascará-lo.

Uma resposta, entretanto, começou a torná-lo suspeito. Professor queria saber onde estava ele no momento contemplado pela denúncia. Sem titubear, Ivan declarou que acabara de chegar a casa. Embora não tivessem ouvido nada a respeito, dois dos presentes se surpreenderam com a resposta, já que o tinham visto nas imediações do local objeto da denúncia.

Fato comunicado a Professor, que concitou Ivan a confessar. Professor explicou-lhe que a verdade dita espontaneamente tinha um significado diferente daquela obtida por outros meios. Estavam em vias de construir uma sociedade em que todos vivessem com dignidade e as divergências haviam de ser expostas abertamente. Daria a Ivan quinze minutos para refletir e, passado esse tempo, adotaria o comportamento indicado pelo caso.

Ivan refletiu. Era líder de um movimento. Se confessasse seu envolvimento, teria de revelar os nomes das pessoas ligadas a ele, principalmente o local do esconderijo de Alex. Concluiu que, como homem - e não tinha dúvidas quanto a isso - suportaria sozinho as intempéries, fossem quais fossem.

Esgotado o tempo concedido, Professor voltou ao local e, por mais que insistisse, recebeu como resposta o silêncio. Sua primeira providência foi coordenar uma sessão de bolos com palmatória improvisada. Não obstante suas mãos começassem a inchar e se ouvissem alguns grunhidos, Ivan continuava calado.

Professor determinou então que seu antigo auxiliar fosse pendurado no pau-de-arara que havia sido preparado no local. Ivan já conhecia o instrumento, pelo qual passara nas diversas delegacias por onde transitara, porém não se intimidou. Decorridos alguns minutos, era grande a dor que sentia nos joelhos e nos cotovelos, e não podia evitar os gritos que lhe escapavam, independentes da vontade. De vez em quando desmaiava, mas voltava a si com a água que seus torturadores lhe atiravam. No entanto nenhuma confissão ou informação saiu de seus lábios.

Em determinado momento, seus gritos se tornaram grunhidos e, de repente, cessaram. Por mais água que lhe jogassem, permanecia inconsciente. O torturado foi libertado do pau-de-arara, sem que se observasse qualquer alteração no quadro.

A persistência da situação lembrou os torturadores de chamar alguém do ambulatório a fim de reanimar a vítima. O enfermeiro, após examiná-lo de todas as maneiras, atestou-lhe a morte.

Embora inicialmente tudo parecesse ter voltado à estaca zero, Professor lembrou seus auxiliares de que dispunham de duas informações importantes. A primeira indicava que a identificação dos visitantes das diversas casas deveria ser feita imediatamente, pois fora a partir dela que um dissidente havia sido apanhado, havendo clara indicação de que Alex se encontrava em uma das moradias. A segunda era que havia ficado clara, a partir da ação de Ivan, a existência de uma dissidência secreta. Era preciso, portanto, que a ação prosseguisse com mais determinação ainda.

A circunstância em que Ivan fora apanhado e sua posição junto a Professor deixaram as pessoas atônitas. Mais atônitos ainda ficaram seus comparsas. Não sabiam como agir, pois ignoravam se seu chefe tinha revelado nomes. Por outro lado, pensavam na situação de Alex, recolhido à casa de Ivan sem saber dos acontecimentos.

Naquela mesma madrugada, resolveram tirá-lo do esconderijo, onde fatalmente seria encontrado pelos auxiliares de Professor, já que ignorava o ocorrido e, assim, se deixaria apanhar com facilidade. Aproveitaram a movimentação dos homens em locais distantes e agiram. Levaram-no para uma casa fechada, que

havia sido revistada momentos antes, a qual abriram forçando a fechadura

Inteirado dos últimos acontecimentos, Alex ponderou que deveriam agir rapidamente, pois do contrário o tempo trabalharia contra eles. Argumentou que no dia seguinte, data marcada para inauguração do cinema, deveriam sequestrar Iolanda, mulher de Professor. A partir daí poderiam aparecer e fazer exigências.

A sequestrada serviria como o fiel da balança, garantindo as negociações. Era preciso, apenas, elaborar um plano, no sentido de fazer um trabalho bem feito. Segundo ele, não havia alternativa. Todos deveriam retirar-se até a hora combinada e comportar-se com cautela diante da incerteza quanto à atitude de Ivan na sessão de tortura. Enquanto isso, ele se dedicaria a planejar a ação.

O dia seguinte amanheceu bonito, mas demorou a passar para todos os moradores da cidade. Uns porque esperavam pela inauguração do cinema e pela distribuição do jornal. Outros, nessas alturas capitaneados por Alex, tendo em vista o horizonte duvidoso que se exibia à sua frente. Não sabiam o rumo que tomaria aquela revolta. Entretanto, estavam convencidos de não haver espaço para recuo. Tampouco direcionamento seguro.

Às seis horas da tarde, aconteceu a primeira sessão de cinema, com a exibição de um musical americano. Ao sair, os assistentes traziam nos lábios sorrisos indicativos de felicidade. O*Jornal da Cidade* já estava sendo distribuído e as pessoas se aglomeravam para recebê-lo. As notícias e comentários eram agradáveis. Falavam do progresso da comunidade, com suas diversas repartições implantadas e em funcionamento; das culturas que já eram objeto de troca; da criação e reprodução dos animais e da inauguração do cinema e lançamento do jornal. Um editorial mencionava o progresso da cidade e a morte de Casado em defesa da população. As seções subsequentes eram apresentadas normalmente. A impressão de todos era basicamente a mesma. A satisfação era visível em seus olhares.

A partir das 22 horas, os insurretos foram se reunindo e Alex deu as ordens: cinco deles se aproximariam por lados diferentes da casa de Professor e observariam seu interior, verificando o número de pessoas no local. Em seguida, voltariam ao encontro dos demais, a exceção de um, que ali ficaria com o objetivo de constatar quem entrava ou saía.

Assentada a ação inicial e escolhidos os que integrariam esse primeiro grupo, o plano foi imediatamente posto em execução. Os escolhidos dirigiram-se ao local e, cerca de quinze minutos após, quatro voltaram. Havia inteira coincidência na observação que fizeram: apenas um homossexual conhecido como Mirtes e um dos homens de Professor achavam-se na residência, além de Iolanda.

Alex determinou, então, que dois homens, logo indicados, não participariam da ação, retirando-se do local de imediato, a fim de atuar como informantes. Deveriam encontrar meios de passar as informações que recolhessem. Quanto aos demais, cerca de quinze, participariam do sequestro e se deixariam identificar, juntamente com ele próprio. Disse ainda que a vítima, assim como todos os envolvidos no caso, seriam conduzidos à residência de Ivan Guarda, pois lá teriam mais espaço e local seguro para abrigar a sequestrada.

Em seguida, Alex informou a seus companheiros que seriam feitas duas exigências iniciais: salvo-conduto para todos os participantes do movimento e divisão do poder exercido por Professor. Depois pensariam em eventuais desdobramentos. No momento, o importante era consolidar tal posição, posto que derrubar o atual dirigente acarretaria reações fora do controle do grupo.

Tudo pronto, o bando dirigiu-se à casa de Professor, na qual encontravam-se ainda as pessoas já mencionadas, segundo informou o integrante do grupo que permaneceu de prontidão. A ação foi rápida, mas resultou na morte do vigilante e em ferimentos em Mirtes. Iolanda foi levada à força para o lugar combinado. Na casa de Professor, ainda segundo instruções de Alex, foi deixado um bilhete contendo a localização dos sequestradores e suas exigências, incluindo fornecimento de alimentação para Iolanda e mais 16 pessoas..

A notícia espalhou-se rapidamente. Mirtes havia se arrastado até a rua e, encontrado por outros moradores, fora levado ao ambulatório. Professor logo compareceu e inteirou-se dos fatos. Soube do sequestro de Iolanda e leu o bilhete dos insurretos. A satisfação gerada pela festa de onde vinha deu lugar à incerteza, à revolta, à preocupação. No entanto, tinha que agir.

Designou alguns auxiliares para cuidar do corpo do vigilante, que seria velado em praça pública e convocou seus ajudantes diretos para a reunião que faria em sua própria casa. Além disso, chamou o responsável pela impressora e passou-lhe a responsabilidade de imprimir com urgência uma nota que redigiu na hora, dando conta aos moradores dos últimos acontecimentos e recomendando a abstenção de qualquer reação individual. As sugestões haveriam de ser encaminhadas para análise e, se fosse o caso, sua execução dar-se-ia a partir de um único canal.

Por iniciativa da comissão encarregada da segurança, a casa onde se encontravam os sequestradores foi cercada, até ordem em contrário. Enquanto isso, Professor se reunia com seus convocados. Inicialmente Cambaio sugeriu que em troca de Iolanda ele próprio se entregasse ao grupo. Para Professor e os demais, aquele era um gesto extremamente emocional e não conduziria a solução nenhuma. O grupo não podia prescindir de Cambaio como negociador. Por outro

lado, Iolanda não correria risco se a segurança dos sequestradores fosse preservada. Afinal, ela era a única garantia que possuíam.

Com a experiência adquirida na vida, concluíram que não se chegaria a uma solução com rapidez. Portando deveriam fornecer os alimentos, inclusive por causa da gravidez de Iolanda. Foi designado um dos participantes para fazer a comunicação inicial e avisar que as demais reivindicações estavam sendo examinadas. Por fim, houve uma exigência da parte do próprio Professor: naquele momento e nos dias seguintes, por duas vezes Iolanda seria conduzida à janela, de modo a ser vista, para que as negociações continuassem.

À distância, Professor viu sua mulher ser conduzida à janela pela primeira vez, procurando com os olhos. Quando o avistou, levantou as mãos num cumprimento. Aquele gesto acompanhou-o por toda a noite e o impediu de pensar mais concretamente na solução do problema. Os pensamentos se embaralhavam e sobrevinha-lhe a ansiedade em vez do sono. Após algum tempo no velório do vigilante assassinado, procurou por Cambaio e solicitou que o ajudasse a raciocinar. Disse-lhe de sua dificuldade, de sua falta de sono, enfim, de sua insegurança. Foi a primeira vez que Professor deixou transparecer tal sentimento.

Cambaio procurou tranquilizá-lo e falou-lhe que também ele se sentia sem sono e estava pensando numa solução. Mas estava certo de que resolveriam satisfatoriamente a questão. Precisavam estar seguros, agir sem pressa, pois naquele instante, tanto os sequestradores quanto eles estavam garantidos.

Professor voltou para casa, porém não conseguiu conciliar o sono, apesar das palavras de Cambaio, com as quais inegavelmente concordava. Quando a lembrança de Iolanda permitia, continuava a buscar uma solução para o dilema que se apresentava. Assim se passou aquela noite.

# A ÚLTIMA VISITA DA COMISSÃO

Noite de preocupação para quase todos os habitantes da cidade. Professor e Cambaio já estavam reunidos quando o alto-falante anunciou a presença da comissão, acrescentando que dentro de uma hora estaria ela à disposição dos moradores.

Professor sentia-se inteiramente impossibilitado de cuidar de outro assunto, senão do que lhe ocupava o pensamento o tempo todo. Entregou a tarefa a Cambaio, que a desempenhou, certo de estar prestando um serviço ao amigo. Além do mais, considerando o tempo fixado pela comissão, aquela deveria ser a última visita com os objetivos estabelecidos. Repassou com Professor os pontos que deveriam ser abordados, inclusive dois itens sobre os quais haviam pensado exaustivamente: o não encaminhamento de novos presos para a cidade e a vinda de companheiras para os moradores sozinhos.

À hora marcada, lá estava Cambaio. Os membros da comissão estranharam a ausência de Professor. Quiseram saber o motivo. Cambaio informou que Professor estava bem, mas que, por motivo de força maior, naquele momento achava-se impossibilitado de comparecer ao encontro. Os membros da comissão lamentaram, sobretudo por ser sua última visita naquela fase. Por mais que fosse cobrada uma explicação mais clara no respeitante à ausência, esta não foi dada. Segundo Cambaio, tratava-se de problema da comunidade e ela própria haveria de resolvê-lo.

Embora aquele tipo de conduta pudesse representar insubordinação no caso de prisioneiros comuns, a comissão entendeu a impossibilidade de insistência, tendo em vista a nova filosofia implantada. A cidade deveria ser gerida pelos próprios membros.

Prestadas informações recíprocas a respeito do pequeno comércio entre a comunidade e empresas da sociedade livre, Cambaio fez as reivindicações recomendadas por seu amigo.

Com relação a novos encaminhamentos de presos, a concordância foi imediata, pois a comissão tinha ciência dos problemas criados por Alex a partir das cartas censuradas. Estavam convencidos de que a absorção da experiência era um processo, o que inviabilizaria a chegada de mais alguém durante seu curso. No entanto, com relação ao encaminhamento de mulheres, haviam de pensar por alguns dias e submeter a questão aos superiores. Anteciparam, entretanto, que viam com bons olhos o pedido, uma vez que um novo corpo social se formava e a ideia se encaixava nesse perfil. Entretanto a questão haveria de ser considerada

por todos.

Finalmente, os membros da comissão informaram a Cambaio que aquela era sua última visita na fase em andamento. Ainda que faltassem apenas quinze dias para o término do prazo fixado, a comissão decidira enviar alimentação para os trinta dias seguintes. Depois disso, as visitas se processariam normalmente, mas com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento da cidade.

No regresso, como de costume, a comissão prestou informações aos interessados. Porém uma questão haveria de ser resolvida e outra já podia ser discutida. A primeira dizia respeito à permissão para que mulheres fossem encaminhadas ao local, sobre o que deveria ser ouvida a comissão superior. A outra, isto é, a instalação de novas cidades, deveria entrar em pauta. A comissão estava bastante documentada sobre o assunto e possuía uma opinião a respeito.

A comissão superior, que já vinha acompanhando a evolução da experiência, resolveu, após certa hesitação, concordar com as reivindicações dos presos quanto ao envio de mulheres, desde que as escolhidas fossem antigas companheiras dos prisioneiros e conhecessem a natureza de sua decisão com relação ao regime a que estariam submetidas.

Quanto a instalação de novas cidades, concluiu que o assunto vinha sendo estudado e era objeto de inteiro consenso. Deveriam iniciar o planejamento, para que tudo ocorresse bem.

A comissão comunicou a decisão a Cambaio três dias depois, esclarecendo o que seria levado em conta e a investigação a ser feira após os pareceres dos órgãos técnicos. As mulheres seriam encaminhadas à cidade tão logo a investigação estivesse concluída. Seus nomes e endereços deveriam ser indicados pelos respectivos companheiros, a fim de que o trabalho pudesse ter início.

# AINDA SOBRE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Do rio que tudo arrasta, se diz violento: mas ninguém diz
violentas as margens que o comprimem.
*Brecht*

Os dias se passavam e as posições de Alex e seu grupo não progrediam. Entretanto, Professor resolveu divulgar as posições estabelecidas pela comissão para que as mulheres fossem selecionadas. Tentava, com essa atitude alcançar dois objetivos: tranquilizar os interessados e dividir as atenções dos moradores com relação ao problema em curso. No comunicado, aconselhou os pretendentes a identificar bem as companheiras para evitar complicações. A cidade as receberia de braços abertos, desde que para lá se encaminhassem com o propósito de juntar seus esforços aos dos demais.

O tempo urgia e o impasse quanto ao sequestro de Iolanda continuava. Foi quando Alex sugeriu uma reunião entre ele, Professor, Cambaio e um auxiliar seu em local a ser designado por Professor. Iolanda permaneceria com seu grupo como garantia.

Professor e seu pessoal entenderam que os adversários estavam oferecendo uma saída e aceitaram a proposta. Era necessária uma atitude e ela estava sendo tomada. Foi aceito um encontro duas horas depois na sala do cinema. Os moradores foram afastados do local; apenas alguns guardas foram postados no caminho por onde, na hora marcada, passariam os participantes do encontro.

Estes percorreram lentamente o trajeto. Era visível a tensão instalada em todos. Notava-se o andar hesitante e mesmo desengonçado da maioria. Apenas Cambaio, ao que parecia, caminhava normalmente. O povo do lugar também estava tenso; não podia imaginar o que aconteceria entre aquelas quatro paredes.

Reunidas as partes, Professor disse que estava ali com Cambaio para ouvir as propostas a serem feitas, já que as reivindicações dos sequestradores, até aquele momento, não haviam sido aprovadas pelos gestores da cidade. Segundo ele, não era possível esquecer a morte de uma pessoa e os ferimentos de outra, o sequestro de Iolanda, sem falar nos acontecimentos relacionados com a fuga de Alex.

Alex retrucou informando, antes de tudo, que não o considerava uma autoridade. Lembrou o assassinato de Ivan, além de outros não esclarecidos, mas cuja

autoria era possível identificar com certa argúcia. Declarou ainda que, para que chegassem a um acordo, algumas coisas deveriam ser esquecidas. Pretendia, para ele e seu grupo, liberdade de ação e, se possível, a fuga sem interferência de quem quer que fosse.

Cambaio lembrou que o tempo de fornecimento de alimentos e vestimentas por parte do Estado estava terminando e que durante aquele primeiro ano tudo fora feito para dar prosseguimento a uma vida normal, tendo todos a obrigação de trabalhar para esse fim. Era impossível que se abrissem exceções se quisessem efetivamente construir algo positivo.

Por mais que as ideias fossem apresentadas, nenhuma encontrava apoio irrestrito dos participantes. O pessimismo invadia a todos. Diante do quadro, Cambaio sugeriu que Iolanda fosse ouvida a respeito de uma solução. Como não seria aceitável que só uma das partes a ouvisse, ofereceu-se para ficar em seu lugar, liberando-a para tal fim.

A ideia tomou a todos de surpresa, fazendo com que Alex e seu companheiro dela desconfiassem. Afinal sentiam-se seguros com a prisão de Iolanda e a mudança das regras do jogo naquele momento não soava bem. Precisavam pensar. Quanto a Professor, ficou inteiramente absorto, mas em seguida, sentindo a determinação de Cambaio, permaneceu calado, em visível sinal de aprovação.

A reunião encerrou-se naquele momento, ficando decidido novo encontro para o dia seguinte à mesma hora e no mesmo local. O grupo de Alex estudaria a proposta e daria sua resposta nessa ocasião.

O assunto transpirou e a população pôs-se a conjeturar sobre a proposta de Cambaio. Este, como demonstrou a Professor, estava seguro de sua atitude e não via outra saída para debelar a crise. Além dos argumentos que Iolanda certamente apresentaria, ela era uma pessoa esclarecida, sem qualquer atribuição de poder, estando apta a atuar como um verdadeiro fiel da balança naquela situação.

No dia seguinte a comunicação exigida foi feita, tendo Professor e Cambaio redigido na hora a resposta solicitada. Em seguida, as partes acertaram os cuidados a serem tomados na troca de reféns e combinaram que a mesma ocorreria na reunião seguinte.

Começava a haver algum progresso nas negociações. Todos estavam convencidos de que, de um jeito ou de outro, alguma solução viria. O clima de expectativa dominava os moradores. Nem mesmo a notícia da convocação das mulheres para viver na cidade prevalecia naquele momento. Todos admiravam a coragem de Cambaio e acreditavam na atuação de Iolanda. Algo especial haveria

de acontecer. Professor estava feliz, não apenas com o progresso das negociações, mas também com a volta de Iolanda. Quanto a Cambaio, sabia de sua determinação e tinha plena confiança em uma solução pacífica.

Na hora aprazada, feita a troca de prisioneiros, com o povo mantido afastado, porém testemunhando de longe o acontecimento, reuniram-se os participantes, agora com a presença de Iolanda. Professor a examinava da cabeça aos pés como que para conferir se estava tudo bem. Por mais que ela o tranquilizasse, sua preocupação continuava. Só depois de algum tempo, a reunião pode começar.

Inicialmente foi feita uma retrospectiva, visando colocar Iolanda a par dos últimos acontecimentos e, sobretudo, da decisão de Cambaio de colocar-se em seu lugar para que a discussão prosseguisse com possibilidade de êxito. Houve um bate-boca inicial, fato natural tendo em vista a posição das partes. Ela, porém, dele não participou.

Passado esse primeiro momento, Iolanda tomou a palavra e disse que o impasse não conduziria a solução nenhuma. Eram necessárias concessões de ambas as partes para que houvesse um acordo. Lembrou que Professor chamara a si a responsabilidade de organizar socialmente o lugar e o conseguira, de modo que todos tinham alimentação e trabalho. A cidade -assim podia ser considerada- em nada lembrava uma cadeia. Mesmo aqueles que haviam passado muito tempo presos já se tinham incorporado ao esforço ali desenvolvido para dar oportunidade a todos. Até ela, que poderia ter solicitado seu regresso por ocasião da morte do marido, não o fizera e estava inteiramente convencida do acerto de sua decisão. Todos deveriam pensar sobre aquilo, principalmente Alex, chegado à cidade quando esta já possuía certa estrutura. Além disso, como facilmente se constatava fugir dali era impossível. Por fim, lembrou a todos que o prazo para fornecimento de alimentação e vestimentas por parte do poder público estava por terminar e tinha de haver um esforço comum para que a vida continuasse a fluir. Se as posições de ambos os grupos não se flexibilizassem, o impasse continuaria e haveria inegáveis prejuízos.

Mencionou, ainda, que em oportunidade anterior Professor se referira ao trabalho que vinha realizando para a organização política da cidade. A fim de solucionar a pendência que enfrentavam, tal projeto poderia ser implementado com o oferecimento de alguns cargos aos insurretos, que seriam perdoados dos crimes cometidos; sujeitar-se-iam, porém, a vigilância durante o prazo que lhes fosse determinado. Embora estivesse convencida de que a ideia não era inteiramente favorável a nenhuma das partes, era a possibilidade que via para uma tomada de posição. Era necessário que todos refletissem, antes de serem fechadas as portas e a morte encarada como algo natural, o que, fatalmente,

aconteceria.

Aquelas palavras tocaram os participantes. Professor declarou que Iolanda lhes fornecera elementos em que pensar. Durante a exposição da mulher, meditara, sobretudo, sobre a inexistência de poder sem oposição. Mas a convivência dos contrários havia de ser objeto de reflexão para que o exercício das diversas tendências não resultasse em divergências insuperáveis.

Alex, com a concordância de seu acompanhante, confessou não haver possibilidade de acordo sem concessão de ambas as partes e com isso também se mostrou disposto a estudar as propostas de Iolanda. No entanto queria garantias para ele e seu grupo e participação na administração da cidade.

Na reunião seguinte, Professor apresentou um esboço do que havia pensado com relação à direção da comunidade. Segundo ele deveria haver um responsável principal, o qual teria a última palavra em todos os assuntos em que interviesse. Abaixo dele existiria um responsável geral e administradores de alguns setores, especificamente os de saúde, produção, diversão, segurança e esportes. Também seria criado um tribunal composto de três pessoas, encarregado de julgar as ações criminosas, assim como as divergências entre os populares. Além disso, seria instituída uma comissão composta de dez integrantes, encarregada de elaborar as normas a serem seguidas pela população, mediante aprovação do responsável geral. Estava claro que, para o bem de todos, as pessoas deveriam estar cientes do que era e do que não era permitido.

Alex quis saber o que lhe caberia e ao seu grupo na direção da cidade. Iolanda interveio para sugerir que, dadas as circunstâncias, a única tarefa que lhes poderia ser atribuída seria a diversão. Fora isso, a questão seria resolvida pelos moradores quando a ação perpetrada pelo grupo fosse relevada por Professor.

Havia uma clara intenção de solucionar a questão. Alex percebeu o problema criado. Tinha consigo uma pequena minoria e nenhuma perspectiva de fuga. O enfrentamento físico lhe seria naturalmente desfavorável, embora pudesse causar estrago. Já era lucro a compreensão da outra parte quanto à insurreição. Entretanto era-lhes oferecida, ainda, participação na própria administração. Apesar disso era preciso ouvir os demais para que não houvesse discrepância na aceitação ou recusa da proposta.

No dia seguinte, Professor conversou com seu grupo e estabeleceu-se um consenso quanto ao oferecimento. Houve clara manifestação de desejos de paz. As palavras de um dos manifestantes haviam permanecido na mente dos demais. Segundo ele, a briga não era com o poder do Estado, mas contra eles próprios; tinha de haver uma maneira de resolver a questão e evitar futuros confrontos.

Os habitantes da cidade discutiam o desfecho da situação. Embora houvesse opiniões divergentes, pois alguns achavam que o impasse deveria ser resolvido à força, a maioria entendia ser o caminho apontado o melhor. O que todos esperavam era a solução do problema.

A turma de Alex pouco discutiu. Todos achavam que, àquelas alturas, o movimento já poderia considerar-se vitorioso pois, adotada a proposta, não só estariam livres do perigo de morte como abiscoitariam parte do poder. Não era possível, nas condições em que estavam exigir mais, o que causaria um impasse de natureza imprevisível.

À hora marcada, as partes se reuniram. Não houve espaço para digressões. Todos foram direto ao assunto e a proposta foi aceita. Ficou acertado que Cambaio seria imediatamente libertado e que a casa utilizada pelos insurretos seria devolvida a Professor, que providenciaria uma reforma. Necessária, segundo as informações obtidas. Iolanda se encarregaria de expor a todos as decisões tomadas.

À noite daquele mesmo dia, o sequestro estava resolvido e Cambaio, objeto da admiração de todos, regressava a casa. Iolanda saía do encontro bastante fortalecida, não só em razão de seu comportamento quando em poder dos sequestradores, como por sua participação nas negociações.

Professor atribuía a hesitação inicial que sentira ao envolvimento involuntário da mulher. No entanto, sentia-se feliz por contar com ela, cuja inteligência havia sido mais que demonstrada. Também Cambaio, através de sua sensibilidade e desprendimento, contribuíra eficazmente para a solução do problema. Com relação a Alex e seu grupo, embora feitas algumas concessões, haveriam de refletir sobre os acontecimentos e talvez contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

O clima entre Alex e seus amigos também era positivo. Afinal, algo que não sabiam como terminaria tivera um desfecho favorável. As considerações feitas por ocasião das negociações ainda calavam na mente de todos. Conquanto a prática do crime lhes povoasse os pensamentos desde a infância, começavam a perceber uma realidade diferente. Não adiantava querer o impossível e morrer. Melhor seria colaborar para que tudo desse certo. Desse modo, todos seriam servidos.

Havia um verdadeiro clima de festa na cidade. Até o cinema funcionou com uma nova fita e a frequência não foi pequena. Na mesma noite foi anunciada a apresentação de uma peça inédita, que vinha sendo ensaiada havia algum tempo. O Jornal da Cidade traria maiores detalhes na edição seguinte.

Naquela noite, a cidade dormiu em paz.

# A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

O homem é um animal político.
*Aristóteles*

Passados os últimos acontecimentos, Professor e uma comissão por ele designada concentraram-se na elaboração de normas para implantação do que chamaram de “poder constituído”. O que mais causou divergências foi a escolha dos dirigentes. Alguns defendiam a eleição por parte dos moradores; outros, a eleição por parte de determinadas figuras indicadas por Professor, assim como a designação pura e simples por parte deste último.

O assunto foi debatido não apenas pelo grupo encarregado, mas também pela comunidade, chamada a pronunciar-se através de avisos distribuídos a todos. Afinal, de conformidade com a opinião da ampla maioria, ficou decidido que, sendo aquela a primeira escolha, deveria ser feita por Professor, com o compromisso de organizar a cidade para a eleição seguinte, na qual os moradores seriam chamados a votar.

Passados alguns dias de inevitável conversação sobre as designações, Professor fez as nomeações. Havia consenso entre os populares de que o próprio Professor deveria ser o responsável principal, pois o uso inicial da força bruta fora necessário para domar a população-ele a utilizara e deveria permanecer na liderança da cidade para assegurar o completo êxito de sua missão. Ainda segundo consenso, a função de responsável geral deveria caber a Iolanda. A opinião generalizada era a de que sua permanência na cidade, sem que fosse a isso obrigada, e o trabalho que vinha desempenhando, aliado à circunstância de ter obtido a paz em momento tão crucial, credenciavam-na para o cargo. A Saúde ficou a cargo de Misael do Carmo, por indicação de Iolanda. A Produção coube a Sebastião da Silva; a Diversão, a Alex; a Segurança, à comissão já em exercício e o Esporte, a Manoel Pedro. A comissão de Legislação funcionaria sob a direção de Cambaio, que designou os demais integrantes. O Tribunal seria composto de três mulheres, sob a presidência de Margarida da Silva Arimatéia, tendo as demais sido designadas no momento.

Professor reservou para si a tarefa de colocar o dinheiro em circulação e dirigir ele próprio sua fabricação e o respectivo controle. A sociedade estava amadurecida para esse fim e era evidente a necessidade de tal medida. Afinal, era visível a diferença de capacidades, assim como a disposição para o trabalho. Era importante, pois, que a remuneração fosse diferenciada, até como estímulo

ao desempenho profissional.

O banco de cédulas, que funcionaria em sua casa, passou a ocupar o mesmo imóvel do armazém, pois, além das trancas que lhe garantiriam a inviolabilidade, estaria presente uma guarda permanente, assim como a administração do local. Foi publicada uma edição especial da *Folha da Cidade*, com as designações e os projetos de cada área. Professor escreveu o artigo de fundo, falando sobre a pequena história da cidade e defendendo a construção de uma sociedade diferente, embora reconhecesse ser a constituição política uma cópia das existentes no mundo dos homens livres, posto não disporem de outras referências. Entretanto, a experiência haveria de indicar o melhor caminho. Mas uma coisa já ficara estabelecida: não seriam construídos palácios, ainda que houvesse possibilidades. Os membros do governo haveriam de ser iguais aos moradores. Os legisladores da cidade deveriam ficar atentos às necessidades de mudança, segundo as aspirações da população. “Sobre esse aspecto” -escreveu- “não devemos imitar o que conhecemos: o que importa realmente é o bem-estar de todos e não a benesse de quem está no poder.”

No dia em que saiu o jornal com a designação dos dirigentes, Professor organizou uma ceia especial, com produtos da própria cidade. Apenas não utilizou animais, pois os plantéis ainda eram insuficientes para tal fim. No entanto, havia o necessário a uma boa refeição. De vez em quando alguém se ressentia da ausência de bebidas alcoólicas, porém todos pareciam concordar com a ideia de que, pelo menos naquela fase, não era conveniente a existência de álcool na comunidade. Afinal, muitos dos sentenciados debitavam seus dissabores ao vício da bebida.

O dia seguinte foi de intenso trabalho para os administradores designados. Iolanda, motivada por suas novas funções e convicta de que poderia ser feito um serviço admirável, comandou, ela própria, a mobilização das pessoas. A primeira tarefa seria a classificação para o trabalho e a respectiva remuneração. Segundo ficar acordado, todos deveriam inscrever-se nas diversas atividades para terem fixado o salário correspondente. Embora grande parte dos moradores já fosse conhecida pela função que exercia, era grande a corrida aos diversos postos montada, cuja localização havia sido indicada pelo jornal.

Apesar da grande modificação, alguns habitantes voltavam a atenção para a chegada das mulheres, com as quais estavam dispostos a viver. Procuraram falar com Iolanda e obtiveram dela a promessa de um futuro contato com a comissão.

Fato extraordinário aconteceu então, apesar de a administração estar no seu início. Um morador identificado como Francisco Carlos, procurou Iolanda e disse-lhe que, embora não pretendesse contestar o poder instituído na cidade,

principalmente depois do acordo firmado com Alex, queria fugir. Informou que já treinara a escalada do muro, que sabia da existência do muro externo, mas que, mesmo assim, estava disposto a tentar. Queria, entretanto, a aprovação dos dirigentes da comunidade, pois estava certo de não estar desafiando o poder político.

A despeito das tentativas, não foi possível demovê-lo da ideia. O morador mantinha-se irredutível. A responsável geral ficou de consultar os demais administradores e posicionar-se no dia seguinte, porém recomendou-lhe reflexão nesse período.

A situação não era fácil. A cidade era composta, em sua grande maioria, de gente oriunda de cadeias. Embora já houvesse um poder constituído, em princípio, ninguém com autoridade moral para impedir a loucura do pretendente. No entanto, a partir das posições já expostas por Iolanda, estavam certas de estar contribuindo para a construção de uma nova sociedade e qualquer reação daquela natureza poderia comprometer a experiência em andamento.

A pretensão era realmente inusitada. Todos ali guardavam extrema relação com a prisão. Fugir era uma aspiração daqueles que se julgavam privados de sua liberdade. Nem mesmo os legisladores eleitos pelas pessoas livres ousaram classificar o ato como criminoso. A grande diferença -enfatizavam alguns- era a nova concepção implantada na cidade.

Já era possível dizer que naquele local não havia presos. No entanto, alguns não se conformavam com a situação. Além de Francisco Carlos que praticamente oferecia a vida na tentativa de abertura de caminho, havia como referência o suicídio ocorrido logo após a transferência para a localidade.

No dia seguinte, Iolanda reuniu os dirigentes para discutir a pretensão de Francisco Carlos. Havia claras divergências entre os diversos componentes do Conselho. Uns achavam justa a aspiração sob a alegação de que o poder de polícia só deveria ser exercido no interior da comunidade.

Tudo o que visasse ao exterior não deveria enfrentar nenhuma reação contrária. Outros defendiam o controle total, tendo em vista a tranquilidade da população. Uma ação daquela natureza poderia desencadear reação inesperada do poder externo, com evidente prejuízo para os moradores.

Ainda outros entendiam que se houvesse concordância com ato daquela natureza, haveria coautoria comprometedora da posição dos dirigentes. Depois de longa discussão, ficou decidido que a pretensão não deveria ser aprovada pela administração. Se o pretendente quisesse levar seu projeto adiante não haveria, em princípio, nenhuma reação, assim como não haveria colaboração e,

principalmente concordância. No entanto, enquanto permanecesse no local, deveria inscrever-se como trabalhador e exercer sua função com dignidade.

# A EXPOSIÇÃO

Completado o primeiro ano de existência, foram feitas, pelo poder público, exposições em todos os estados sobre o funcionamento da cidade. Em primeiro lugar foi demonstrado o cumprimento da decisão relacionada com o fornecimento de alimentos. Informou-se que, havia algum tempo, o Estado vinha possibilitando a troca de produtos necessários aos presos por outros produzidos na própria cadeia. Foram exibidas fotografias aéreas do local, destacando-se as construções dos próprios presos para abrigo das atividades julgadas necessárias. Foram comentados os homicídios ocorridos, assim como as reivindicações relacionadas com a permissão para que os apenados recebessem suas mulheres para ali morar, caso estas concordassem. Após várias outras notícias, falou-se da organização política da cidade, da qual tinham tomado conhecimento por carta. Sobre esse assunto, era destaque a ascensão de Iolanda ao posto de responsável geral pela comunidade. Tratava-se -segundo estava escrito- da acompanhante de um dos prisioneiros e, ao que tudo indicava, havia obtido posição de destaque naquela sociedade.

Segundo a avaliação dos responsáveis, a experiência estava dando certo, pelo menos naquele primeiro momento. Novas cidades, portanto, haveriam de ser construídas para que se lograsse eliminar a criminalidade.

Foram também exibidas fotografias dos guardiões em seus postos e nas casas de acolhimento, assim como se fez referência à constância do treinamento, tendo em vista a peculiaridade do trabalho. Afinal, aquela era uma vigilância aparentemente sem objeto, já que não se esperava nenhuma tentativa de fuga.

A exposição atraiu muitos visitantes em todos os estados e não se vislumbraram discordâncias filosóficas entre a população no respeitante à vigilância. Apenas alguns poucos jornais criticaram o fato de o estabelecimento situar-se em local fora do alcance de todos, o que colocava em dúvida as informações transmitidas. Tendo em vista a filosofia implantada pelo Estado, sugeriam visitas periódicas ao interior da cidade por parte da imprensa, para que houvesse informação completa, o que contrariava a decisão adotada pelos principais órgãos de comunicação.

A comissão examinou essa última hipótese e concluiu ser cedo para qualquer decisão nesse sentido. Um de seus componentes lembrou ter passado por experiências dolorosas, porque repórteres que visitavam um estabelecimento a seus cuidados não se importavam com atitudes que estavam sendo tomadas na direção da melhoria dos serviços e sim com fatos passados, que já haviam sido objeto de reportagens anteriores. Lembrou ainda que os repórteres não estavam

preocupados com o que era feito, mas com aquilo que representasse notícia em determinado momento.

# A CIDADE DE IOLANDA

A mulher é a segunda metade do céu.
*Provérbio chinês*

Apesar do pouco tempo que estava à frente da direção da cidade, já se notava o efeito da administração de Iolanda.

As ruas andavam mais limpas, estavam sendo construídos jardins em várias artérias, assim como estradas largas para acesso aos campos agrícolas e aos currais. Iolanda encomendara arados e uma junta de bois para as tarefas relacionadas ao funcionamento e acondicionamento da produção.

A administradora trabalhava e ganhava admiração e prestígio entre os moradores da cidade. Surpreendiam-se estes ante sua disposição para o trabalho e sua intuição aparentemente inata para a solução de problemas. Era comum oferecerem café e outras pequenas lembranças à sua simples passagem.

Professor estava feliz. Seu trabalho diminuíra bastante e ele mesmo admirava a eficiência de sua mulher. Nem mesmo a gravidez que fazia com que ela exibisse a cada dia uma barriga maior impedia-lhe os passos. Permaneciam em seus ouvidos as palavras com que ela definira suas atitudes: “Pela primeira vez na vida sinto-me verdadeiramente útil. Acho que deveria ter nascido nesta cidade.”

Era comum vê-la acompanhando o trabalho de Alex. A limpeza do cinema, a exibição das fitas e obviamente, seu comportamento. Além disso, sempre cobrava informação dos encarregados da vigilância. A representante geral também havia decidido que a *Folha da Cidade* traria em todas as suas edições artigos sobre a necessidade de entendimento entre os moradores, para que a qualidade de vida fosse a melhor possível. A seu pedido, o grupo de teatro se apresentaria no dia da chegada das novas companheiras dos moradores.

Outra de suas medidas foi encaminhar a comissão um pedido para que comparecesse à cidade afim de que lhe fossem apresentados os administradores recém-empossados e os encarregados das trocas de produtos dali por diante.

Às vezes passava-lhe pela cabeça o fato de aquela não ser verdadeiramente uma cidade. Assemelhava-se mais a um país levado a negociar com seus vizinhos. O isolamento inicial já não era sentido. Ela mesma tinha a sensação de pertencer àquele lugar e fazia o possível para que todos partilhassem de seus sentimentos. O filho por nascer haveria de preencher a única lacuna existente em sua vida.

# A TENTATIVA DE FUGA

É possível vencer o impossível?

Numa determinada noite, foram ouvidos tiros numa das extremidades da cidade. Várias pessoas acorreram ao local, até porque, então, aquele já era um som pouco familiar. O rumor usual era o canto dos pássaros ao sobrevoarem a cidade ou se agasalharem nas árvores da proximidade.

Alguns minutos depois, liderados por Professor, os moradores localizaram uma corda feira de lençóis e um gancho em uma das extremidades, presa no muro divisório, assim como o corpo de Francisco Carlos estendido nos arredores com várias lesões decorrentes de baques contra o muro e contra o chão.

A morte de Francisco Carlos, que já vinha sendo discutida pela população, foi objeto de um artigo no jornal da semana. Nele, Professor dizia da impossibilidade de fuga da cadeia. Além dos muros de altíssimas dimensões havia os guardiões treinados para a missão e sem contato com os presos. Além disso, a instituição localizava-se em região inteiramente inóspita e desconhecida de todos. Atitudes semelhantes poderiam ser encaradas como um verdadeiro suicídio. Não havia alternativa senão o diálogo e o trabalho.

Todos deveriam entender-se para a construção de uma sociedade igualitária. Segundo o líder da comunidade, era impossível prever o encaminhamento de uma posição como aquela. Era preciso, pois, que houvesse empenho na direção do progresso de todos. Não haveria lugar naquela sociedade, para sanguessugas, pois ninguém requerera a própria transferência para o local. Estava certo de que um dia, todos os que quisessem sairiam pelo portão ante os olhares de quem quer que fosse. O fundamental era que naquele momento todos se sentissem integralmente moradores da cidade.

O assunto ainda continuou sendo discutido por alguns dias.  Ao final das conversas, era comum que os interlocutores chegassem à conclusão de que a verdadeira pena que lhes estava sendo imposta era o trabalho. Não era possível vislumbrar qualquer outra saída, pois os colegas de infortúnio não trabalhariam pelos preguiçosos. Mesmo Alex, que ate havia pouco liderara uma rebelião, apregoava a paz, citando como exemplo a morte de Francisco Carlos.

O fato é que uma nova sociedade estava sendo formada e a compreensão do fenômeno vinha por bem ou por mal. Uns tinham uma capacidade de análise mais apurada; outros iam entendendo as coisas a partir dos próprios acontecimentos.

Até aquela altura, entretanto, ninguém se dera ao trabalho de pensar que a principal administradora da cidade não era proveniente de prisões.

A atitude de Iolanda em relação à tentativa de fuga foi exemplar. Considerando a honestidade de Francisco Carlos ao comunicar-lhe seu propósito, como a lhe pedir autorização, assim como a posição de Professor e, de um modo geral, a dos moradores, autorizou a realização de um velório e um sepultamento normal como acontecia com todos os moradores.

# A CHEGADA DAS MULHERES

Certo dia, eram cerca de três horas da tarde quando o avião do sistema começou a sobrevoar a cidade. Não foi surpresa. Aquele era um fato comum, tendo em vista a troca normal da guarda. Percival, entretanto, que aguardava ansiosamente sua companheira, alegrou-se à vista de todos, pois vislumbrou tal possibilidade, apesar da inexistência de prévio aviso.

Diante da gozação dos colegas, que já começava a transformar em agressão, Percival mostrou-se tímido. Só se recuperou quando o alto-falante anunciou a chegada de 16 mulheres, as quais ingressariam na cidade dentro de poucos minutos.

Antes mesmo do ingresso, o pessoal do teatro já se mobilizava para a apresentação da peça naquela noite e Iolanda colocava a postos a comissão de recepção. As mulheres seriam, antes de tudo encaminhadas ao cinema, onde receberiam informações sobre a cidade, sobre o comportamento que deveriam adotar e sobre a obediência que deveriam prestar à ordem estabelecida.

As mulheres ingressaram, porém a tão esperada mulher de Percival não chegou. A gozação ainda persistiu por alguns instantes, mas cessou quando surgiram as primeiras lágrimas em seu rosto. Percival retirou-se para curtir em casa sua tristeza, enquanto a festa da noite começava. As mulheres foram levadas a cumprir a programação estabelecida ao lado dos respectivos companheiros que tudo faziam para agradá-las. Houve até quem sugerisse, brincando, ser necessária a aquisição de um tapete vermelho para tais ocasiões.

Após aquele contato inicial com a administração, as mulheres foram conduzidas pelos companheiros às suas residências. Antes do espetáculo, para o qual havia lugares reservados, os casais fizeram quase como uma exibição, um passeio pela cidade, com apresentação de amigos e exposição das realizações da localidade.

Mesmo naqueles primeiros momentos, o ar interrogativo no semblante das recém-chegadas cedia lugar à admiração.

Algumas perceberam mudanças no modo de falar e de comportar-se de seus companheiros. Uma delas se disse feliz, já naquele instante de ter trocado seu barraco por uma casa e de ter oportunidade de conviver de igual para igual com outras pessoas. No lugar onde vivia só era capaz de levantar a cabeça em seu próprio domicílio. Enfim, a apresentação inicial foi um sucesso absoluto, culminando com a exibição da peça teatral.

A casa estava cheia. O dirigente da peça disse do excepcional interesse dos atores e das enormes dificuldades enfrentadas por não disporem das

oportunidades e instrumentos das grandes cidades. Mas podiam estar certos de que aquela era uma das apresentações do que seria uma grande companhia teatral. No futuro se exibiriam em outras cidades - nas dos homens livres. Os assistentes aplaudiram aquelas palavras, como se vislumbrassem o caminho assinalado.

Professor foi chamado ao palco para saudar as visitantes e a peça que se seguiria. Declarou sua satisfação com a chegada das novas moradoras e com o movimento teatral.

Elogiou a convicção e o otimismo da companhia. Acrescentou que, assim como o poder público havia concebido uma nova maneira de punir, de cuja experiência faziam parte, eles um dia prisioneiros, haveriam de encontrar uma maneira de mostrarem-se aptos a viver em qualquer lugar.

Aquela era, na verdade, a tarefa que lhes fora reservada.

A peça foi de fácil compreensão e os comentários, inteiramente favoráveis. Alex demonstrava entusiasmo e já programava novas apresentações para que todos tivessem oportunidade de assisti-la.

A par disso, um grupo de músicos começava a ensaiar com os instrumentos recentemente recebidos e preparava para breve a primeira exibição. Tencionavam, inclusive, promover bailes para a população. Já era possível conversar com os poetas e escritores da cidade. A atividade cultural crescia e animava os moradores.

# O PAPEL-MOEDA

Corria o mês seguinte à sensação do fornecimento de gêneros por parte do poder público. Os silos da cidade estavam abarrotados e não se vislumbrava nenhuma possibilidade de racionamento. Vários dos gêneros fornecidos pelo estado continuavam armazenados, fruto de economia e ainda supririam a população por alguns meses.

O trabalho havia sido distribuído. Era preciso -e isso era sentido a todo instante - que se instituísse o dinheiro para recompensar democraticamente a produção.

Professor o denominou “cidade” e o subdividiu como as moedas dos diversos países conforme lera em uma enciclopédia. Entretanto, era necessário um lastro para que seu valor fosse realmente reconhecido por todos e não atribuído a poderes divinos. Assim, decidiu que, ao final do mês, os moradores receberiam um pequeno salário e aquele que quisesse mais dinheiro deveria trocá-lo por joias de ouro, prata ou cobre, segundo valores já estabelecidos. Estas seriam guardadas no cofre da cidade como lastro para a circulação do papel-moeda e serviriam como troca, caso o portador assim o desejasse. Porém, tudo o que se podia adquirir com o metal se adquiririam mais facilmente com o dinheiro, cujo valor viria impresso.

Inicialmente, só a administração disporia de empório para comercializar as mercadorias compradas da comissão e o artesanato produzido pelos próprios moradores. Oportunamente quando fossem obtendo reservas monetárias, poderiam eles próprios abrir negócios, segundo regulamentação a ser implementada. Em nenhuma hipótese seria permitida a montagem de barracas com o objetivo de vender gêneros ou coisa semelhante, sem que a administração autorizasse.

O número seguinte do *Jornal da Cidade* publicou a decisão de Professor, assinada por ele e pelos demais administradores, a respeito da criação da moeda e a data de sua entrada em vigor. Havia também um parecer disciplinando a atividade comercial na cidade, que estabelecia a impossibilidade de serem reproduzidas atividades semelhantes às existentes nas cadeias das sociedades dos homens livres, nas quais quase tudo podia ser adquirido sem conhecimento das autoridades.

Foi criado um sistema de controle da emissão, do qual se encarregaria Professor. Qualquer deslize seria punido com a pena máxima. Em compensação, os moradores que se ocupassem dessa atividade teriam um salário um pouco acima da média dos demais.

Por fim o jornal publicou uma lista com os vencimentos das diversas ocupações. Apesar das diferenças em razão das funções, as discrepâncias eram bastante pequenas. Não havia pobreza nem riqueza na comunidade e -segundo Professor- tal situação haveria de permanecer assim, mesmo diante da chegada do dinheiro, que tinha como única finalidade facilitar o sistema de trocas.

A notícia ecoou na cidade. Os alfaiates, as costureiras, os sapateiros, os pedreiros, os burocratas e todos os demais profissionais pensavam em comprar os materiais necessários à execução de seus trabalhos. As perspectivas eram boas e animaram os moradores, assim como os administradores.

Estes foram levados a pensar até mesmo em regulamentar tais atividades com urgência, pois era notório o entusiasmo da população.

Professor havia denominado o lugar onde guardava a impressora, as joias, o dinheiro da comunidade e o do país de “Caixa da Cidade”. Além dos cuidados especiais com a tranca das portas, havia guardas dia e noite, todos os homens de absoluta confiança e com salários iguais aos dos fabricantes. O local era dotado, pois, de plena segurança.

Tudo animava o povo. Até mesmo a segurança. Nas cidades de onde provinha, esta era um verdadeiro estorvo para suas atividades. Ali, entretanto era motivo de orgulho.

Ao menos visivelmente, ninguém pensava em contrariar o poder constituído. No entanto, a administração se preparava, como se existisse, àquela altura, alguma contestação.

Professor, Iolanda e Cambaio passaram vários dias assinando pessoalmente assinando as notas, outorgando-lhes validade.

O valor do papel-moeda só seria reconhecido na presença de suas assinaturas.

Foi então estabelecido o dia para a circulação da moeda.

O início do mês estava próximo e a partir daí toda a troca se faria através dela, com exceção de uma cesta básica de alimentação, que seria fornecida aos moradores.

# A VISITA SOLICITADA POR IOLANDA

A comissão atendeu ao chamado de Iolanda. O encontro deu-se no lugar de sempre. Naquela ocasião, porém, além de Professor e Cambaio, estavam Iolanda e os demais administradores.

Inicialmente Professor deu aos visitantes ciências da escolha dos dirigentes de acordo com a vontade dos moradores, vontade estampada -segundo declarou- no rosto de cada um, assim como manifestada por quase todos por meio de apuração. Fez a apresentação dos dirigentes e reportou-se às respectivas atribuições. Em seguida, acrescentou que a responsável geral da cidade usaria da palavra.

Iolanda começou chamando atenção para o fato de não ser ela uma reclusa. Ali se achava porque resolvera acompanhar seu marido. Agora estava grávida e, após uma passagem pela enfermaria, fora escolhida para desempenhar um alto cargo na comunidade. Segundo ela aquelas eram  reflexões importantes, pois ali não se estava reproduzindo uma cadeia. Na verdade, estava sendo construída uma cidade, tanto que, aos poucos, os costumes iam-se modificando e muito raramente se pensava em prisão. A produção estava crescendo, a ponto de ser necessária a criação de uma moeda para a justa remuneração do trabalho. Pelo menos no que era do conhecimento dos dirigentes, não havia, por parte de qualquer dos moradores, a intenção de deixar a cidade, mesmo diante de perspectiva do pondo de vista legal.

A apresentação recíproca que se fazia naquele instante tinha por objetivo tornar a todos conhecidos e manifestar a firme intenção de manter o comércio necessário ao progresso da comunidade. Não se pretendiam benesses, pois todos sabiam que não estavam em uma cadeia. O que se pleiteava era a presteza da administração pública nas trocas.

A cidade iria produzir cada vez mais.

A seguir, um membro designado da comissão disse da satisfação que sentiam com o desenvolvimento da comunidade. Como a experiência inicial vinha sendo bem-sucedida, já estavam em fase de planejamento para construção de mais duas cidades. Imaginavam que, em futuro próximo, não haveria mais prisões. O projeto-piloto fortalecera-lhes a convicção de que aquele era o caminho correto. Não previam punições; a condução do processo seria entregue aos próprios presos que, se quisessem, como ali acontecera, passariam a ser cidadãos. A evolução do pensamento dos ex-presidiários já era sentida por todos os que se interessavam pelo problema, tanto que algumas entidades haviam se reunido e,

com a concordância do poder público, haviam enviados aparelhos receptores e equipamento para montagem de uma emissora de televisão com alcance máximo de um quilômetro. Segundo ficara decidido, poderiam ser exibidos filmes na comunidade, desde que censurados pela comissão.

A notícia entusiasmou Professor, Iolanda e os demais dirigentes, que deixaram transparecer a satisfação com que recebiam tal presente. Verificaram as instruções para instalação da aparelhagem, item por item, e a recomendação para consulta à comissão diante de qualquer dificuldade.

Iolanda imaginou a felicidade dos moradores com a notícia e demonstrou com naturalidade seu próprio contentamento. O restante do encontro foi utilizado para acertos em torno da troca de produtos, ficando desde então incluída a compra de alguns televisores.

Diante das autoridades e dos jornalistas, a comissão deixou transparecer o entusiasmo com a experiência e narrou, mais uma vez, os acontecimentos na cidade.

Informou que apesar de ter evitado, em razão do próprio projeto, inteirar-se com profundidade das questões internas da comunidade podia, mais uma vez, afirmar o acerto da medida. Inexistiam àquela altura, pessoas com pretensão de deixar o local. A cidade se desenvolvia rapidamente, sem diferenças sociais o que, consequentemente, beneficiava a todos. Os problemas detectados pela leitura das cartas haviam sido resolvidos pelos próprios moradores. A ausência do poder estatal no interior da localidade havia compelido seus habitantes a se organizar, posto terem chegado à conclusão de que não subsistiriam se agissem de forma diferente. Assim, tinham construído sua própria estrutura de poder, muito parecida com a das sociedades dos homens livres.

Só uma coisa, ainda que inevitável, preocupava os membros da comissão. Os administradores locais haviam criado uma moeda com a qual o trabalho seria remunerado e haviam decidido fornecer gratuitamente apenas os gêneros alimentícios básicos. Os habitantes, por outro lado, podiam trocar as joias que possuíssem -que constituíam o lastro monetário- pelo dinheiro em curso e fazer dele o uso que julgassem convenientes. Aquilo soava estranho, pois uma cidade com moeda própria parecia isolada do restante do país. A medida poderia representar um grito de independência incompatível com o propósito das autoridades.

Alguns dos presentes teceram considerações a respeito.

Embora existissem oposições, ficou claro que a opinião prevalente era a de que os acontecimentos no interior da cidade haveriam de ficar por conta de seus

próprios moradores. Certos ou errados a eles caberia decidir. Afinal, o Estado resolvera partir por aquele caminho, que estava apenas no início. O futuro seria decidido de acordo com o que se apresentasse e o poder público estava a cavaleiro para adotar qualquer posição.

# A TELEVISÃO

A notícia da chegada da televisão espalhou-se pela cidade. Mesmo com as restrições impostas, os moradores mostravam entusiasmo. Ainda que fossem poucos os receptores, Iolanda havia decidido instalar alguns em pontos estratégicos, de modo que todos pudessem assistir à programação.

Os técnicos escolhidos trabalhavam na instalação da emissora e, por iniciativa de Iolanda, uma comissão examinava pessoas para trabalhar nos estúdios, inclusive os futuros locutores. Também censores de inteira confiança da administração central haviam de ser designados, já que o presente era inteiramente peculiar.

Os moradores, sempre que possível rodeavam a emissora com verdadeira sofreguidão como a admirar um presente inesperado. Imaginavam que num futuro próximo seria perfeitamente possível receberem mensagens gravadas por seus familiares, ainda que estas sofressem a inevitável censura. Aquilo manteria viva uma parte de suas vidas que já começa va a apagar-se. Seria uma forma de comunicação ativa entre os habitantes da cidade e seus familiares e amigos de fora. Por outro lado, algumas atividades internas poderiam ser divulgadas e pessoas entrevistadas, sem falar nos eventos culturais, que seriam estimulados com a implantação do novo veículo. As companheiras dos moradores concordariam em acompanhá-los com mais facilidade, não só porque as cartas já falavam a respeito da localidade, mas porque existiria a possibilidade de uma comunicação mais intensa.

A televisão seria muito importante para a educação, o entretenimento e a formação dos habitantes. Por isso Iolanda chamou a si a tarefa de administrá-la. Ela haveria de servir ao povo, jamais servir-se dele, segundo declarou por ocasião de tal decisão. Todos deveriam abandonar suas antigas ideias a respeito da TV. Na sociedade que estava sendo construída, tudo seria feito de acordo com a concepção recente.

Não esperassem os moradores a apresentação de novelas trazidas de fora. Se algum dia se produzisse algo nesse sentido, estaria presente o cuidado para que o espírito defendido fosse respeitado. Uma nova filosofia, correspondente à evolução experimentada pela comunidade, haveria de ser implantada.

Professor estava cada vez mais feliz com o desempenho de sua mulher à frente da cidade e com sua consequente aceitação por todos. Já se esquecera de sua vida anterior e dos anos passados na cadeia. Pensava agora na construção da nova sociedade e na resposta que poderiam dar às autoridades. Via o movimento nas calçadas, as pessoas felizes indo e voltando do trabalho e conversando umas

com as outras. Não sentia saudade de sua vida anterior. Achava mesmo que tinha nascido para viver naquele lugar. Além do mais, sua mulher lhe daria um filho dentro de poucos meses.

As maiores divergências haviam sido resolvidas mediante teorias forjadas no modo de vida de que dispunham.

Provavelmente outras, menores, aconteceriam e seriam solucionadas da mesma forma. Julgava tudo aquilo natural, já que não aspirava à construção de nenhum paraíso.

O movimento dos moradores era um claro indicativo da trajetória da cidade. Quem a visitasse sem conhecimento de sua origem, jamais imaginaria que aquela fosse uma sociedade proveniente das cadeias. O trabalho, o lazer, a escola inspiravam os habitantes. Havia um natural respeito pelas autoridades, mesmo por parte das pessoas mais problemáticas, provavelmente em face do poder de que dispunham os dirigentes e da facilidade de localização de eventuais infratores, impossibilitados de fugir ante a existência dos muros e incapazes de se esconder por muito tempo, dadas as características do lugar.

A notícia local era pródiga. A cidade situava-se em meio a matas dotadas de árvores centenárias; havia chuva e sol abundantes. As árvores em seu interior estavam continuamente produzindo sombra e frutos. Muitas vezes Professor dizia que, em vez de castigo, os moradores haviam ganhado um prêmio. Afinal, viviam uma vida jamais imaginada.

Enfim, os dias se passavam e a cidade crescia e enchia-se de graça. Lia-se a satisfação no olhar das pessoas. Não havia pobreza nem riqueza. Ninguém queria mudanças no futuro.

# CINCO ANOS DEPOIS

Paciência, não é porque há uma nuvem no céu que o sol deixa de brilhar.
*José Roberto Torrero*

A cidade progrediu. Tornou-se autossuficiente em termos de produção de alimentos e já conseguia fabricar alguns artigos industriais, tais como sapatos, roupas, tijolos, telhas, pisos e peças mecânicas. Não havia, em seu interior, automóveis e nem caminhões, ainda que isso fosse possível a partir de trocas sob a supervisão da comissão. A equipe dirigente havia decidido assim. O transporte de mercadorias e até de pessoas era feito a partir de tração animal. Aliás, os rebanhos haviam crescido. Já se podia falar em verdadeiros rebanhos de gado, cabras, carneiros e cavalos pertencentes à cidade. Além disso, alguns moradores dedicavam-se a criar animais em seus quintais, sobretudo porcos e galinhas.

Viam-se crianças a brincar, inclusive as nascidas no local, inteiramente livres do ranço da cadeia, assim como das cidades dos homens livres. Integravam-se sem sentir ao espírito que norteava os dirigentes. Vendo-as divertirem-se e encaminharem-se à escola, instalada para tendê-las, era possível vislumbrar um futuro promissor. Inteiramente descontraídas e aparentemente sem problemas, tudo levava a crer que assim seria.

As dificuldades, no entanto, continuavam a existir. Numa sociedade de cerca de 700 pessoas, a maioria provinda de cadeias, as expectativas, as intenções, a disposição para o trabalho e para ao aprendizado  variavam, o que por vezes gerava problemas. Àquela altura já haviam sido registrados roubos e até homicídios. Entretanto os dirigentes, por decisão coletiva, executavam as penas de modo extremamente severo. A pena de morte era vez por outra utilizada. As atitudes, quanto a esse aspecto, eram revolucionárias. Os dirigentes haviam decidido que ou agiam assim ou perderiam o controle. Aliás, já tinham vislumbrado a necessidade de segurança pessoal, apesar do reduzido número de casos a exigir cuidado específico. Um imenso grupo de pessoas era digno de total confiança e constituía a equipe de segurança e o corpo de funcionários da delegacia.

Os dirigentes davam-se conta, cada vez mais, de que os problemas relativos à criminalidade não se resolveriam simplesmente com a repressão. O tempo que ali estavam já era capaz de demonstrar tal circunstância-deveriam preparar-se para a implantação de um sistema novo, no qual as pessoas não tivessem necessidade de agir contra o interesse comunitário. Era, acreditavam uma utopia

passível de ser implantada em futuro próximo.

A população produzia artesanato e algumas peças conseguiram boa aceitação entre a população livre. Eram distribuídas através da comissão e já haviam consolidado uma posição com a marca “Produção da Cidade”. Também sapatos e roupas, com a mesma marca, começavam a espalhar-se pelo país.

Havia algum tempo, começara um intercâmbio comercial entre a cidade e duas outras cadeias construídas nos mesmos moldes. Os membros da comissão se encarregaram de fazer a aproximação com o intuito de uniformizar as condutas. No entanto, algumas dificuldades estavam acontecendo. Havia diferenças a serem sanadas, não apenas com relação à produção-as sociedades, isoladas pelo poder público, compostas ou não por lideranças fortes, seguiam caminhos diferentes.  Os conflitos por um ou outro motivo acabavam interferindo na formação da sociedade. Já havia sido registrada, em uma delas, a instituição da escravidão, ou seja, o trabalho executado em troca de gêneros alimentícios, estes sob o domínio de uma certa casta.

Na outra cadeia, algumas das mulheres pleiteavam regresso, pois não se sentiam confortáveis no lugar. Além das divergências entre as diversas lideranças, estavam elas sujeitas a servir a todos os homens. Aos seus companheiros fora impossíveis preservá-las dos assédios e acabaram tendo que ceder para não morrerem.

Aproximando as três penitenciárias fruto da nova concepção, a comissão pretendia lembrar a todos a necessidade de uma certa disciplina para que a produção fosse capaz de atender integralmente a população. Não era aceitável que se morresse de fome em terra produtiva, a depender, tão somente, de trabalho.

Quanto à primeira das cidades, os dirigentes haviam conseguido autorização da comissão para que alguns presos e mulheres fossem conduzidos a localidades importantes da comunidade livre. Com o propósito de aperfeiçoar seus conhecimentos. Assim, cerca de dez pessoas fizeram curso de eletrônica, aperfeiçoando-se no magistério e em artes diversas e voltaram à comunidade sem qualquer problema.

Era uma verdadeira volta à casa.

Alguns dirigentes foram substituídos e a população, sempre consultada, apoiava as decisões de Professor e Iolanda, sobretudo desta, que já se conseguira impor-se pela inteligência e determinação. Por falar no casal, diga-se desde logo, que durante o tempo de convivência tiveram dois filhos, os quais criaram com dedicação e como membros de uma sociedade de pessoas inteiramente livres.

Antes, porém, de narrar a situação da administração da cidade, seria interessante mencionar Alex, depois de decorridos cinco anos. Após sua nomeação para gestor do setor de Diversão, Alex achou não ser aquele o caminho que desejava para si. Resolveu dedicar-se ao artesanato. No entanto, passado algum tempo, foi pilhado pelos vigilantes quando tentava roubar a tesouraria da cidade durante a noite, em companhia de outro morador. Julgados, foram ambos condenados à morte e imediatamente executados.

Durante sua estada na cidade não conquistou amigos e sim cúmplices. Assim não deixou saudades. Coincidentemente, em sua sepultura cresceu um pé de malícia e ninguém se dispôs a retirá-lo. O arbusto permaneceu ali como testemunha impassível de sua trajetória de vida, a de um indivíduo incapaz de ajustar-se à convivência com outras pessoas, mesmo diante das concessões obtidas.

Outro episódio marcante aconteceu com o homossexual empregado de Iolanda. Quando esta foi sequestrada, o sujeito foi vítima de agressão. Depois, entretanto, a causa foram amores desencontrados. Numa cidade em que o número de mulheres era muito inferior ao dos homens, o homossexualismo acaba tendo papel muito importante, sobretudo se o número de praticantes era muito inferior ao dos pretendentes. A quantidade insuficiente de mulheres levava muitos moradores do sexo masculino a transformarem-se em homossexuais ativos e as brigas eram inevitáveis. Muitas já haviam sido registradas e até casos de opção pelo lado passivo da relação, voluntários e até mesmo involuntários.

O fato é que, determinada noite, em uma das ruas pouco movimentadas da cidade, os gemidos de Mirtes foram ouvidos por alguns moradores, que acorreram ao local. Ali o encontraram com ferimentos no rosto, peito e braços, produzidos por estoque. Seu estado era lastimável; porém mesmo depois de atendido no posto de saúde, quando já podia falar, recusou-se a revelar o nome de seu agressor, ainda que ameaçado pelo encarregado da investigação. Afinal, homossexual também tinha honra e esta lhe indicava o silêncio, mesmo que precisasse pagar por ele.

Nada lhe foi cobrado, entretanto as cicatrizes permaneceram como testemunhas do episódio. Além da estima que lhe era dedicada pela principal dirigente da cidade, o caso indicava a necessidade de uma solução. O espírito que norteava a administração não se coadunava com atitudes semelhantes. Segundo os dirigentes, era preciso encontrar uma resposta para o problema, de tal modo que a opção sexual, fosse qual fosse, representasse simplesmente uma postura pessoal voluntária.

Apesar de tudo, os percalços eram até certo ponto insignificantes, diante do

progresso comunitário experimentado naquele período. Produção industrial e de alimentos, transmissões de rádio e televisão, funcionamento de diversos serviços públicos, tais como a escola, o hospital, a delegacia de polícia e serviços bancários encarregavam-se de inspirar confiança à população. A comunidade, com a experiência acumulada na prisão e tendo em vista a situação social vivenciada até então, havia criado um sistema híbrido de governo.

Os principais meios de produção eram públicos e os moradores ainda recebiam, gratuitamente, os gêneros básicos para sua manutenção. Por outro lado, os dirigentes não eram indicados através de eleição. Periodicamente a população era chamada a pronunciar-se sobre um ou outro assunto e também sobre sua permanência ou substituição.

A comunidade consolidara uma prática que veio a tornar-se referência para a administração. Tinha o costume de reunir-se em locais públicos para discutir determinações dos dirigentes e elaborar sugestões. Com o tempo, essa atividade adquiriu vital importância para o governo da cidade. Assim surgira a ideia de contato com a comissão no sentido de encaminhar moradores à comunidade dos homens livres com o propósito de aperfeiçoar os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento do progresso do lugar. Era uma assembleia maior, encarregada não de fazer leis, mas de examinar posturas da administração e sugerir, sem cobranças, medidas a serem adotadas.

Outro acontecimento digno de registro foi a evolução do sentimento religioso. As práticas iniciais impunham a separação dos seguidores dos diversos credos. No entanto, talvez pela inexistência de ministros religiosos dentre os moradores, aos poucos foram eles levados a se reunir, independentemente da doutrina que estivesse sendo transmitida. Depois de algum tempo, sem que os fieis percebessem, o destino era “a Igreja”. Não havia a ideia de separação entre os diversos credos. Tornaram-se comuns, inclusive, as prédicas de pessoas aparentemente não religiosas, mas inteiramente imbuídas de espírito comunitário, capazes, portanto, de transmitir lições edificantes à comunidade.

O próprio Professor já comparecera a algumas reuniões com esse objetivo. Embora jamais se confessasse religioso, fazia verdadeiras  perorações aos fieis. Concitava-os a seguir o caminho estreito do bem e a ajudar na construção da cidade. O líder da comunidade já se tornara um símbolo e nos dias em que comparecia às reuniões, que o *Jornal da Cidade*enfaticamente divulgava, o lugar ficava repleto e muitas vezes era preciso usar uma aparelhagem de som para que todos pudessem ouvir.

A dirigente Iolanda também já falara aos frequentadores. Confessava-se católica em sua vida anterior, mas admirava o caminho religioso tomado pela

comunidade. Segundo ela, forjara-se ali uma nova maneira de ver e sentir a vida terrena e celeste. Com certeza Deus haveria de entender aquilo, porque ela, mortal e imperfeita, já o fizera.

A comunidade sentia-se satisfeita com o rumo que havia tomado e muitos atribuíam a Deus suas conquistas. Mais do que o céu, a população desejava conforto e segurança terrenos. O sobrenatural achava-se cada vez mais afastado do pensamento popular, ainda que a frequência à Igreja e a fé que a maioria das pessoas professava testemunhassem em contrário.

Por outro lado, durante os cinco anos transcorridos, a cidade já assistira a algumas contestações ao poder. Algumas de menor peso, outras mais violentas. Até mortes haviam sido registradas. Tais atitudes, no entanto, visavam a obtenção de benesses ou mesmo a possibilidade de fuga. Surgira, porém um novo movimento, este de caráter político.

O poder exercido pela turma do Professor por tanto tempo, assim como os fatos já referidos, inspiraram um grupo de moradores a fundar a oposição nos limites das normas impostas e com integral respeito aos adversários. O grupo não era grande, porém fiscalizava os atos dos administradores e aspirava abertamente ao poder.

Duas reivindicações ocupavam então a plataforma do movimento: o envio de mulheres indicadas pelos moradores, evitando-se, assim, a proliferação do homossexualismo involuntário e a abertura de espaço na emissora de televisão para divulgação das ideias norteadoras do grupo.

Os dirigentes da cidade toleravam a oposição por perceber que ela agia às claras, porém não se mostravam dispostos a atendê-la. Afinal, contavam com o apoio da população e não viam razão para concessões além dos limites impostos. O poder seria exercido em favor de todos e a administração não podia, portanto, correr o risco de contestações desnecessárias.

Outra questão que vinha sendo tratada havia algum tempo com a comissão eram os possíveis casamentos de moradores com mulheres do mundo livre. Havia, entretanto, indecisões de ambas as partes. Por um lado, os administradores da cidade viam com dúvidas a chegada de mulheres sem relacionamento anterior com os pretendentes, convictos de que isso podia resultar em prostituição. Os membros da comissão, por outro lado, vislumbravam a quebra do regulamento a que estava submetida a cidade, pois tal situação não estava prevista. Era preciso, antes de mais nada, reformar a legislação nesse sentido.

A oposição, enquanto isso prosseguia em sua trajetória, certa de que, mais cedo ou mais tarde, alcançaria seus objetivos. As decisões contrárias aos seus

propósitos estranhamente a animavam. Entretanto, não haveria lugar para oposição se todos estivessem de acordo. Na verdade, algumas vitórias já haviam sido obtidas, sem que fossem contabilizadas a seu favor. Rememoravam o acréscimo de leite na bolsa alimentar que, tão logo defendido pelo grupo, fora acatado como obra da administração.

Apesar da postura de oposição, a população, em sua quase totalidade, apoiava as atitudes da administradora Iolanda e sua equipe. Eram comuns as expressões de louvor quanto ao seu desempenho e até o rosto e o comportamento das pessoas denotavam tal convicção.

Tornou-se um hábito de Iolanda, nos intervalos do trabalho e de seus cuidados com os filhos, andar pelos diversos pontos da cidade a conversar com os habitantes, a fim de inteirar-se dos problemas e ouvir sugestões para o aprimoramento de sua administração. A liderança natural a tornava admirada por quase todos e lhe dava autoridade para as decisões de que se encarregava. Os próprios componentes de sua equipe a admiravam e sentiam-se confiantes em sua atuação como líder.

Professor estava feliz com sua companheira, seus filhos e com a comunidade que fundara. Na ocasião, era uma espécie de autoridade superior que não se envolvia com as questões administrativas, a não ser a emissão e controle da moeda e a execução das penas mais graves. Ele próprio esquecera-se de sua vida de prisioneiro. Já não se considerava como tal e tampouco o faziam os habitantes da cidade. Os cabelos, que começavam a embranquecer, e as rugas visíveis em seu rosto emprestavam-lhe um ar de respeito. Os moradores se regozijavam quando recebiam uma saudação de sua parte ou quando tinham oportunidade de cumprimentá-lo.

O casal dirigente vivia bem e servia como um espelho para a comunidade. Seus filhos estavam sendo educados para o exercício de algum cargo de relevo na localidade. O homossexual, recuperado, porém com as marcas da agressão de que fora vítima, voltou para casa. Aliás, era ele testemunha da boa convivência de Professor e Iolanda. Já não se sentia um estranho na família. Costumava dizer que aquela era também sua casa e que, não fosse a sua idade, consideraria Professor e Iolanda, seus pais. Entretanto, atribuía-lhes importância maior do que aos pais verdadeiros, os quais pouco conhecia. Lembrava-se apenas do repúdio da mãe quando soubera de sua tendência sexual.

Apesar de todos os aspectos positivos, Professor andava preocupado. Tinha certeza de que Alex não agira apenas com seu companheiro executado. Havia indícios da participação de outras pessoas no evento que resultara em sua condenação. Estava convencido de que, dada a dificuldade de identificação dos

envolvidos, sofreriam um novo ataque. Alertava constantemente os vigilantes para essa possibilidade.

Em conversa com Cambaio, demonstrou sua preocupação e procurou com ele uma saída para o problema. Se deixasse transparecer a insegurança que sentia, a paz da população poderia ser afetada. Cambaio não havia pensado em qualquer desdobramento do episódio, mas concordava com Professor: se de fato os cúmplices não identificados existiam, mais cedo ou mais tarde haveriam de agir. Embora não houvesse possibilidade de fuga, uma ação daquela natureza representaria uma verdadeira contestação ao poder constituído.

Iolanda estava ciente das conjeturas de seu marido e de sua íntima convicção de que algo estava para acontecer. Contudo, segundo ela, tudo aquilo não passava de pressentimento.

Certo dia, porém, uma carta anônima denunciou mais dois participantes do antigo movimento, fornecendo seus nomes e endereços. Um deles foi imediatamente preso; o outro percebendo a ação dos vigilantes escondeu-se.

As buscas mobilizaram a segurança, sob o comando do próprio Professor. As casas suspeitas foram fiscalizadas e, por sugestão de alguns moradores, as que não eram objeto de nenhuma desconfiança sofreram uma revista. Também as dependências que abrigavam as diversas atividades foram examinadas. Passados alguns dias, o resultado era negativo.

Foi então que um dos vigilantes aventou que o esconderijo só poderia ser assim tão seguro se estivesse sendo usada a residência de um dos administradores da cidade, já que as mesmas não haviam sido investigadas.

Aceita a ideia, Professor decidiu começar por sua própria casa, em cujo interior o homem não foi encontrado. No entanto, em pequeno abrigo para guardar objetos construídos no quintal, foram achados vestígios de presença humana. À medida que o grupo se aproximava, mais se evidenciavam tais indícios: notavam-se restos de alimentos e cascas de frutas entre as tralhas ali acomodadas.

Professor determinou que seus acompanhantes cercassem o local, onde ele mesmo ingressaria em busca do homem que procuravam. Já havia quase convicção de que ele estaria ali.

O líder deu dois passos na direção do interior do aposento e recebeu uma paulada na cabeça. Rodopiou em torno de si próprio e recebeu outra pancada e mais outra. Já estava morto quando seus companheiros o alcançaram. A posterior submissão do agressor nada significou naquele momento. Professor era uma figura pública, quase um símbolo, e todos sentiam-se parcialmente responsáveis

por sua morte. Mas a cidade dos prisioneiros haveria de continuar, motivada por tudo aquilo que ele representava. A cultura ali implantada testemunharia a atuação de Antônio José da Silva, o Professor.

# Fim